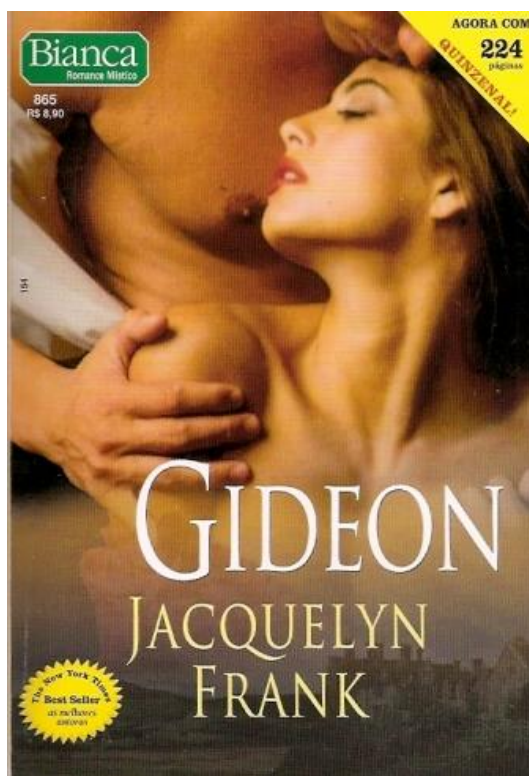


Gideon

Gideon

Jacquelyn Frank



(Nightwalkers 02)

Desde o início dos tempos existem os Nightwalkers – seres noturnos que vivem nas sombras da lua, e que agora estão sendo perseguidos por humanos praticantes de magia negra. De repente, a batalha se torna pessoal demais para... Gideon!

Por muito tempo Gideon resistiu ao desejo primitivo e poderoso que sente por Magdalegna, irmão do rei dos demônios. O exílio então, lhe pareceu a única solução. Até o dia em que os feiticeiros humanos dominaram seu povo, atrevendo-se a reivindicar a mulher que ele ama. Agora, o destino exige que ele intervenha... porém a paixão poderá destruí-lo pra sempre...

Digitalização: Mary Rose

Formatação: Crysty



Prólogo

Devemos nos fortalecer ainda mais severamente agora que o tempo se aproxima. Na era da rebelião entre a Terra e o Céu, quando Fogo e Água caem como o caos sobre todas as terras, o Mais Velho do velho retornará, tomará seu par, e o primeiro filho do elemento do Espaço nascerá, companheiro de infância do primeiro filho do Tempo, nascido de Defensores ...

A Profecia Perdida do Demônio

O vampiro estudou o Demônio diante dele com um longo e contemplativo olhar. Os centros negros de seus olhos eram ligeiramente ovais, como se flutuassem naquele mar azul de calma enganosa, o contorno estranho o bastante para despertar a curiosidade de um observador, convidando-o à aproximação, a estudá-los de maneira um pouco mais profunda, a cair neles como um inseto cai em uma teia bem urdida. Como essas tentações não podiam atrair o Demônio, a única intenção do vampiro era promover um estudo mais próximo. Sim, mas para decifrar o propósito da figura silenciosa.

Com paciência e simpatia atípicas, o vampiro se reclinou na cadeira e cruzou um tornozelo sobre o outro. Como sempre, o Demônio ganhava tempo antes de falar sobre o que tinha em mente, o que quer que houvesse levado o ancião ao covil do vampiro. E era bom que ele pensasse muito antes de falar, porque, quando falava, era sempre para depositar verdades brutais aos pés de quem o ouvia. Uma característica admirável, mas nem tão revigorante quanto se pode imaginar, especialmente quando essas verdades anunciam ocorrências cruciais na vida dos Nightwalkers, as raças dos seres da noite.

Desde o início dos tempos, eras antes dos mortais se espalharem pela Terra como uma pandemia incontrollável, havia os Nightwalkers. As culturas da Sombra. Aqueles que buscavam na lua sua luz, e dormiam ou se escondiam do sol quando seus raios ácidos tentavam tocar pele ou mentes suscetíveis. Os clãs governavam como os animais selvagens da Natureza, seus dons especiais enraizados em seus meios, no centro pulsante e magmático de seu coração. E apesar de na era moderna os mortais serem a população dominante por uma porcentagem dramática, os Nightwalkers ainda viviam. As culturas da Sombra eram preservadas, cada uma com seus métodos e tradições, cada uma cavando

nichos em lugares isolados e inóspitos demais para os humanos. Algumas se adaptaram e viviam agora na periferia das sociedades humanas, emulando ou desfrutando das coisas mortais... ou de um similar cauteloso. Quase todos os clãs seguiam leis e crenças sobre até onde seus membros podiam ir nesse contato com os seres humanos.

O tempo não havia cortado os elos dos Nightwalkers com lua ou sol. Erros e inimigos reduziram drasticamente as fileiras de todos os diferentes clãs de uma maneira ou de outra, e ainda assim eles sobreviveram - quietos, desconhecidos pelos mortais em sua maioria, buscando caminhos para encontrar harmonia em um mundo em rápida transformação. Mas o mundo havia mudado antes, e mudaria outra vez, e haveria sempre Nightwalkers para dançar sob a lua e dormir escondidos do sol.

- Você não aparece há muito tempo, Gideon - o vampiro observou, dominado pelo temperamento caprichoso de seu povo e decidindo que já havia esperado demais pela manifestação espontânea do Demônio. - Não esperava vê-lo.

Gideon ergueu os olhos frios e prateados da delicadeza do raro leite de zebra que ele girava preguiçoso em seu copo. O leite exótico era o álcool de um demônio. Era a prova de que, apesar de os Nightwalkers se assemelharem aos humanos, geralmente aos mais belos e apreciáveis, havia diferenças entre suas químicas e fisiologias. Essas distinções os destacavam como seres sobrenaturais aos olhos comuns, caso eles decidissem exibi-las.

Mas os Nightwalkers eram muito cuidadosos nisso. Os humanos podiam se exaltar exageradamente ao menor sinal de mito ou mistério. Fazia parte da natureza deles temer o que era mais poderoso, uma deficiência que não seria suprida até que amadurecessem como uma espécie.

Embora mantivesse a expressão imutável, como sempre, o vampiro estava impressionado, também como de costume com o efeito do olhar de mercúrio líquido do Demônio. A aristocrática aparência facial de Gideon não demonstrava que ele já vivia por mais de um milênio, mas o tempo estava em seus olhos, intensamente destacado pela pele eternamente bronzeada.

O Demônio ancião também tinha cabelos da mais radiante prata, longos o bastante para tocar o colarinho, mantidos presos por uma fina tira de couro castanho. Nos humanos, esse traço seria um sinal de envelhecimento, mas o vampiro sabia que Gideon havia nascido com os cabelos dessa cor e, apesar

dela, jamais exibira a aparência de alguém com mais de trinta e cinco anos, quarenta, talvez, se o observador levasse em conta aquele olhar.

- Se você se sentiu insultado de alguma maneira por minha demora e por meu silêncio, Damien, peço desculpas - o Demônio disse com maneiras distantes, a voz rica preenchendo os espaços do grande aposento.

Damien desprezou a idéia com um estalar de língua e um gesto de mão.

- Somos criaturas dos tempos, Gideon. Há muito aprendemos a não nos sentir ofendidos quando um de nós se isola por alguma razão. Mas admito que estou curioso quanto ao motivo de sua visita depois de tanto tempo.

- Receio que não seja uma visita social, como eu gostaria que fosse. Estou aqui para preveni-lo.

- Prevenir-me? - Damien arqueou uma sobrancelha.

- Sim. Trago um aviso. Como o mais antigo de minha raça ao mais antigo da sua.

Damien reconheceu a reverência com uma graciosa inclinação de cabeça.

- Apesar das vastas diferenças entre nossas raças, Gideon, você e eu sempre tivemos muito em comum.

- E é um desses pontos em comum que me traz agora a sua porta. Um inimigo comum.

O vampiro ergueu os ombros tomado por súbita tensão.

- Nigromantes. - Não era uma questão. Ambos estavam vivos havia tempo suficiente para saber o que era importante e comum às duas raças. Levantou-se e começou a andar pelo salão cavernoso. - Maldição! Eu devia saber. Devia ter sentido que havia algo de errado.

- Por quê?

- Gerard está desaparecido. Pensei que ele tivesse simplesmente voltado à Terra, como meu povo faz de tempos em tempos, mas Gerard despertou há pouco de um sono de um século, e julguei estranho que ele retomasse tão depressa.

- Bem, ainda assim, é possível que seja só isso.

- É possível - concordou o vampiro. - Mas ele não é o único desaparecido, e você sabe tão bem quanto eu que é pouco provável que isso seja uma coincidência. Tem idéia de quantos temos de enfrentar nesses tempos? - Gideon

se deteve, os punhos cerrados e os olhos cintilando com o evidente desprezo pelos odiosos humanos que usavam magia negra para atormentar as raças dos Nightwalkers. - Como fui tolo por esperar que, depois de um século sem nigromantes, não tivéssemos mais de aturá-los! É embaraçoso para minha inteligência falar sobre isso agora.

- Você não foi mais ou menos tolo que o restante de nós. E eu sou o mais ridículo de todos.

Gideon fez uma pausa tensa e prolongada, e os sentidos aguçados e sobrenaturais de Damien entraram em imediata sintonia com os pensamentos perturbados do Demônio. Mas, por respeito, Damien nem pensou em fazer uma leitura da mente de Gideon para ter acesso a esses pensamentos.

- Além do retorno desses nigromantes - Gideon prosseguiu, a voz profunda tão modulada e estável quanto antes, como se nada de diferente houvesse acontecido, descobrimos que Druidas ainda existem.

- Druidas?

Agora Damien estava realmente surpreso. Não havia Druidas por um milênio, pelo menos! A reaparição era menos provável do que o retorno dos terríveis nigromantes. Ele sabia que Demônios e Druidas haviam travado uma terrível guerra, com a história registrando que os Demônios haviam erradicado toda a raça dos Druidas.

- Como obtive essa informação? - perguntou curioso.

- Eu os encontrei - disse Gideon. - São híbridos, de descendência parcialmente druida, parcialmente humana. Aparentemente, os Druidas se esconderam entre os humanos há séculos, desde aquela última batalha, fugindo dos Demônios que os caçavam.

- E se misturaram a eles - Damien deduziu. - E ainda são puros o bastante para terem habilidades de Druidas, mesmo depois de tanto tempo?

- Pureza ... - Os lábios de Gideon se distenderam na ameaça de um sorriso gelado, a expressão da ironia que o inundava. - Parece que a pureza é menos poderosa que essa fusão particular de raças. Existem apenas dois Druidas ativos nesse momento, ambos sob a proteção de Demônios, ambos muito invejados. - Ele inclinou a cabeça e baixou a voz. - Pela maioria - concluiu.

- Ainda não encontrei uma cultura de perfeita uniformidade em qualquer aspecto. Era de se esperar. Bem, pelo menos não foram recebidos com

hostilidade.

- A guerra já foi esquecida. Os mais velhos de nós, os que ainda poderiam ter algum ressentimento, já pereceram, exceto por mim, e estou muito além desses impulsos infantis. - Sem dúvida.

- A primeira druidesa é a parceira de nosso Defensor, e a outra será parceira do irmão mais jovem dele.

- Mulheres?

- Sim. Uma delas... é poderosa de maneiras inesperadas. Maneiras que não tenho liberdade para discutir no momento. A outra desperta para essas habilidades muito mais devagar, mas tenho razões para crer que será igualmente poderosa. E única. E também é claro que elas estão apenas começando.

Damien sentou-se, ajeitando as vestes negras sem nenhuma pressa enquanto refletia sobre as informações de Gideon. Tinha o hábito de analisar cuidadosamente palavras e entonações daqueles com quem conversava, e sabia, por exemplo, que Gideon ocultava informações. Mas o príncipe dos vampiros sentia também outras nuances na história, coisas que prometiam ser fascinantes e perigosas.

- Suponho que esteja guiando esses... híbridos? Não gosto da idéia de termos seres poderosos e livres vagando por nosso mundo. Já basta os nigromantes. Sem mencionar os Nightwalkers menos dignos que sempre existiram entre nós.

- É estranho que formule questão tão desnecessária -Gideon comentou com tom sereno, bebendo pequenos goles do leite cujo buquê ele aspirava lentamente, saboreando-o. - Às vezes encontro conforto em verbalizar uma inquietação e obter uma resposta que me tranquilize. Sei que vai fazer o que puder e tiver de fazer. Ainda mais, se considerarmos sua história com os Druidas. - Damien ergueu o próprio copo e inspecionou o líquido vermelho nele contido. - Sempre achei que a erradicação dos Druidas foi um ato maldecidido, mas naquele tempo, se bem lembro, os vampiros eram avarentos o bastante para apreciarem a idéia de Demônios e Druidas eliminando uns aos outros, fazendo-nos mais poderosos. Eu era jovem nesse tempo, mas lembro que o pensamento comum era não interferir nos assuntos dos Demônios, porque não cabia a eles interferir em nossos assuntos.

- Se naquele evento houvesse ocorrido tal intervenção, talvez tivéssemos poupado muitos seres de tremendo sofrimento - Gideon especulou.

O Demônio ancião falava com tom neutro e aparente praticidade, mas Damien era idoso e sábio demais para não perceber o peso que essas palavras levavam à alma de Gideon.

- A guerra ainda pesa na memória de todos- ele respondeu com honestidade. - Eu mesmo, no tédio e na impulsividade da juventude, participei da guerra do meu povo contra o seu, quatro séculos atrás.

- Aprecio sua tentativa de apagar minha culpa, Damien, mas sugiro que invista sua energia em outras ações. Gideon deixou o copo sobre a mesa a seu lado, e o som do cristal sobre a superfície de vidro polido sugeriu que ele não se sentia tão equilibrado e distante quanto queria demonstrar. - Tenho plena consciência da minha participação nas atrocidades da nossa guerra com os Druidas e do preço que os Demônios pagaram por isso. Pode ser que uma pequena parte de minha absolvição esteja nas mãos dos que virão depois das duas druidesas, mas meus pecados são grandiosos demais para que se possa esquecê-los facilmente.

- Nenhum pecado que pese sobre uma alma por um milênio é grande demais para ser perdoado, Gideon. É o que espero.

Gideon não protestou. Ambos tinham sobre os ombros pesadas cargas de pecados, e nenhum dos dois ousava atacar a esperança do outro. Era estranho que, depois de tanto tempo, eles ainda a tivessem. Gideon sempre pensara que essa coisa chamada esperança era só um mecanismo de defesa. Era uma criatura cínica, e quem o conhecia jamais poderia discordar disso, mas muitos se sentiriam chocados se soubessem que ele ainda esperava encontrar algum alívio para a culpa que o torturava e uma medida de absolvição para seus erros. Não costumava explicar seus atos ou pedir desculpas por eles. Era o mais velho de sua raça e, nessa posição, tinha o privilégio de fazer o que bem entendesse, e isso porque, por alcançar idade tão avançada, supunha-se que ele havia aprendido o suficiente para saber como agir.

Um bom exemplo era sua presença no covil do príncipe vampiro sentado a sua frente. Em sua própria raça, Damien era o espelho da posição e do poder de Gideon. Vampiros e Demônios não eram inimigos, mas também não eram grandes amigos. Havia dos dois lados indivíduos que mal toleravam os do outro grupo, e outros que expressavam abertamente o antagonismo. Mas

a mesma situação se repetia em diferentes sociedades desde o início dos tempos. Não havia paz perfeita, pois existia no mundo coisas como livre-arbítrio e ignorância obstinada, mesmo em raças tão antigas e poderosas, tão renomadas por sua inteligência e pelo raciocínio sofisticado.

Eram a essas falhas que ambos se referiam quando falavam de seus aspectos mais "humanos".

- Quanto a sua pergunta anterior, Damien, ainda não se sabe ao certo com quantos nigromantes estamos lidando dessa vez. No entanto, recentes experiências e interrogatórios indicam, a meu ver, que eles vêm crescendo silenciosamente em número já há algum tempo. Foram suas recentes atividades que os tornaram visíveis para nós.

- Houve intimações? - Damien perguntou perturbado.

O ato de intimar, quando um nigromante raptava e mantinha cativo um Demônio, era o pior destino que os seres dessa raça conheciam. Capturado e bombardeado pelas artes mais negras e vis, o demônio se tornava uma criatura sem mente ou coração, uma figura muito mais próxima da imagem amplamente aceita pela raça humana. Sem dúvida, era esse efeito obtido pelos nigromantes ao longo de muitos séculos que acabara por imprimir a imagem e transformá-la em lenda humana. Como sempre, o mito continha mais de uma pequena dose de verdade.

As raças Nightwalkers eram a prova viva disso.

- Várias - Gideon respondeu sombrio. - Não posso nem começar a explicar as ramificações que isso causa em minha raça.

- Não precisa explicar. Nigromantes raramente se atêm a raça dos Demônios, como você sabe. Sem dúvida, logo começaremos a encontrar as cinzas de indivíduos da minha raça e de outros Nightwalkers torrando ao sol.

- O único consolo que tenho a oferecer nesse momento é que, depois do rapto da irmã de nosso rei, não houve mais nenhum caso de intimação. Os nigromantes estão quietos.

- O silêncio pode ser tão ameaçador quanto a ação. - Damien murmurou, batendo o anel de um dos dedos contra o cristal do copo em sua mão.

- Concordo. Esses humanos praticantes de magia negra são mesmo arrogantes. Não ficam quietos por muito tempo. Só o suficiente para reagruparem-se. Por isso vim preveni-lo, Damien. Sei que eles vão voltar, e

devemos estar todos preparados.

- Eu agradeço. Esteja certo de que alertarei meu povo.

Capítulo I

- *Siddah! Siddah* Legna!

Magdalegna virou-se ao ouvir a voz aguda. Ela mal teve tempo de olhar por cima de um ombro antes de um menino agarrar suas pernas por trás e quase derrubá-la de joelhos. Rindo, ela se virou para estudar a criatura agarrada em suas saias.

- Daniel! Está puxando o cabelo de sua tia - ela o censurou com doçura, soltando as longas tranças das mãos pequeninas em seus joelhos. Segurando as madeixas castanhas, ela as reuniu entre as mãos e depois as jogou por cima de um ombro para salvá-las do entusiasmo do sobrinho.

- Mamãe está muito zangada comigo! Por favor, não deixe ela me bater!

Legna suspirou irritada, removendo o sobrinho de suas pernas de forma a poder se abaixar e fitar os olhos do pequeno.

- Sua mãe é minha irmã, meu bem, mas isso não me dá o direito de impedi-la de punir um filho que se comportou mal. Ela também me castigava quando eu era pequena e me comportava mal. - Legna tentou suprimir um sorriso ao ver a expressão de horror e impotência no rosto infantil. Lembrava bem como a irmã era capaz de ser severa em suas punições, por isso tinha o coração tomado por uma onda de compaixão. - Além do mais, você esteve aqui pedindo ajuda há dois dias. Já se meteu em confusão novamente?

- Mas, tia Legna, você é minha *siddah*. Pode dizer a ela para não me bater.

- Daniel, justamente por ser sua *siddah* devo encorajar sua mãe a discipliná-lo. Quando chegar a hora de abrigá-lo, eu também serei muito severa com você. Prometo, meu querido, que serei uma professora muito austera. E minha primeira lição para você vai ser que deve enfrentar as conseqüências de seus erros. É como fazem todos os homens de bem.

- Mas eu não sou um homem. Sou um menino. Só tenho seis anos.

- É verdade, você é só um menino. Mas quantas vezes me disse que

deseja ser um homem tão corajoso e forte quanto seu tio? Você afirma que um dia será o rei de todos os Demônios, como seu tio Noah. Que tipo de rei seria você, se tentasse fugir das consequências de seus erros?

- Não seria um bom rei. - Daniel abaixou a cabeça e olhou para o chão, tentando esconder da tia as lágrimas que brotavam em seus olhos azuis. - Mas eu também não queria ser um mau menino. Não foi de propósito.

Legna suspirou mais uma vez, tomada por forte piedade.

- Eu sei. Acredito que queira ser um bom menino. No fundo do coração, era isso que você desejava.

- Bem, espero que meu filho aprenda a seguir seu coração um dia - anunciou uma voz seca da entrada do arboreto.

Legna levantou-se, ergueu os ombros e sorriu para a irmã Hannah, que se aproximou para pegar o filho nos braços e colocá-lo sobre um ombro.

- Porém, por enquanto, já que ele insiste em fazer travessuras, como se esconder sob a mesa do Grande Conselho durante a sessão, ele deve ser punido.

- Daniel! Você não fez isso - Legna censurou o menino, fazendo-o corar intensamente.

- Eu não queria ... Só estava brincando de esconder com tio Noah.

- Da próxima vez, comece a brincadeira informando seu tio que ele participa do jogo, em vez de esperar que ele descubra da maneira mais difícil. Agora, vamos para casa. Você vai para a cama e pensar no seu comportamento até seu pai voltar. Depois vai discutir o assunto com ele. Agora vamos. - Hannah pôs o filho no chão e deu um tapa em seu traseiro para mandá-lo na direção certa. - Encontre sua *li·li·li* e volte para casa. - Hannah usou seu poderoso senso de localização para descobrir onde estava a babá do menino. - Ela está no quarto com suas irmãs. Talvez, se estiver quieto em sua cama quando eu chegar em casa, eu reconsidere minha decisão de contar a seu pai sobre sua última travessura.

- Sim, mamãe - Daniel concordou, voz e cabeça baixas numa atitude contrita. Ele se retirou do arboreto a caminho do grande salão, antes de desaparecer além da porta, o pequeno lançou para a tia um último olhar suplicante.

- Daniel, já vi lesmas se movendo mais depressa - censurou-o Hannah.

- Ele é terrível, minha irmã - Legna comentou. - Espero que não tenha pressa em aumentar a prole, como sei que pretende fazer. Já são seis!

- Eu jamais faria tal coisa, irmã - Hannah respondeu rindo. - Daniel e Eve já serão ocupação mais do que suficiente para você no próximo século. E como Noah também é padrinho dos dois, você não vai estar sozinha na tarefa de treiná-los.

- Isso torna tudo mais fácil, desde que eu ainda esteja sob o teto de nosso irmão quando chegar o momento de entregar as crianças a nós.

A mulher de longos cabelos negros com reflexos vermelhos encarou a irmã. Séria, ela pousou uma das mãos sobre seu ombro, adotando uma postura que lembrava muito a de Noah.

- Legna, está insinuando que pensa em sair da casa de nosso irmão? Não é feliz aqui?

- Noah é rei, o mais reverenciado de todos os Demônios, um dos mais poderosos Demônios do Fogo de nossa história. Ele é amoroso e atencioso, e seu poder e responsabilidade o tornam ainda mais sensível às necessidades daqueles que o cercam. Estou sempre ocupada aqui, não só como dona da casa e responsável pela ordem no castelo, mas como valiosa diplomata em sua corte. Jamais me sentiria infeliz sob o teto de nosso irmão.

- Bem, não infeliz, mas... carente, então? - Hannah segurou o queixo da irmã mais nova e ergueu seu rosto, fitando-a. - Posso não ser grande leitora de pensamentos, como você, mas sei quando minha irmã está emocionalmente perturbada.

- Está enganada, Hannah - Legna respondeu, afastando-se do toque da irmã para concentrar-se mais uma vez na planta que se preparava para podar quando fora interrompida pela chegada dos familiares. - Nada me falta aqui, e não tenho nenhum desejo de partir. Mas ainda teremos cinco anos, mais ou menos, até Eve chegar à idade de treinamento, e ainda mais tempo até chegar a vez de Daniel. Muitas coisas podem acontecer mesmo nesse curto espaço de tempo. Eu estava apenas refletindo... Não é nada com que deva se preocupar.

Hannah ainda não estava convencida, e teria insistido na conversa se, nesse momento, Noah não entrasse no arboreto.

- Hannah, se não der um jeito naquele seu pequeno tormento, eu mesmo vou cuidar disso!

- Noah, por favor, você sabe que Daniel não tem a intenção de causar mal. Ele é só um menino. - A mãe defendeu o filho, como se ela mesma não houvesse estado furiosa há pouco.

- Hannah ... - Noah repetiu com tom duro, tanto quanto ousava usar, sabendo que a irmã, também tinha um temperamento muito semelhante ao dele.

Legna os estudava atenta, tentando adivinhar qual dos dois perderia a cabeça primeiro, considerando que ambos eram ligados a um elemento que tornava o sangue quente. Felizmente, Demônios do Fogo eram raros.

Cabia sempre a Legna, a empata e consumada diplomata, leitora habilidosa de sentimentos e pensamentos, discernir qual deles estava mais próximo da explosão e acalmar a situação. Hannah e Noah se amavam profundamente, mas esse amor era sempre mais forte quando não estavam muito próximos um do outro, e era definitivamente mais forte quando eles não defendiam posições opostas em um confronto de opiniões.

- Hannah, o menino pode ter escutado coisas que vão perturbá-lo. - Noah avisou sério.

- Coisas? Que coisas? - Hannah perguntou aflita, a mão subindo ao pescoço para manusear com evidente nervosismo a linda gargantilha de rubi, presente que o marido dera a ela na noite de núpcias. Normalmente, não se deixava atribular por emoções, mas o gesto de manipular a gargantilha era evidência de sua inquietação naquele momento.

Cada um dos três demônios reunidos no arboreto tinha conhecimento dos recentes problemas que atormentavam a raça dos Nightwalkers. A própria Legna havia sido uma das vítimas ao sofrer a intimação de quatro nigromantes dispostos a usurpar seus poderes e os de seus companheiros para usos e fins escusos. Não fosse pela intervenção da Divina Providência e pelos talentos recém-desenvolvidos de uma amiga druidesa, Legna estaria morta. Ou pior. E seus temores tinham fundamento, considerando as circunstâncias.

- Não há nenhuma novidade que justifique a sensação de estar ameaçada agora, Hannah. Tente se controlar. - Noah continuou. - Porém, estávamos discutindo métodos para lidarmos com os nigromantes, caso os encontremos novamente no futuro. Não preciso explicar que ouvir Defensores e guerreiros debatendo sobre as melhores táticas para nos livrarem dessa ameaça não é apropriado para ouvidos de um garoto de seis anos de idade.

- Tem razão, meu irmão. Sinto muito. Vou procurar Daniel agora mesmo.

- Hannah. - Noah segurou o braço da irmã quando ela tentou passar por ele, detendo-a e tocando sua face com grande ternura. - Eu amo meu sobrinho, como sabe, e me preocupo com ele. Não quis ser ríspido.

- É seu dever preocupar-se com todos nós. E eu sei que, no presente, essa é uma carga muito pesada. Vou cuidar de Daniel.

- E no futuro, eu olharei sob a mesa do Conselho antes de começar uma reunião - Noah anunciou com uma piscada bem-humorada que a fez rir. Hannah beijou-o no rosto e, com um repentino tremular das linhas de sua esguia silhueta, girou em torno de si mesma, desaparecendo numa coluna de fumaça que se deslocou como um pequeno tornado, penetrando no castelo por uma janela aberta do grande salão.

Noah se virou para a irmã caçula, erguendo uma sobrancelha numa expressão eloqüente. Legna correspondeu ao gesto imitando-o.

- Parabéns. - Ela aplaudiu com um sorriso que sugeria humor e até um certo deboche carinhoso. - Pensei que jamais aprenderia a arte da diplomacia. Levou apenas dois séculos e meio, todo o tempo da minha vida. Mais do que isso, considerando que é mais velho que eu alguns séculos.

- É engraçado como só lembra essa grande diferença de idade quando lhe interessa, minha irmã - ele provocou, estendendo a mão para puxar suas tranças como fazia desde que ela era só uma menina.

- Bem, posso dizer com certeza que essa foi a primeira vez que o vi optar pela paz, em vez de promover um violento confronto com Hannah. Já me perguntava se era mesmo meu irmão, ou um impostor...

- Legna, cuidado! Está pronunciando palavras de traição! - ele a provocou rindo, puxando suas tranças mais uma vez, o que a fez virar-se e bater em sua mão.

- Não sei como convenceu o Conselho de que era maduro o bastante para ser rei, Noah! É tão infantil! - Legna se contorceu com agilidade fluida para escapar dos dedos que tentavam agarrar seus cabelos novamente. - E se puxar meu cabelo mais uma vez, juro que o farei dormir e rasparei sua cabeça.

Noah levantou as mãos num gesto de rendição. Rindo ao ver a irmã corar de irritação. Apesar da graça e das maneiras elegantes de dama bem preparada, Legna era perfeitamente capaz de cumprir a cruel ameaça que

acabara de fazer.

- Estou falando sério, Noah. São quase sete séculos...

Por que não se comporta como convém a sua idade?

- Não tenho feito outra coisa nesses últimos meses, Legna. Só com você sou capaz de relaxar. Acredito que não devemos desistir nunca desse nosso lado infantil onde reside a capacidade de amar, divertir-se e rir. E enquanto eu puder manter meu coração jovem, minha irmã, farei tudo que estiver ao meu alcance para lembrá-la de preservar essa alegria.

Legna sorriu e beijou o rosto do irmão, demonstrando ternura e apoio incondicional. Estivera provocando o rei dos Demônios, tentando promover uma de suas conhecidas explosões, mas de repente se arrependia disso. Sabia que o irmão estava atribulado com as demandas e necessidades prementes de sua raça. Deixaria que ele puxasse suas tranças até arrancá-las, se isso pudesse servir para aliviar um pouco o estresse imposto por seus severos e inadiáveis deveres.

- Você me diz isso e outras coisas semelhantes quase todos os dias, Noah. - Ela parou para remover as mãos dele de seu rosto e envolvê-las com as dela. - Sempre foi muito carinhoso e atento comigo.

- Não há nada de errado ou ruim em um irmão demonstrar à adorada irmã a medida de seu afeto - ele respondeu, acompanhando-a para fora da área do arboreto onde havia uma exuberante estufa.

- Sim, eu sei. E reconheço sua atenção comigo durante todos esses anos - ela concordou assentindo. - Porém, desde a intimação...

Ele parou e se libertou das mãos que seguravam as dele.

- Não quero falar sobre isso. - A voz soava várias oitavas mais baixa, temperada por uma súbita raiva que ele não conseguia disfarçar. - Acabou, Legna. Os monstros que ousaram roubá-la de mim estão mortos. Você está aqui, segura, e esse é o fim da história.

- Quem pensa que pode proteger recusando-se a discutir essa questão? - Legna decidiu que era hora de se colocar com maturidade. Já havia adiado o momento daquela conversa por tempo demais. - Se estou segura, como vive repetindo, por que não podemos falar sobre o que aconteceu? Ainda pensa em se esconder atrás de Isabella, a responsável por eu não ter me tornado uma transformada? Devemos proteger Isabella! Ela é um bem precioso. Isabella, a

Defensora, e seus poderes especiais de híbrida. Ela é druidesa e humana! Oh, não vamos revelar como ela me salvou, ou corremos o risco de despertar esperança nos outros, talvez até colocar em perigo nossa adorada Bella! - O tom de Legna era agora sarcástico, e seus olhos verdes brilhavam intensamente. - Noah, não há mais ninguém aqui. Só você e eu. Quero que olhe para mim e fale sobre os motivos que o levam a evitar essa conversa mesmo quando estamos sozinhos.

- Legna... - Noah parou como se enfrentasse um grande dilema. Seus olhos, idênticos aos da irmã em cor e expressividade, estavam perturbados. - Palavras jamais expressarão a profundidade do sentimento de perda que experimentei no dia em que você se dissolveu em névoa diante de meus olhos. Naquele momento eu jurei que, se pudesse trazê-la de volta sã e salva por algum milagre, nunca mais permitiria que sua vida corresse algum risco. Se não discuto esse assunto com você é porque não suporto reviver a dor daquele momento, nem posso enfrentar o medo de que isso torne a acontecer. É horrível. Paralisante. - Ele a encarou com os olhos cheios de terror. - E essa família, esse reino... Nada pode funcionar sob o comando de um rei paralisado por medo e dor dessa magnitude. Suplico para que abandone esse assunto por hora. Se não por sua segurança e pela segurança dos outros envolvidos, por minha paz de espírito.

Legna ficou quieta, captando nas batidas do próprio coração a intensidade dos sentimentos do irmão. Seu medo era palpável, mas estranho. Noah era o homem mais forte e corajoso que já conhecera, e era chocante sentir nele uma emoção tão debilitante. Mas ainda pior era saber que ele escondia alguma coisa.

Com efeito, era como mentir para ela. Mesmo que não fosse capaz de sincronizar seus sentimentos com os dele, tornando-os conhecidos, os sinais físicos, como as pupilas dilatadas, a veia pulsando mais forte na base do pescoço, o teriam denunciado. Aliada a isso tudo estava a facilidade com que ela, uma empata, podia sentir a forte ansiedade por trás do medo do rei, e assim era fácil ter certeza de que sua percepção não estava errada.

Não se ofendia com isso, com a constatação de que Noah mentia ou escondia alguma coisa, além dos assuntos que haviam mencionado, porque conhecia sua necessidade fraternal de protegê-la sempre. O irmão sabia que ela podia penetrar facilmente na caixa escura de seus pensamentos e

sentimentos, mas esperava que não o fizesse por amor a ele. Ou por conhecer seu amor por ela.

- Noah... - ela chamou com tom suave, empregando a bela voz para acalmar a mente e as emoções do irmão adorado.

Legna estendeu a mão para ajeitar os cabelos do rei, tocando-o na testa e usando o contato para ajudá-la a conectar as sinapses do cérebro agitado onde muitos pensamentos se atropelavam. Ela se projetou para o interior do irmão, usando o próprio poder para envolvê-lo em uma sensação de tranquilidade, reduzindo seu medo e preocupação, fortalecendo a estóica confiança em sua capacidade de proteger aqueles que estavam sob seu comando e a quem ele servia, um sentimento que havia sido a norma até cinco meses atrás.

Noah se deixou invadir pelo conforto amoroso. No passado recente, ele havia resistido às tentativas de Legna de envolvê-lo com aquele manto de serenidade, sentindo-se culpado demais pelo perigo a que ela estivera exposta, incapaz de permitir-se algum alívio. Havia imaginado que o medo e a culpa o levariam a encontrar a solução para a vulnerabilidade de todos às intimações, uma busca que já acontecia havia muito tempo, desde que a Terra existia. Mas tudo que conseguira fora exaurir-se e fragilizar ainda mais o próprio temperamento. Estava pronto para receber a remissão de Legna.

- Você é muito parecido com nosso pai - ela murmurou.

- Eu era jovem, mas nunca esqueci como... como ele sempre pareceu ser maior que a vida. Tão forte, tão protetor... Nunca senti medo enquanto ele esteve aqui. Sei que era muito pequena, mas com minhas lembranças e as suas, é como se o sentisse com toda a minha alma.

Noah abraçou-a com carinho e gratidão. Legna sempre dizia a coisa certa no momento exato.

- Ah, Legna, como gostaria que nossa mãe pudesse vê-la agora, tão linda e forte...

A lembrança da mãe sempre fora apenas uma sombra em sua mente, diferente da do pai, muito mais nítida. Noah contava histórias sobre os pais. Havia sido sempre assim, porque ele a criara depois de o pai ter sido vítima de uma intimação um ano depois da morte da mãe deles. O Defensor havia sido forçado a destruí-lo em seu estado transformado, mas Noah nunca culpava Jacob por essa dolorosa necessidade. E como fazia com outras coisas que o tocavam

muito profundamente, ele também não discutia a morte dos pais.

Demônios eram imortais, o que significava, basicamente, que viviam por muito tempo. Sendo assim, quando perdiam irmãos, pais ou outros membros da família, era normalmente por um ato de extrema violência, algo que deixava marcas na alma sensível dos que ficavam. Noah sempre se recusara a contar a Legna como a mãe deles morrera quando ela era ainda pouco mais que um bebê.

Ela, no entanto, lembrava bem o dia em que o pai havia sido intimado por um maldito humano nigromante. E sabia que Noah também tinha essa recordação muito clara. Por isso o trauma do último Samhain o marcara tão profundamente. Ver o pai se dissolver no nada fora assustador. Jamais esqueceria a dor e o terror daquele instante. Mas enquanto ela o incentivava a partilhar suas memórias emocionais, enquanto oferecia a ele as próprias recordações do que sentia com relação ao pai, selecionando cuidadosamente o que ele lembrava e se dispunha a dividir sobre a mãe, ambos percebiam o quanto haviam se tornado parecidos com os pais. A sensação era reconfortante, animadora e curativa.

- Você era o anjo de nosso pai - Noah comentou emocionado.

- E você de nossa mãe. Posso sentir em seu coração o quanto ela o fazia se sentir especial.

- No dia em que nasci ela jurou que eu seria rei. Papai costumava rir. Que mãe não tem sonhos grandiosos para seus filhos? - Noah olhou para os belos olhos da irmã, admirando a delicadeza de seu rosto expressivo. - Mas, pessoalmente, creio que ela sabia. E também sabia que não viveria para criar você. Ela me fez jurar que eu a protegeria acima de tudo. Pelo menos uma vez por semana, ela me fazia lembrar como era importante cumprir essa promessa.

- E você a cumpriu. E não digo isso apenas para confortá-lo. Deixe de pensar tolices. Foi você quem viu a conexão entre Jacob e Isabella logo que ela chegou entre nós, embora ela não parecesse ser mais do que uma simples humana com o sincero desejo de nos ajudar. Foi você quem permitiu que ela tivesse acesso à biblioteca, ignorando o ultraje do Conselho diante desse gesto. Por causa desse acesso, ela encontrou a profecia perdida do Demônio. Descobrimos a existência de híbridos de humanos e Druidas e como são necessários para nossa sobrevivência como espécie. Graças a você, Jacob se permitiu amar Isabella e se casou com ela. Graças a você, meu irmão, que se ofereceu generosamente para participar da cerimônia, eu tinha minhas mãos

sobre ela naquela noite de lua cheia, quando fui intimada. Não fosse por essa conexão, Isabella nunca teria sido levada comigo para o cárcere do pentagrama, onde seus poderes me protegeram de ser transformada em um monstro.

- Não fale mais nisso, por favor - ele pediu emocionado, beijando-a na testa e comunicando intenso desespero com o gesto simples. - Minha alma fica dilacerada quando penso nisso.

Legna, sua preciosa irmã, vítima da magia negra e distorcida de um pentagrama, uma força que teria destruído sua beleza e sua alma, transformando-a no demônio que os humanos teriam esperado encontrar. Ela teria sido transformada em um monstro que seria caçado e destruído para a proteção dos humanos. Nada mais teria sido igual para ele, e essa amargura o arruinaria como comandante de toda uma espécie. Sabia que havia uma imensa diferença entre os humanos normais e os que faziam uso de magias negras e se tornavam nigromantes, mas, se houvesse perdido Magdalegna, não sabia se seria capaz de manter a distinção.

- Felizmente tudo acabou bem - Legna insistiu. - Pare de pensar nessas coisas tão horríveis e desfrute do conforto do momento. Eu estou bem.

Noah sorriu e moveu a cabeça em sentido afirmativo.

- Sim, eu sei. Está bem e saudável. Não entendo por que ainda não recebo visitantes, querendo fazer de você companhia. Talvez porque, como ocorreu com Bella e Jacob, você também esteja predestinada a um Druida. A chance de você se unir a alguém pela marca tornou-se de repente algo tangível. É espantoso. Agora você mesma pode ver como é isso, como eu tive oportunidade de ver quando nossos pais ainda eram vivos. Ninguém que tenha passado algum tempo na companhia de Jacob e Bella pode ignorar o milagre que representa esse tipo de amor, a recompensa proporcionada por tão profunda ligação espiritual. Jacob é um homem mudado. Jamais o vi tão feliz ou satisfeito, e Bella parece cintilar com uma luz interior que se tornou ainda mais intensa com a gravidez. Confesso que os invejo...

- Entendo... - Legna sorriu ao ouvir o nome da nova amiga e pensar na boa sorte de Bella por ter encontrado seu amor em Jacob. - Pessoalmente, sempre acreditei que a marca fosse apenas um conto de fadas que as meninas ouviam quando pequenas. Isso foi antes de entender que nossos pais haviam sido marcados. Gostaria de poder... Agora que posso ver o amor entre Jacob e

Bella, lamento ainda mais não ter podido testemunhar o de nossos pais.

- Bem - Noah riu. - Os meninos também ouvem esses contos de fadas, mas acho que acabamos nos atendo à parte sobre essa ser a mais fantástica experiência sexual de que se tem notícia.

- Noah! - Legna também ria, empurrando-o num arremedo de censura. - Confesso que também pensei nisso uma ou duas vezes. E agora... É surpreendente! Duas marcas em uma única semana no último mês de outubro. O panorama começa a se tornar promissor para você, meu irmão!

- A esperança é a última que morre - Noah respondeu com uma piscada debochada, estalando a língua no interior da boca para produzir um ruído quase obsceno.

- Você é incorrigível! E ainda se pergunta de onde seus sobrinhos herdaram tanta malícia?

Noah riu e balançou a cabeça. Compreendia que, mais uma vez, Legna encontrava um meio de desviar a conversa para algo diferente dela mesma. Era um hábito que ela mantinha desde que ele podia lembrar. Legna jamais discutia ela mesma, pois suas habilidades a induziam a deixar-se de lado para tratar de necessidades alheias, ajudar ao próximo.

- De qualquer maneira, minha querida, estou além de qualquer possibilidade de redenção. Ninguém vai me querer, e estou ocupado demais para sair por aí procurando Demônio ou druidesa que me sirva, por mais tentadora que seja a recompensa dessa busca. Além do mais, toda aquela bobagem do flerte, a corte, as emoções e a sensibilidade... Devemos deixar essas coisas para os Defensores. Rimas e sonetos combinam mais com eles do que comigo.

Legna deu uma leve cotovelada nas costelas do irmão, punindo-o por referir-se de maneira tão jocosa e irreverente a Jacob e Isabella, mas ela sabia que o irmão estava feliz pelos Defensores. Mais feliz ainda, agora que eles trariam uma preciosa contribuição para sua raça dentro de um ano, o primeiro filho de um Demônio e de uma druidesa em mais de um milênio.

Às vezes, porém, não conseguia evitar o sentimento de que Noah brincava demais e se esforçava excessivamente para tornar pública a idéia de que nunca seria afetado pela marca. Além de ser uma empata, era irmã dele e tinha dois olhos para enxergar a realidade. Podia ver o que ele julgava

guardar cuidadosamente de sua atenta observação. Notara nas inúmeras vezes em que os Defensores haviam sido hóspedes em sua casa, quando Bella e Jacob se sentavam lado a lado, cercados por aquela aura de amor, sensualidade e necessidade um pelo outro. Nessas ocasiões, Noah os observava com uma certa inveja nos olhos.

- Reconheço que ficaria feliz em vê-lo feliz como Jacob é hoje, meu irmão.
- Ela brincou com falsa neutralidade, sorrindo de maneira a indicar que era hora de encerrarem o assunto. - Porém, tenho agora um compromisso que vai interromper esse nosso encontro. Estou atrasada. E você parece cansado - ela comentou, erguendo-se na ponta dos pés para beijá-lo no rosto. - Devia ir repousar.

- Não sou um velho que precisa de cochilos no meio da noite. A lua acaba de se erguer no céu!

- Como quiser. Foi só uma sugestão. Desculpe-me se feri seu delicado ego.
- Debochada, ela recuou e abriu os braços, despedindo-se com uma reverência exagerada e a graça herdada da genética dos Demônios. Em seguida, com um giro rápido de um punho, ela explodiu numa nuvem de fumaça, teletransportando-se antes que Noah tivesse alguma chance de punir seu comportamento insolente.

- Petulante! - ele gritou para o ar, mesmo sabendo que não seria ouvido.

Segundos depois, sentado diante da lareira, cujo fogo ele acendera com um simples pensamento, resmungou:

- Repousar... Posso recuperar minhas energias com um estalar de dedos! Não preciso cochilar no meio da noite como um bebê. Um dia desses vou ensinar aquela menina a respeitar os mais velhos!

Um bocejo feroz o fez interromper o discurso. Noah riu.

Olhando em volta, ele fechou a casa com uma rápida sucessão de imagens mentais e acomodou-se na poltrona, fechando os olhos para descansar um pouco.

Isabella virou-se e olhou por cima de um ombro ao sentir a alteração na pressão do ar no interior da sala e ouvir o ruído abafado. Ela soube instantaneamente quem era a visitante, antes mesmo de a fumaça se dissipar. Com um grito de alegria, deixou o regador sobre o parapeito da janela e se

atirou para a névoa que ainda cercava a amiga recém-chegada.

-Legna!

- Bella, é uma alegria revê-la. - Legna a cumprimentou com alegria, abraçando-a com cuidado para não comprimir o ventre distendido.

Isabella riu, recuando para olhar para a amiga, jogando sobre os ombros as longas tranças negras que, brilhantes, cobriam toda a extensão das costas da druidesa. Isabella mal chegava na altura dos ombros de Legna, delicada e pequenina em comparação à empata, que tinha um metro e oitenta de altura.

- Você está linda!

- Não minta para mim! - Isabella reagiu com franqueza.

- Pareço ter uma bola de basquete escondida sob a túnica. Cinco meses de gestação, e já me sinto pesada e exausta!

- Não quero desanimá-la, mas cinco meses representam pouco mais que o primeiro trimestre, pelos nossos padrões.

- Tudo bem, só por me lembrar disso, você não é mais minha amiga. Saia daqui nesse exato momento, e não esqueça de levar a fumaça com você. - Isabella pôs as mãos na cintura num gesto divertido e debochado que mesclava indignação e revolta. Seus olhos estavam fixos no belo rosto da amiga. Magdalegna riu, movendo-se com graça e agilidade para passar um braço sobre os ombros da druidesa.

- Como vai Jacob? - ela perguntou rindo, conduzindo a amiga até o sofá mais próximo, em um nicho próximo de uma janela de vidraça pintada onde se via retratada a vida da floresta. A empata sentia o cuidado que havia sido dispensado ao trabalho de arte, e estava realmente comovida com a beleza da obra. A luz do luar penetrava pelo vidro pintado, espalhando cores variadas com um suave brilho prateado que também banhava o sofá onde elas se sentaram.

- Ocupado - Isabella respondeu com um suspiro profundo, ajeitando mais uma vez os longos cabelos. - E eu devia estar ajudando meu parceiro. Quero dizer, estou destinada por aquela profecia perdida, a ser aquela que vai mudar todo o destino do Demônio trabalhando a seu lado. Em vez disso, estou presa aqui, sentada no sofá, observando e sentindo de longe tudo que acontece com ele. É terrível. - Ergueu as pernas e as cruzou sobre o sofá numa postura de meditação. - Vou lhe dizer uma coisa: se ele me der mais uma

ordem em uma frase com a palavra "esposa" no meio ...

- Bella, só para variar, você está me confundindo. O que tem a palavra "esposa"?

- Ele vive dizendo e pensando coisas com aquele jeito todo altivo e arrogante, e termina a frase com a palavra "esposa" como se ela fosse uma senha para mandar em mim! - Isabella notou a expressão confusa da amiga, por isso fez uma careta tentando imitar o jeito de Jacob e impostou a voz, repetindo as palavras que ele costumava dizer. - Não quero que saia para caçar no seu estado, *esposa*. Já disse a Elijah que não vai haver mais nenhuma sessão de treinamento até o parto, e não discuta comigo sobre isso, *esposa*. - Suspirou irritada e balançou a cabeça. - É tão... autoritário! Você sabe que a lua-de-mel acabou quando deixa de ser *meu amor, querida*, e passa a ser *esposa*!

Legna conteve o impulso de rir. O famoso sarcasmo da amiga sempre a divertia, e supunha que fosse essa a intenção da druidesa. Bella tinha um jeito todo especial de esconder-se atrás de uma cortina de sagacidade e humor.

Mas ela a conhecia bem.

- Você sabe que Jacob a adora. Ele só quer protegê-la. Ele beija o chão que você pisa!

- Hah! Um Demônio da Terra, beijando o chão. Engraçado. Muito engraçado!

- Você está vulnerável agora. Sei que tem poder e muita capacidade, mas em que posição Jacob se encontraria se, durante uma missão, você fosse ferida ou feita refém? Além do mais, que ser não ficaria ansioso sabendo que a parceira espera um filho dele? Um filho que será o primeiro de sua espécie? Nunca antes se misturou DNA humano ao de um Demônio.

- Bem, eu ... - Bella mordeu a ponta de uma unha, sinal evidente de nervosismo. - Acho que não me preocuparia tanto se fosse realmente sua esposa. - Ela riu, pois sabia que a marca era mais forte e profunda que muitas cerimônias. - Ainda temos um mês, mais ou menos, até podermos concluir nossa cerimônia de casamento interrompida de forma tão rude. Se minha irmã fizer mais uma vez aquela piada estúpida sobre eu ser a mãe solteira da família, acho que vou matá-la e jogar o corpo em um milharal por aí...

- Bella. - Legna balançou a cabeça e sorriu com paciência, compreendendo a irritação da amiga. - Corrine não é um modelo de virtude

desde que ela e Kane reconheceram a marca. Ela e Kane estiveram em minha casa para uma sessão de treino de meditação, e tive de me ausentar por um momento. Quando retornei ao salão... Bem, digamos que senti que seria embaraçoso entrar.

- Está brincando! - Bella olhou boquiaberta para a empata. - Na casa de Noah?

- Pelo menos fecharam as portas do salão. - Legna riu.

- Ela está ardendo por Beltane tanto quanto você, acredite. E você sabe que é a parceira de Jacob por toda a vida. Ele a considera como esposa desde que a tocou pela primeira vez.

- Bem, acho que alguém vai ter de fazer alguma coisa sobre essa lei dos Demônios de restringir a realização de casamentos só para as datas de Beltane e no Samhain. Isso está arranhando minha reputação. Digamos que... - Ela estalou os dedos como se tivesse uma idéia repentina e brilhante, e seus olhos se iluminaram. - Legna, você é irmã do rei. Não pode incentivá-lo a discutir uma mudança com o Grande Conselho?

- Sua engraçadinha! - Legna riu com vontade. - Gostaria de ter esse poder sobre meu irmão, mas não tenho. Como você não tem poder sobre a Mãe Natureza e a duração dessa gravidez.

- Você tocou nesse assunto de novo! - Isabella reagiu com um grito exagerado de exasperação, fazendo a amiga suspirar e sorrir em mais uma demonstração de sua inesgotável paciência. - Treze meses! Espero ao menos que o bebê nasça em algum momento entre a gestação humana e a gestação de um Demônio.

- O que foi que Gideon lhe disse? - Legna perguntou, incapaz de evitar o olhar penetrante da amiga ao mencionar o nome do poderoso médico. Ela fingiu estudar com atenção e alisar a saia de seda azul do longo vestido, os dedos acompanhando o traçado do bordado dourado e rico. - Ele ainda está monitorando pessoalmente sua gestação?

- Sim, e só isso já é suficiente para me deixar nervosa. Conversei com Hannah, e ela contou que não foi acompanhada assim em nenhuma de suas seis gestações. Não pelo mais habilidoso e antigo médico de toda a história dos Demônios. Dizem que Gideon aprendeu mais coisas da medicina do que qualquer outro médico jamais soube ou saberá.

- Bem, ele pode estar empenhado e interessado porque há muito tempo não se vê a união entre um Demônio e um Druida. E o fato de você ser meio humana torna seu caso único. De qualquer maneira, é só precaução. Se houvesse algum problema, Gideon a teria informado.

- Sim, eu sei. Ele teria falado com Jacob, e eu saberia... Jacob e eu não temos segredos, uma consequência dessa nossa habilidade de ler os pensamentos um do outro.

- Confesso que me sinto aliviada por só poder ler emoções. Não sei se suportaria ter todos os meus pensamentos invadidos e conhecer o que todos à minha volta pensam. Ter conhecimento dos sentimentos alheios já é bastante perturbador. Quanto a Jacob poder ler seus pensamentos, francamente, não sei como você suporta isso. Não sei se gostaria de saber que mais alguém tem acesso às minhas mais profundas rumações. Suponho que o mais perto que chego disso é na minha relação com Hannah e Noah. Sempre tivemos uma consciência muito forte dos desejos e das necessidades um do outro. Mas, juro, há coisas que passaram por minha mente que espero que Noah jamais imagine.

- Conheço bem esse seu desejo em particular. - Isabella concordou com um movimento afirmativo de cabeça. - Mesmo assim, há algo de confortável na total franqueza da minha relação com Jacob, e... - Ela parou, e o rosto ganhou suavidade e corou. Era como se uma luz se acendesse dentro dela, iluminando-lhe os traços. - Meu amor, meu parceiro ... Jacob vive dentro de mim. Nunca estou sozinha, Legna. Nem mesmo quando ele tenta me dar um pouco de solidão. E eu não me incomodo com isso. Parte de mim já sabe que nunca mais vou estar sozinha, pelo resto da vida. É um sentimento poderoso, reconfortante, algo que não consigo descrever com palavras.

- Sua descrição é perfeita, Bella. - Legna respondeu sem hesitar, a voz traindo uma forte emoção e os olhos transbordando de felicidade pela nova amiga.

- A aquisição dos poderes de Corrine é muito mais lenta do que foi a minha. Gideon acredita que essa demora é decorrente da doença, do quanto ela esteve próxima de morrer.

Isabella estremeceu ao lembrar a imagem da irmã tão perto da morte, pálida e inerte pelo esgotamento de energia que sofrera. Um Druida só entra em contato com seus poderes quando seu companheiro Demônio se aproxima pela primeira vez. Na época em que Corrine e Kane se encontraram, ninguém

sabia que ela era uma druidesa destinada a viver com Kane para sempre, mas condenada a murchar e morrer sem sua presença.

- Gideon afirma que é necessário algum tempo até que a ligação entre ela e Kane se refaça. Ele suspeita de algum dano cerebral. Testemunho o esforço de minha irmã e sofro com ela. Quero que ela encontre todo o seu poder, que conheça nossa herança.

- Ela já progrediu muito. Já não parece tão frágil quanto antes.

- Gideon fez o mesmo comentário, mas está sempre nos lembrando que ela pode ter recaídas. Ele explicou que o dano dificulta sua caminhada para o poder. É por esse motivo que ele está ensinando a Corrine, as técnicas de meditação e concentração. Faz parte do tratamento.

- A extensão dos conhecimentos de Gideon é fascinante. Ele é o único que conheceu o tempo dos Druidas, mas ainda lembra todos os detalhes da conexão entre os dois povos. Apesar de mais de um milênio ter transcorrido, ele ainda sabe utilizar tudo que aprendeu para cura uma raça que se acreditava extinta.

- É mesmo impressionante. Por outro lado, ele carrega na alma uma grande culpa por ter participado do massacre dos Druidas. Apesar de ter seguido ordens dos mais velhos, ele não se perdoa.

- Uma guerra nunca faz sentido quando é analisada um milênio depois. Gideon dá uma prova de sua força estando ainda vivo depois de tantas mortes, intimações e ocorrências mundiais. Um milênio... É espantoso. - Legna balançou a cabeça. - Nem mesmo os Demônios que já ultrapassaram o quinto século de vida conseguem entender tal longevidade.

Isabella assentiu, reclinando-se no sofá para melhor acomodar o ventre distendido.

- Realmente. Então, tem certeza de que ele me contaria, se houvesse algum problema com o bebê?

- É claro que sim - Legna respondeu com certeza incontestável. - Há muitas coisas em Gideon que não entendo e não aprecio, para ser honesta, mas a franqueza dele é admirável, cruel, às vezes. Além do mais, Jacob não aceitaria outra coisa; A relação entre eles ainda é tensa, apesar da volta de Gideon ao curso da vida dos Demônios e a seu assento no Triunvirato do Grande Conselho.

- Eu sei. Jacob ainda não superou a rispidez com que Gideon me tratou no início de nosso relacionamento.

- E mesmo assim, ele não é tolo a ponto de recusar os cuidados de um médico tão habilidoso. Não quando o que está em jogo é a gravidez de sua amada. Jacob não é tolo. Por mais que os instintos gerados pela marca o façam desconfiar de qualquer homem que se aproxime muito de você, nada é mais importante para ele do que sua segurança. Ele não deixaria que nada pusesse em risco sua integridade física, nem mesmo se o Príncipe Encantado em pessoa tivesse de cuidar da sua saúde.

Isabella jogou a cabeça para trás e riu alto do comentário, apreciando o brilho malicioso nos olhos da amiga. Legna tinha o poder de nunca se deixar impressionar ou intimidar pelo poder dos Demônios que a cercavam noite após noite, século após século.

Essa característica de coragem e confiança servira de modelo para Isabella, ensinara-a a fincar o pé no chão e defender seus direitos, sua perspectiva e seu ponto de vista, antes mesmo de desenvolver a capacidade de absorver e usar os poderes daqueles com quem entrava em contato. Outros Demônios aprenderam a respeitá-la muito antes de serem forçados a respeitar a magnitude de sua impressionante habilidade de deixar completamente sem poderes qualquer criatura das raças de Nightwalkers.

Felizmente, esse era o mesmo poder que forçara Isabella a participar da aterrorizante intimação de Legna durante a abortada cerimônia de casamento entre ela e Jacob. Havia sido esse mesmo poder que anulara os efeitos perniciosos e fatais do pentagrama que as aprisionara juntas.

A experiência havia sido terrivelmente desgastante e assustadora, mas Isabella se sentia eternamente grata por poder ter participado dela, ou não teria tido a chance de colaborar na força-tarefa que poupava sua grande amiga do destino de ser transformada. Caso isso houvesse ocorrido, Jacob teria sido forçado a destruí-la antes que ela destruísse muitos outros. O implacável senso de dever de Jacob e seu respeito e amor por Noah teriam traçado o caminho com clareza inequívoca, mas ele não sabia lidar com os próprios fracassos, e teria se culpado eternamente por não ter se empenhado mais para salvar alguém tão importante para o homem que, a seus olhos, era irmão e monarca.

Ninguém era tão importante para Isabella quanto Jacob. Ele era seu coração e sua alma, e não suportaria vê-lo sofrer. Pior ainda, a responsabilidade poderia ter recaído sobre ela mesma, destinada como estava pela profecia recém-encontrada a caçar os transformados.

Nascera com o código genético para as habilidades especiais ligadas a esse propósito específico, e nunca soubera que elas estavam ali latentes, esperando apenas pelo dia em que seu caminho finalmente cruzasse o de Jacob.

O marido havia vivido a insuportável situação de caçar aqueles de quem havia sido amigo. Houve ocasiões em que tivera de destruí-las depois de vê-los pervertidos em monstros pela magia negra de um pentagrama. Isabella se incomodava com os hábitos aparentemente intrusivos dos conhecidos de Jacob.

O maior ofensor era Gideon. Ele nunca esperava ou pedia licença para ir e vir, por mais que Isabella perdesse a calma com suas atitudes indelicadas. Era da natureza dele acreditar que sua maneira de pensar era correta, e que as atitudes e opiniões da fêmea humana eram completamente tolas, apenas bobagens sem importância. Afinal, ele sobrevivera por séculos e a muitas ameaças maiores do que o temperamento de uma druidesa híbrida.

Nesse momento, como se fosse invocado pelos pensamentos de Isabella, o grande médico surgiu no centro do salão precedido por um funil de luz prateada.

Instintivamente, Legna levantou-se. Era inútil tentar controlar o instinto. Sempre que ela e Gideon ocupavam o mesmo espaço físico, punha-se imediatamente na defensiva. Eles tinham uma história de hostilidade escrita a partir de um breve momento de tolice e palavras ressentidas. Um momento que Legna não conseguia esquecer ou perdoar.

De qualquer maneira, não era Gideon na sala. Não realmente. Tratava-se apenas de uma projeção astral dele. Essa era a maneira de um Demônio do Corpo viajar rapidamente. Nessa forma, podiam sentir tudo que os cercava. A única limitação para um Demônio do Corpo em sua forma astral era a incapacidade de usar seus poderes inatos de cura. Nessa forma, ele era impotente em certa medida, mas Legna havia aprendido a nunca subestimar o mais velho de sua espécie. Era como se ele se tornasse mais poderoso com o passar do tempo.

- Legna - ele a cumprimentou com tom frio, movendo a cabeça deixando os olhos brilhantes como estrelas viajarem rapidamente por seu corpo. - Você parece ótima.

- Estou muito bem, obrigada - ela respondeu com idêntica cordialidade.

Gideon virou-se para Isabella e cumprimentou-a com um aceno de cabeça.

- Defensora. Espero que esteja bem.

- Estou. Mas estaria melhor se pudesse aceitar a idéia de bater na porta antes de entrar - ela comentou, mesmo sabendo que era pouco provável que um dia ele atendesse a esse seu pedido persistente.

- Não me lembro de Legna ter batido na porta antes de entrar aqui - ele retrucou sarcástico.

As duas mulheres trocaram um olhar surpreso e o fitaram com ar de acusação.

- Há quanto tempo está aqui, Gideon? - Legna indagou irritada.

- Evidentemente - ele respondeu imperturbável - há tempo suficiente para saber que você não bateu na porta ao chegar.

A situação parecia ser perfeitamente normal para ele, embora irritasse as duas mulheres.

- Está dizendo que esteve flutuando por minha casa todo esse tempo? Espionando?

- Não. Cheguei momentos antes de Legna, e, quando a vi, decidi que seria delicado permitir que tivessem alguns momentos para conversar antes de serem interrompidas.

- Ah, não pensou que nossa conversa podia ser privada, e que seria rude ficar ouvindo? - Isabella perguntou.

- Não.

Legna e Bella trocaram olhares perplexos e suspiros frustrados, frustração que ganhou força quando Gideon deu de ombros.

- E não me lembro de ter ouvido nada de natureza extremamente privada nessa conversa - ele acrescentou, os olhos estudando as duas como se ele se esforçasse para solucionar um enigma sem lógica. - Toda essa irritação não faz sentido.

- Para você, talvez - Isabella respondeu. - Afinal, a que devo o prazer da visita?

Legna não ouviu a resposta do médico e sábio. Não imediatamente, pelo menos. O comportamento dele era tão ultrajante, que ela o registrava numa reação física poderosa que provocava, entre outras coisas, um forte zumbido

nos ouvidos. Mal conseguia disfarçar a ira. A última coisa que queria era Gideon ouvindo-a defender seu comportamento, enaltecendo sua capacidade profissional e seu caráter. Arrogante! Ele ousara invadir o ambiente em sua forma astral invisível, e assim ouvira as palavras que escolhera com cuidado para tranquilizar a amiga sobre a habilidade do médico. Devia ter se regozijado com os elogios, o petulante!

Os olhos de Gideon se voltaram em sua direção, a estranha luminosidade prata dentro deles, a fez sentir um arrepio gelado, quase como se ele pudesse captar o rancor de seus pensamentos. Era um truque que ele utilizava frequentemente para manter-se em posição de vantagem. Ele parecia ter sempre um inesgotável suprimento desses truques, mas ela era um Demônio da Mente, e desenvolvera suas habilidades havia mais de meio século, estando agora à altura de qualquer um de sua espécie. Seria simplório de sua parte não reconhecer truques tão tolos.

Ela se virou, interrompendo o contato visual, ignorando-o e recusando-se a ouvir a conversa que o médico tinha com Isabella. Furiosa, caminhou até a janela de vitrais coloridos e ficou observando a costa inglesa, usando o movimento da maré como um instrumento para o processo de meditação. Para ela, era simples entrar e sair do Círculo formado por seus poderes. Precisava dessa armadura, porque sempre ficava perturbada na presença de Gideon. Ele tinha a capacidade de erguer muralhas para proteger pensamentos e sentimentos, criando um vácuo que, para alguém com os poderes dela, deveria ser relaxante. Mas não era. Tinha a sensação de que o vazio a tragava como uma poderosa energia. Toda vez que uma conexão era estabelecida, impulsos sobrecarregavam sua mente com imagens e impressões que ela não conseguia compreender. Era como uma sobrecarga elétrica, algo que não sentia com mais ninguém. Era como se a exposição prolongada à força mental de Gideon pudesse destruí-la. Por isso evitava-o sempre que podia, retirava-se o mais depressa possível quando ele estava presente. Não suportava a idéia de ter sua psique tocada pelos poderes dele.

Porém, esse era um momento em que não havia nenhuma possibilidade de escapar. Isabella precisava de sua ajuda. O coração da druidesa batia depressa por conta da apreensão, e havia nela um claro e apaixonado desejo de poder seguir contando com sua presença. Por isso ainda estava ali, perto o bastante para confortá-la.

Gideon a observava parada perto da janela, olhando para o mar e para a linha da costa. Podia ver as acentuadas mudanças em sua química corporal, como, por exemplo, o rubor da pele que traía uma emoção intensa e negativa. Irritação, talvez. Sabia que a insultara mais uma vez, mas havia muito se conformara com a idéia de que sempre a ofenderia. Ela era uma mulher persistente e obstinada, dona de atitudes e pensamentos que faziam pouco sentido para sua mente lógica e racional.

Enquanto conversava com a druidesa, ele continuava estudando a perturbada Legna. Durante os oito anos que passara recluso, ela havia crescido e desenvolvido de maneira brilhante seus espantosos poderes e habilidades. Os Demônios tinham períodos de grandes saltos de crescimento, uma série de fases que eram quase como repetidas adolescências nesse aspecto relacionado ao desenvolvimento, e ela ainda era uma adulta jovem o bastante para passar por vários deles. Mas não se lembrava de ter visto desenvolvimento tão admirável desde ... Bem, talvez desde a juventude do irmão dela. Supunha que tudo se resumia a uma predisposição genética, mas Noah era um Demônio do Fogo. E o Fogo tinha regras próprias de crescimento, considerando a maneira pela qual o Demônio podia extrair energia de fontes externas. Os Demônios da Mente eram recentes, sendo que o primogênito e mais velho da categoria só havia morrido recentemente aos 405 anos. Desde o nascimento de Lucas, Demônios da Mente passaram a ser regulares e freqüentes entre as gerações mais novas. Os padrões de desenvolvimento desses seres seguiam linhas conhecidas e predeterminadas que haviam sido estabelecidas muito antes do nascimento de Legna.

Como médico, Gideon sabia que Legna tinha conhecimento do próprio crescimento e de sua peculiaridade, mas fingia ser mais fraca do que era. Por quê? O que a levava a ocultar e negar tamanha aptidão? Havia cerca de cinco meses ele a observava de perto, desde sua volta ao convívio da sociedade dos Demônios. Porém, a hostilidade de Magdaleгна o mantinha afastado, e essa distância o impedia de realizar um diagnóstico mais preciso de seu desenvolvimento metabólico. Da mesma forma que conseguia ler emoções, Legna era capaz de proteger-se erguendo barreiras invisíveis e fortes o suficiente para conterem os formidáveis poderes de Gideon.

Mas esse era apenas um fragmento do obstáculo. A outra parte estava nele próprio. Sempre que estava perto de Legna, tomava cuidado para não sentir nem pensar nada que ela pudesse interpretar como uma invasão. Cometera esse

engano no passado e não pretendia repeti-la. Por isso voltou a se concentrar em Isabella, notando o nervosismo com que ela afagava o próprio ventre. Conhecia os temores da druidesa com relação à gestação antes mesmo de ouvi-la conversando com Legna. Contudo, ao contrário do que pensava a jovem Demônio, era perfeitamente capaz de manter em sigilo os próprios pensamentos, se julgasse que a omissão poderia ajudar a paciente de alguma forma. Era incapaz de mentir, mesmo que reconhecesse a utilidade do gesto em algumas circunstâncias. A verdade sobre suas inúmeras preocupações quanto a tudo que podia dar errado com aquela gravidez só faria mal à jovem mãe inexperiente, e ainda poderia ter ramificações inesperadas. Por isso nada dizia. Não oferecia falsos confortos nem revelava verdades inquietantes. Deixaria que ela continuasse lidando com as próprias conclusões, desde que a preocupação decorrente delas não prejudicasse sua saúde. Sem que ela soubesse, Legna acabara ajudando médico e paciente com seus comentários a respeito de sua natureza direta e franca. Não mentia. Apenas omitia.

- Bem, não creio que seja necessário vir pessoalmente essa semana - ele disse. - Porém, se sentir alguma coisa ou tiver alguma dúvida, entre em contato comigo imediatamente.

Gideon aproveitou os instantes finais da visita para fazer uma última verificação visual da gestante, os dedos tocando seu queixo e virando seu rosto de um lado para o outro enquanto ele tomava as medidas do pulso e da pressão arterial com um olhar treinado e experiente. Tocou brevemente o ventre distendido, depois recuou, interrompendo o contato físico antes que ele trouxesse até ali o Defensor perturbado. Jacob nunca fizera segredo sobre seu sentimento de posse por Isabella. Isso às vezes acontecia em uma união por marca, dependendo da natureza do elemento do Demônio em questão e de alguns fatores de personalidade. A afinidade de Jacob com a natureza o tornava sensível às coisas relacionadas ao seu território, à defesa de tudo que considerava mais precioso. O Defensor era capaz de sufocar a emoção completamente quando era necessário, de forma a não se tornar abertamente maligno ou antagônico.

Gideon havia se afastado um pouco de Isabella, quando um funil de fumaça escura invadiu a sala, suas moléculas se agrupando até compor a figura do Defensor. Jacob era um homem de poder incomparável, força que emanava por todos os poros de seu corpo atlético e esguio. Demônio da Terra

que era, ele podia manipular forças da natureza, como a própria gravidade, com um simples pensamento. Ao lado dos Demônios do Fogo, os da Terra eram, sem dúvida, os mais poderosos de sua espécie. Por isso ele havia sido escolhido para ser aquele que perseguiria os renegados da raça. Gideon e Jacob haviam se confrontado uma única vez, o suficiente para se respeitarem e viverem em constante tensão, um sentimento que, ambos sabiam, jamais se resolveria.

- Gideon - Jacob o cumprimentou com frieza, movendo-se num piscar de olhos para envolver a criatura amada em um abraço protetor e possessivo. - Pensei que havéssemos acertado que você me informaria antes de vir visitar Isabella - ele disse, o tom tão neutro que era em si mesmo uma ameaça.

- Pensei que ela mesma poderia preveni-lo. Afinal, é ela quem está em contato mental com você, não eu.

- E você é capaz de projetar-se até mim antes de vir visitá-la, só para me manter informado.

- Você estava caçando, Jacob. Achei que seria melhor deixá-lo concluir sua tarefa em paz. Foi só uma breve visita e, como vê, estamos acompanhados.

Jacob sorriu para Legna, que se mantinha silenciosa, mas atenta.

- É bom vê-la - ele disse. - Como vai Noah?

Ela levantou uma sobrancelha.

- Não esteve com ele no Conselho? - Legna olhou de um Defensor ao outro, depois para Gideon. - Imaginei que passariam a manhã toda reunidos com o Conselho, discutindo a ameaça nigromante.

- Sim, estávamos de fato reunidos, mas Noah ficou muito ... perturbado quando encontrou Daniel embaixo da mesa do Conselho.

- E discuti com a Conselheira Ruth, como sempre - Isabella acrescentou, revirando os olhos numa demonstração clara de seus sentimentos pela anciã briguenta e perversa. - Quem não discute com ela? Todos nós discutimos. Aquela mulher me causa úlceras! - Ela se aninhou no peito do parceiro como se buscasse conforto ou proteção. - Creio que ela ainda culpa Jacob pela morte do parceiro de sua filha caçula. É injusto. Como poderíamos ter antecipado?

Legna ergueu os ombros de repente, forçada a respirar fundo para superar o impacto provocado pelas emoções que emanavam de Jacob. Era evidente que ele nunca se perdoara pela perda daquela vida.

Antes de Isabella chegar entre eles, o principal dever de Jacob havia sido manter Demônios e humanos separados, uma obrigação decorrente da certeza mantida por milhares de anos de que os humanos eram fracos demais para enfrentar a sedução de um Demônio. Durante as luas Sagradas, as luas cheias de Beltane em abril e Samhain, ou Todos os Santos, em Outubro, os Demônios eram tomados por uma mística explosão de compulsão sexual. Assim, a loucura da luxúria tomara proporções incontroláveis com o tempo, e essa luxúria podia ser direcionada para campos que estavam além do que era permitido pelas leis, por mais fortes que fossem o código moral e o autocontrole dos Demônios. Até Gideon, poderoso e invulnerável, não ficara imune. Passara a ser tarefa do Defensor perseguir aqueles que tentavam desrespeitar essa lei, puni-los por isso, manter humanos e até outras espécies de Nightwalkers salvos dessa natureza animalesca e incontrolável que dominara seus companheiros. Naquele Samhain no passado, o mesmo em que Isabella foi revelada a eles pela primeira vez, Jacob havia impedido a filha de Ruth, Mary, de seduzir um humano, punindo-a severamente como exigia a infração. Em nenhum momento o Defensor tivera consciência de que esse humano era, de fato, meio Druida, escolhido pelo Destino para ser parceiro de Mary pela marca. Jacob nem desconfiara que o breve contato entre os dois antes de sua interferência havia desencadeado a genética latente do Druida na suposta vítima. E como poderia? Havia apenas um Druida entre eles com idade suficiente para conhecer a verdadeira natureza dos Druidas, e ele nunca havia imaginado que uma população exterminada de Nightwalkers houvesse se tornado híbrida no meio da população humana.

Essa estranha genética desabrochava para a dominância, substituindo o DNA comum de um humano no de um Druida em pleno despertar. Quando isso acontecia, um Druida se tornava mortalmente dependente da energia elementar de seu parceiro Demônio, como o Demônio passava a depender do amor do Druida e de sua capacidade de trazer paz durante as luas Sagradas. Uma vez unido a seu par pela marca, aquele Demônio nunca mais temeria o Defensor. Como um par, eles se tornariam tão satisfeitos e poderosos quanto Jacob e Isabella se tornavam dia a dia.

Infelizmente, o parceiro de Mary, privado da companhia do Demônio que libertaria seus poderes, já que ela fora mantida sob vigilância até o fim do Samhain, perecera em consequência dessa privação da energia da parceira, morrendo antes que Jacob pudesse retificar seu erro.

Legna sabia que era só uma questão de tempo até os doces e amorosos sentimentos de Isabella curarem Jacob dessa amarga culpa. Nesse exato momento, ela projetava pensamentos reconfortantes que o invadiam e acalmavam. Ela sentia um estranho vazio pulsando no coração enquanto absorvia todo o impacto do amor que unia os dois Defensores. Deu as costas para o grupo mais uma vez, inundada pelas próprias emoções, algo raro, escondendo o rosto dos olhares de todos enquanto lágrimas inexplicáveis queimavam em seus olhos.

Devia estar cansada, ela se justificou, tentando sufocar a dor que insistia em castigá-la. Sentia-se tola. E censurava-se em pensamento por permitir que as coisas a afetassem como se fosse uma mera adolescente incapaz de controlar seus poderes e emoções. Pressionando os dedos contra os olhos para conter as lágrimas, ela olhou para o grupo.

- Isabella, voltaremos a conversar em breve. Há algo que preciso fazer com certa urgência, um problema de que tinha me esquecido, e tenho de me apressar para resolvê-lo antes do amanhecer. - Ela nem parou para abraçar a amiga ou despedir-se com um rápido beijo, nem reconheceu a presença dos homens na sala. Com um movimento elegante da mão longa e fina, teletransportou-se numa explosão discreta de fumaça e enxofre.

- Ela está ficando boa nisso - Jacob comentou, esquecendo os próprios pensamentos diante da saída tão peculiar. - Legna deixa rastros cada vez menos perceptíveis ao teletransportar-se. Ela é forte para alguém tão jovem.

- Para aqueles que, como nós, podemos chamar alguém de duzentos e cinqüenta anos de idade de "jovem" - Bella acrescentou rindo.

- Acho que também devo ir - Gideon anunciou, intrigado com a partida brusca de Legna. Vira alguma coisa. Algo na empata não ficara muito claro para ele, mas que era fisiologicamente preocupante. Havia sido mais uma impressão do que uma constatação, especialmente porque tinha seus poderes enfraquecidos no estado astral em que estava. Mesmo assim, a alteração captara seu interesse, e de repente se sentia compelido pela necessidade de ir atrás de Legna, confrontá-la. A impressão o perturbava. Se havia aprendido alguma coisa em sua longa vida era que seus instintos raramente o enganavam. - No futuro, Jacob, terei mais cuidado ao me aproximar de sua parceira. Peço desculpas. Com licença. - Com uma respeitosa e rápida inclinação, Gideon desapareceu numa brilhante esteira de luz prateada.

Legna estava inquieta. Ansiosa. Logo outros, além de Noah e de sua doce irmã, perceberiam sua agitação. E então, seguindo as normas, seria encaminhada para um conselho de mentores que a cobririam de atenção e aconselhamento. Era crença comum que Demônios inquietos ou perturbados podiam ser facilmente desencaminhados. Espécie poderosa, os Demônios não podiam se dar ao luxo de ceder a caprichos emocionais e estarem abertos a influências potencialmente negativas. Desse modo sentiam que guiar uns aos outros era o propósito primário de suas vidas.

Por isso, existia a figura do *siddah*. A versão dos que os humanos chamavam de padrinhos era dever de todos os Demônios. Todos os adultos e idosos apadrinhavam os filhos de seus entes queridos, dando a eles o pulso firme da orientação, algo que, para os pais, às vezes se tornava difícil. Legna era *siddah* de dois filhos da irmã. Porém, além disso, e sem saber ainda, ela era também um dos muitos Demônios da Mente e do Corpo que se tornavam mentores para as almas insatisfeitas de Demônios que haviam perdido suas bússolas internas.

Teria ela também caído nessa preocupante categoria? Ou estava apenas começando uma jornada para aquele estado desincorporado? Sentia que toda a atenção e a companhia constante que se seguiriam a qualquer tipo de confissão de inquietude seriam exatamente o oposto daquilo que desejava.

Sentia-se assim desde a intimação. Havia começado devagar, quase que de maneira imperceptível. Depois, começara a ter breves explosões temperamentais, algo raro anteriormente. Fora desculpada na primeira, na segunda e na terceira vez, porque passara por uma experiência difícil, mas depois ... Era estranho que ainda não se encontrasse no meio de uma intervenção de mentores! Esforçava-se para ocultar tais ocorrências, agindo com a habilidade que só um Demônio da Mente podia exhibir, encantando todos os poderosos que se aproximavam com sua voz envolvente, relaxante. Com a manipulação vinha a culpa, o remorso por estar usando sua habilidade de maneira errada. Isso só aumentava sua confusão. Demônios raramente se desculpavam pelas coisas que faziam com suas capacidades. De que servia um poder que não podia ser usado? Legna concordava com isso. Todo poder devia ser usado, desde que fossem respeitados certos limites da lei ou da ética moral e profissional.

Estaria mentindo se dissesse não estar amedrontada com essas alterações em suas perspectivas e em sua personalidade. Não havia uma noite em que não especulasse sobre a intimação, perguntando-se se a proteção de Isabella havia sido tão completa quanto todos pensavam. Antes de seu resgate, apenas um Demônio fora retirado rapidamente de um pentagrama de necromancia. O resultado fora trágico. A pobre criatura havia enlouquecido e passara a atacar tudo e todos, comportando-se de forma pervertida e incontrolável.

E se estivesse acontecendo o mesmo com ela? Podia ser tolice e arrogância imaginar que era a única de sua raça a escapar ilesa de uma intimação.

O dia se aproximava. Estava cansada. Devia se preparar para dormir. Deprimida, olhou para a cama cercada por cortinas que ela mesma havia tecido. Os desenhos retratavam entes queridos, alguns ainda presentes em sua vida, outros não. A figura predominante era de um Demônio jovem e de ar altivo.

Lucas.

Seu mentor. O homem que se tornara quase um pai para ela, como Noah depois da morte de seu pai verdadeiro. Os homens de sua vida, .. Aprendera muito com eles. Cada um colaborara a sua maneira para moldá-la no ser que era agora, encontrando o perfeito equilíbrio entre orientação e liberdade, disciplina e contentamento.

E agora, como seu pai e sua mãe, Lucas também estava morto. Legna fechou os olhos, tentando bloquear as últimas imagens que recebera dele. Seu querido Lucas preso em um pentagrama próximo dela, revelando seu mais precioso segredo, seu nome de força, a chave que daria a todos o conhecimento que seria usado contra ela. E, traição final, seu corpo e sua mente transformados no de um monstro desmoralizado.

Naquela noite Legna havia aprendido o que era realmente odiar outra criatura. O sentimento era como um veneno correndo pelas veias, queimando todas as células e ameaçando transbordar pelos poros para contaminar todo o ambiente que a cercava. Fora tomada de assalto pelo sentimento no instante em que pusera as mãos em um dos quatro humanos responsáveis pelo amargo destino de Lucas. Pela primeira vez na vida, agira impelida pela raiva e descobrira o que significava dar vazão à natureza instintiva.

Fora esse instinto que a levava a apertar o pescoço da nigromante que ousara participar de seu aprisionamento e do de seu mentor. Invadira a mente

diabólica e trouxera à tona todos os horrores nela contidos, até matar a mulher pela força de sua própria mente distorcida e doente.

O que a assustara não fora encontrar em si mesma a capacidade de tirar uma vida, mas o fato de ter sentido prazer nisso. E o vazio que se seguira àquela extrema excitação. Havia gostado de ser uma assassina, ou fora o sentimento de vingança que tanto a enlevara?

Cinco meses mais tarde, ainda não encontrara a resposta.

E só um ser de sua espécie poderia entender e explicar o que acontecia com ela.

Como se fosse invocado por seus pensamentos, Gideon surgiu diante dela numa espiral de névoa prateada. Inteiramente vestido de branco, com uma calça justa que parecia de montaria e uma camisa de seda branca de mangas amplas, ele calçava botas bege de cano alto e usava no polegar um anel de prata com o sinete de médico.

Legna desviou os olhos como se não notasse a abertura logo abaixo da gola da camisa, onde as tiras frouxas deixavam ver o pescoço largo e o início do peito, aumentando a beleza de sua imponente figura.

- Gideon - cumprimentou-o com tom respeitoso. - O que o traz aos meus aposentos tão perto do amanhecer?

- Vim me certificar de que você está bem, Magdalegna. Fiquei preocupado.

- Preocupado comigo? Por quê?

Era como se ele fizesse uma leitura completa de suas emoções antes de cada resposta, apesar barreiras que ela erguia para se proteger.

- Sei que você não está em paz - Gideon explicou com tom profundo.

- Impressão sua. Não preciso da sua preocupação. E agora, se não se importa, gostaria de ir para a cama.

- Com que propósito?

- Com o propósito de dormir, é claro.

- Não dorme há dias, Legna. O que a faz pensar que hoje vai ser diferente?

Ela não respondeu de imediato. Analisando sua atitude, Gideon tentava entender as rápidas mudanças psicológicas que iam ocorrendo nela. Por que

nunca conseguia interpretá-la? Por que ela nunca reagia como era esperado? E por que o tratava com aquele desprezo contido a grande custo, embora nunca tivesse palavras ríspidas para ninguém mais? Não era ressentimento. E o enigma de Magdalegna o fascinava.

- Não pode ter vindo até aqui para falar de minha insônia.

- É impressionante essa sua insistência em me tratar com hostilidade. Lucas nunca ensinou a você a importância do respeito pelos mais velhos?

Ela o encarou ultrajada.

- Nunca mais mencione o nome dele com esse tom desrespeitoso! Não vou admitir, Gideon! O que espera que eu faça? Que me curve em sua presença, que caia de joelhos em respeito a sua eminência masculina? As concubinas não existem mais em nossa cultura!

Curioso com a explosão, ele tocou seu rosto e reconheceu o calor que emanava da pele corada.

- Satisfeito agora, milorde? - ela murmurou furiosa.

- Nunca me perdoou, não é?

- Perdoá-lo? - Ela riu com amargura. - Gideon, você não é tão importante para merecer meu perdão!

- Qual é o problema? Seu ego é tão frágil que não pode reparar uma pequena ferida aberta?

- Pare de falar comigo como se eu fosse uma criança temperamental. Não há nada de pequeno na maneira como me tratou. Jamais perdorei ou esquecerei!

Gideon segurou-a pelos ombros. O contato físico provocou uma sensação intensa que, nesse momento, ele não podia se dar ao luxo de tentar decifrar.

- Legna, não preciso explicar todas as dificuldades que enfrentamos durante as luas Sagradas. Especialmente na lua de Samhain. Nunca tive a intenção de prejudicá-la. Naquela noite, eu estava perturbado e descontrolado.

- Ah, eu sei. Deve ter sido terrível perceber que conspurcou sua venerável posição de respeitado ancião com o beijo de uma infante!

Ela se soltou e virou de costas, odiando perder a batalha contra as lágrimas.

Naquela noite mal haviam falado. Nove anos ... Legna não era capaz de permanecer por mais de cinco minutos no mesmo aposento com Gideon. Porém,

a falta de comunicação fora causada pelo exílio que ele impusera a si mesmo nos oito anos anteriores, uma reação provocada pela vergonha de ter assediado uma humana e, em consequência, enfrentado a humilhante justiça do Defensor. O incidente com a mulher havia acontecido no Samhain seguinte àquele que originara o afastamento entre eles. Para Legna, a notícia sobre esse fato só aumentara a vergonha e a humilhação causadas pelo encontro original.

E ainda lembrava aquela noite com espantosa riqueza de detalhes. Sentira-se inquieta naquela lua. Mas, como era de se esperar, na noite dos Santos essa inquietação se tornara mil vezes mais intensa. Caminhava pelos jardins, deixando-se envolver pelo frio e pelas nuvens úmidas que dançavam em torno da lua brilhante, esperando impaciente que Noah deixasse o Conselho. Contara com o irmão para distraí-la de alguma forma, a fim de impedi-la de enlouquecer. Mas, perambulando por entre os arbustos, havia sido Gideon que ela encontrara. Não sentira sua presença, o que a surpreendera. E mais, o Conselho estava reunido, e ele era integrante do Triunvirato, uma das três vozes mais poderosas à mesa do Conselho.

Contudo, estava ali parado, com o rosto voltado para a lua, como um lobo pronto para uivar sua idolatria. O poder do Demônio a envolvera como um manto, impossibilitando-a de erguer as habituais barreiras contra sua influência. As emoções de Gideon sobrepujavam as dela. Ela era um espelho, ou um sorvedouro, apoderando-se desses sentimentos como nunca imaginara ser capaz de fazer.

A poderosa excitação sexual invadira sua mente, prejudicando o raciocínio e deixando-a vulnerável. Os olhos de Gideon pareciam queimar sua pele, e as mãos que a tocavam espalhavam um calor intenso por todo o corpo. Finalmente, ele a beijou.

Para Legna, o beijo havia sido mais um reflexo perfeito da personalidade de Gideon. Ousado, dominador, brutalmente honesto. Ele não tentara esconder o desejo. Pelo contrário, deixara que ela o sentisse plenamente, exibindo-o com orgulho. Tomada pelo clamor da lua, Legna queria mais muito mais. E ousara seduzi-lo com seus truques femininos. com sons e movimentos, com carícias e gestos.

E de repente, quando a consumação do ato parecia iminente, Gideon se afastara bruscamente e a empurrara com violência.

- Isso é loucura! - Gideon exclamara praguejando. - Você é uma criança!

Uma criança! Sou mais forte que isso. Não vou ceder a esse ridículo impulso de loucura. Recuso-me.

Antes que ela pudesse compreender o significado das palavras, ele já havia desaparecido.

Legna ficara sozinha, humilhada e frustrada. Chocada demais até mesmo para chorar, ficara caída no chão ouvindo o eco das palavras humilhantes. E no ano seguinte, para aumentar sua vergonha, Gideon perseguira uma criatura que nem era de sua espécie, e só não a seduzira porque Jacob o havia impedido.

Por isso ela nunca o perdoara. E até esse momento, jamais vertera uma única lágrima por conta da injúria de Gideon.

Ele a observava intrigado, incapaz de lidar com as emoções da jovem. Sabia que tinha lidado mal com a situação, mas nunca encontrara uma forma de reparar o dano. Tivera a esperança de que o tempo devolvesse todas as coisas ao seu estado original. Mais um erro, um engano tão grande e doloroso para ele quanto os que cometera durante a guerra com os Druidas.

Ele se aproximou, e Legna sentiu o calor de sua presença, perturbando-a.

- Por favor, vá embora - ela disse, mantendo os olhos fixos no gramado que via pela janela.

- Não vou sair, Magdalegna.

- Não? Bem, então ... fique, se quiser. - Ergueu a mão para iniciar o giro pelo qual se teletransportava, mas o médico a segurou pelo punho, impedindo a ação.

- Como sempre, está disposto a impor sua vontade sem considerar meus sentimentos, Gideon. É cruel e insensível. Não tem razão para me deter, e eu não desejo sua companhia. Retire-se, ou vai me forçar a chamar meu irmão para que seja removido de minha presença.

- Suas suposições são imprecisas, Legna. Tenho bons motivos para detê-la. Razões que, imagino, prefere não compartilhar com ninguém, nem mesmo com seus amigos.

- O que diz é bobagem. Não tenho nada a esconder.

- Não mesmo? Posso ver o que tenta esconder de nós. Vejo em você o poder que finge não ter. Vejo coisas que nem você mesma conhece. Mudou muito nessa última década, mas prefere continuar se comportando como se estivesse aquém de sua atual aptidão. É possível que seu irmão aprecie saber

por que a irmã se comporta dessa forma. Pessoalmente, posso afirmar que estou muito curioso.

- Já mencionei quanto o desprezo? Se quer reunir informações, contrate um detetive.

- Sempre preferi obter as informações que me interessem diretamente na fonte. A melhor.

O calor de Gideon a perturbava. Precisava livrar-se dele, ou acabaria expondo-se ao ridículo mais uma vez.

- Se eu disser o que quer saber, vai me deixar em paz?

- Depende de suas respostas, Legna.

- Promete ao menos não divulgar o que vai ouvir aqui?

- Já discutimos minha ética.

- E você nunca fornece respostas diretas - ela começou. - Fala por códigos, porque assim, mais tarde, pode agir como bem entender e enquadrar suas atitudes nas palavras que manipula e distorce. Respeita a ética dos médicos, mas também segue a do Conselho. Se houver um conflito, sei que vai se curvar primeiramente e acima de tudo à Ética do Conselho.

- Minha querida, minha preocupação primária é e sempre será o bem-estar daqueles que sirvo. Seja quem for, faço tudo que posso para chegar à cura. Se precisa de uma promessa clara de que vou respeitar seu sigilo, seja qual for a informação, você a tem agora. Nada do que me disser será repetido fora daqui.

- Nem mesmo a Noah?

- Olhe para mim, Legna. Use todo o seu poder e vai ver que não minto. Não discutirei essa nossa conversa com ninguém. Nem mesmo com Noah ou qualquer outro. Não sem sua permissão. Eu juro. Não falarei sobre o que conversarmos, como nunca falei sobre aquela noite em que nós ...

-Não!

- Pense o que quiser sobre mim, mas saiba que nunca deixei de cumprir minha palavra.

Era verdade. Legna acreditava em Gideon. Podia sentir nele uma honesta preocupação com seu bem-estar.

- Muito bem - ela concordou cansada. - O que quer saber?

- Notei que tem tentado esconder a real extensão de suas habilidades. Por

quê?

- Porque eu ... creio que não é normal um Demônio da Mente ter tais avanços já na idade adulta. Ainda estou a cinqüenta anos de me tornar o que chamam de madura, mas notei que alguns de meus poderes se desenvolveram plenamente. Não queria atrair atenção ou curiosidade.

- Então, é correto presumir que pode se teletransportar sem deixar no ar o rastro de enxofre e fumaça, como fazem os demais?

- Sim. Como soube disso?

- É evidente que precisa se concentrar para deixar tais traços. Sua velocidade de teletransporte aumentou, mas você retarda o processo quando está diante de nós. Presumi que demora mais porque está pensando no que tem de fazer. Além do mais, vi quando se teletransportou em uma situação de urgência e... esqueceu de deixar os rastros.

- E isso faz de mim uma espécie de mutante?

- Ainda é cedo para fazer diagnósticos. Preciso fazer uma leitura completa, e para isso necessito de sua total cooperação.

- Já disse que vou cooperar, não disse?

- Disse, mas sempre informo quando vou realizar uma leitura dessa magnitude, porque é muito íntima. Vou ter de tocá-la, por exemplo. É muito semelhante a um toque da mente, mas é feita tanto fisicamente quanto com meu poder. Posso projetar meu eu astral dentro de você, se for necessário. Então, você não terá nenhum segredo físico para mim.

Legna engoliu em seco, ansiosa com a perspectiva de tornar-se tão vulnerável. Mas estava cansada de representar e sentir medo.

- Vá em frente - ela concordou. - Mas fique longe da minha mente.

Ele não respondeu. Em vez disso, começou a caminhar em torno dela, os olhos examinando cada parte de seu corpo. Legna respirava rapidamente, algo que se tornara comum nos últimos tempos. Por que agora, justamente agora, ela manifestava abertamente o orgulho ferido por aquele encontro numa lua Sagrada? Gideon sabia que sua atitude despertava nela emoções adversas. O que o surpreendia era o fato de Legna demonstrá-las.

Ela fechou os olhos e respirou fundo, controlando o ritmo da respiração e dos batimentos cardíacos. Sua capacidade de controle era impressionante. Mais uma prova de que desenvolvera poderes mais próprios da maturidade,

não de um adulto ainda jovem.

Gideon tocou as costas dela bem no meio da coluna e, fechando os olhos, começou a estender para ela suas habilidades sensoriais, penetrando pela medula e se espalhando por todo o sistema nervoso.

Legna estava ansiosa e agitada, uma reação comum, considerando a situação de exame.

Analisando a química de regulação da dor, do reflexo e da condução dos impulsos, Gideon se assustou ao sentir no próprio corpo o reflexo dos impulsos nervosos da paciente. Não passava por isso desde que era jovem. Intrigado, prosseguiu na tarefa, mergulhando ainda mais fundo em seu sistema nervoso, chegando ao nível celular. Depois da leitura do DNA, ele examinou estruturas mais simples, como pulmões e coração. Os batimentos repentinamente acelerados o afetaram, provocando uma resposta idêntica. O médico respirou fundo e resistiu ao impulso de fechar-se, de interromper as ocorrências tão anormais. Não era nada dramático ou perigoso. Era apenas uma anormalidade. Um desconforto.

Tentando se concentrar, ele se afastou, abriu os olhos e respirou fundo. Chocado, descobriu que tinha as mãos trêmulas.

- Algum problema?

Legna o encarava com as faces coradas. Talvez fosse apenas o reflexo do dia nascendo lá fora. De qualquer maneira, ela era um exemplo de beleza feminina. Havia nela uma profundidade que não notara antes, uma espécie de magnetismo que o penetrava como uma névoa e ia envolvendo seus nervos, acentuando a consciência da presença delicada e vibrante.

- Não - Gideon respondeu distraído. - Não sei - corrigiu-se, recuando mais um passo.

- Está me deixando preocupada.

- Eu não ... tive essa intenção. Até aqui, não encontrei nada de errado. E apenas comecei a leitura mais intensiva.

- Então, por que a interrompeu?

Sim, por quê?

Não podia explicar o que nem ele entendia. Mas era um ser desenvolvido de sua raça. Certamente, podia contornar e absorver essas pequenas estranhezas até chegar a hora de incluí-las na análise final. Estava mais

convencido que nunca de que coisas estranhas ocorriam com Legna. Porém, a solução não seria tão fácil de encontrar quanto imaginara em princípio.

- Vamos continuar - ele anunciou.

Dessa vez Legna manteve os olhos abertos. Preferia acompanhar cada gesto de Gideon. Os dedos dele estavam agora em sua cintura, subindo até as costelas, descendo até o início da curva do quadril. Os olhos do médico acompanhavam os movimentos, visualizando os órgãos internos. Não havia nada de errado com eles. Embora sua habilidade houvesse amadurecido prematuramente, o corpo era ainda jovem e saudável. Melhor assim. O envelhecimento precoce era uma das poucas enfermidades capazes de matar um Demônio. Os médicos ainda não haviam conseguido encontrar as causas dela, e por isso não tinham cura para o mal. E, também felizmente, não havia nenhum caso em cento e três anos.

A estrutura muscular também estava em perfeitas condições. O sistema reprodutor...

O grito de Magdalegna o interrompeu.

- Pare! O que está fazendo?

- Um exame. Eu disse ...

- Não! O que estou sentindo agora ...

-O quê?

Estava perturbada. Era como se um vulcão explodisse em seu baixo-ventre, lançando chamas e magma em todas as direções. Sem saber como explicar, ela enviou as sensações para a mente de Gideon. Claras, sem disfarçá-las.

Os olhos cor de prata mergulharam nos dela. Havia neles uma nova luz, uma espécie de aviso.

- Não faça isso, Legna. Não faça ... Por quê? Pare! - ele exigiu com tom desesperado, tentando controlar a mente e os impulsos que poderiam dominá-lo a qualquer instante.

Legna o encarou. Gideon teve a impressão de que fitava um predador, um animal com um olhar volátil e penetrante. Um felino.

Um felino no cio.

Capítulo II

Gideon estava paralisado, com os pés presos ao chão, mais imobilizado pelo brilho no olhar de caçadora do que pelas mãos dela. De repente, os nove anos entre aquela distante noite de Samhain e o presente evaporaram. Ele lembrou tudo que sentira quando ela o encontrara acidentalmente naquela lua cheia em particular. E eram as mesmas lembranças e os mesmos sentimentos que se recusava a examinar desde então. Solidão, sofrimento, e uma fome brutal, além de qualquer possibilidade de definição. Eram sensações que se retorciam dentro dele, cada vez piores e mais intensas, ano após ano, ameaçando sua sanidade. Uma combinação explosiva que o deixava zangado, sentindo-se enfraquecido e traído. Passara um milênio aprendendo a controlar tudo dentro e em torno dele. Era o mais poderoso Demônio na história da raça. Como essa coisa barata, pequena e primitiva podia afetá-lo como se fosse uma espécie de girino cósmico se debatendo sem consciência ou orientação em uma turva lagoa primordial?

E então, de repente, Legna surgira diante dele, como estava agora, e tudo havia mudado. Tudo se resumira a um intenso e envolvente calor, necessidade, ao irresistível desejo por uma beleza e uma juventude que eram tabus, que sempre havia admirado acima de todas as outras. Não só isso. Ela o fitara com aquela intensidade de felina, como se correspondesse a esse desejo. Era tão sedutor, tão poderoso, tão claramente determinado. A vontade da criatura era uma coisa formidável, mas nunca percebera o quanto, até ela canalizá-la em sua direção.

E agora, o fogo voltava a arder dentro dele, inflamado pelos olhos quentes e intensos que ganhavam uma tonalidade única de verde enquanto, sem pressa, provocantes, o estudavam, mensurando-o como um macho disponível. Esse olhar de propósito tão evidente, agia como línguas de fogo sobre sua pele. Uma excitação dez vezes mais poderosa do que aquela do Halloween ameaçava dominá-lo. Havia séculos não demonstrava interesse real por um ser do sexo oposto. Com uma vida tão longa quanto a dele, era natural que se desenvolvesse a tendência a transcender certas necessidades físicas, ou com interesses mais intelectuais, ou simplesmente porque, apesar da variedade de parceiras, nada de novo podia surgir da experiência, o que

provocara a instalação de uma incômoda sensação de repetição.

Pelo menos, havia sido isso que pensara até aquela noite em que tinha se perdido nos olhos provocantes de Legna. Depositara a culpa na lua, reafirmando essa fraqueza para si mesmo mais tarde, quando se descobrira visitando os salões da casa de Noah com mais frequência do que poderia ter explicado, sempre observando Legna flutuar de um cômodo a outro, aparentemente desapercebida de sua presença, nunca permanecendo visível para ele por mais de um minuto em cada ocasião.

Lutara contra ele mesmo durante o ano todo, e com a perigosa aproximação do Samhain mais uma vez, removera-se com determinação e propósito da perigosa órbita de influência da jovem tentação. Em algum nível, havia reconhecido que não teria forças para resistir, e não queria impor sua vontade incontrolável no meio de um surto de paixão e loucura sensual.

Acreditara que a distância seria suficiente para salvá-lo.

Em vez disso, essa mesma distância o destruía, deixando-o vulnerável a qualquer fêmea que atraísse sua atenção, mesmo que momentaneamente. E, para sua desgraça, essa fêmea havia sido humana. Uma mulher simples e frágil que nunca teria sobrevivido à natureza de um acasalamento com um Demônio.

Não podia descrever a mortificação que se seguira ao momento em que fora flagrado tentando infringir a mais sagrada de todas as leis de seu povo. O único recurso viável, a única saída suportável, havia sido trancafiar-se em completo isolamento, exilando-se de tudo e todos, atitude que mantivera durante os últimos oito anos.

Havia deixado o isolamento auto-imposto no último Samhain, grande ironia, quando Legna o chamara e o arrastara para seu lado com a força de seu pensamento. Fora invocado para ajudar Jacob, então ferido gravemente, e reconhecia a propriedade e a correção desse chamado desesperado. Gideon acreditara que, se pudesse continuar agindo com normalidade e de maneira controlada entre os de seu povo, como havia feito durante aquele episódio de grande potencial de volatilidade, então seu encontro com a loucura devia ter chegado ao fim. Decidira que seria seguro voltar ao convívio social, à vida entre seus companheiros Demônios, tendo finalmente enfrentado e derrotado o inimigo interior.

Mas enganara-se.

Agora sabia que não havia aprendido a resistir aos encantos de Legna, afinal. E nunca aprenderia. Não enquanto ela tivesse aqueles olhos tão atraentes e a determinação inabalável de caçadora, qualidade que ressurgia entre eles nesse exato momento.

Gideon fitou os olhos cheios de cobiça, sentindo sua intensidade em um nível primitivo. Nesse momento, ele percebeu que a leitura tomara a forma de uma dança ritual de acasalamento, provocando ações e reações em ambos, de maneira que nenhum dos dois poderia ter esperado. Legna inclinou a cabeça para o lado quando ele fitou seu rosto, os cabelos caindo como um manto sedoso sobre ombros e costas, cobrindo quadril e coxas como um apêndice vivo. Ela segurou a mão que ele ainda mantinha sob a parte inferior de seu abdômen, afastando-a de seu corpo, emitindo um gemido baixo e provocante. Os lábios se distenderam num sorriso erótico, umedecidos pela língua que deslizava por eles sem pressa, provocante e convidativa. Ela deu um passo vagaroso para a direita. O movimento era a mais pura poesia de sedução, vibrando por todo o seu corpo como uma onda envolvente e quente.

- Você fez isso - acusou-o com voz rouca e suave.

Gideon percebeu que Legna tinha razão, em certa medida.

Sentiam-se inegavelmente atraídos um pelo outro havia muito tempo, sendo suas mentes, atitudes e o orgulho, os obstáculos que os impediam de explorar essa atração. Mas, quando ele penetrara no corpo saudável de Legna com seu poder, sem querer, ultrapassara as barreiras mentais que haviam erigido para se manterem distantes um do outro, fundindo-os imediatamente num campo magnético sensual. Legna reagira projetando o próprio poder para dentro dele, completando o ciclo, ligando-os um ao outro por um nó impossível de desatar.

- Eu posso ter começado tudo isso, mas você perpetuou o que eu comecei, Magdalegna - Gideon respondeu, observando-a atentamente enquanto, sorrindo, ela dava um passo de cada vez, começando a contorná-lo. O médico se mantinha imóvel, o que não era fácil, considerando que todo o seu corpo vibrava com a mistura de excitação e ansiedade. Controlado, mantinha os olhos fixos nela.

Legna parecia estar ponderando suas palavras, e ela refletia com a mesma intensidade com que os olhos estudavam seu corpo. Gideon jamais havia experimentado sensação tão primitiva em toda a sua vida. O poder do

que sentia superava toda e qualquer memória de estímulo sexual experimentado ao longo dos anos. Dos séculos.

Ela era um modelo de beleza primitiva.

Legna aproximou-se dele, tão consciente de cada terminação nervosa de seu corpo altamente estimulado, que não sabia como ainda não gritava em consequência da sobrecarga. Ela permanecia tão conectada a Gideon, tanto no nível mental quanto pelo poder que compartilhavam, que suas constatações, sentimentos e consciência haviam se tornado parte dela. Sabia o que acontecia em cada um desses campos, sabia o que acontecia no corpo de Gideon, mas não sentia medo. Acompanhava esse poder como se acompanha uma melodia, sentindo que ele a inundava e afetava como um choque elétrico de alta voltagem. Era divino. E era mortal.

Mas não se incomodava, porque sabia que ele estava tão dominado por esse encantamento quanto ela. Ambos possuíam naturezas dominantes. Ele conhecia esse aspecto de seu caráter, e ela começava a travar conhecimento com essa esfera da própria personalidade.

Legna sorriu, e seu rosto adquiriu a forma de um belo pecado.

- Você me menosprezou - ela o fez lembrar, afastando-se o suficiente para tocar seus bíceps, fazendo saltar o músculo desenhado e firme sob a seda da camisa. Os dedos foram deslizando até alcançar o ombro, trocando a suavidade pela ousadia, seguindo o passeio pelas costas largas e descendo pela coluna. A palma da mão tocou brevemente um glúteo antes de continuar descendo, abandonando o músculo rígido e tenso.

- Eu sei ... - ele respondeu com voz rouca, os olhos queimando como faróis quando ele a viu posicionar-se novamente na sua frente. - Fui um tolo. Assumo a culpa e reconheço a arrogância de que me acusou.

A declaração a satisfez. O sentimento se refletia em sua expressão, na segurança renovada com que ela se aproximava de forma a quase tocá-la, peito a peito. Gideon baixou o olhar, fitando os lábios carnudos e úmidos, a forma convidativa alimentando a sede por seu corpo. Lembrava como era doce o sabor daquela boca. Mas ela já havia deixado claro que estava no comando, ditando o ritmo do momento, por isso ele se conteve, evitando movimentos agressivos para a satisfação de seu desejo.

Legna sentia a necessidade que ele se esforçava para controlar, esperando

por sua decisão quanto ao ritmo e ao desfecho daquela delicada situação. Tal atitude a satisfazia, aumentando em muitas notas o interesse que já sentia por ele. O estado de excitação de Gideon era intenso, o aroma másculo a envolvia como um manto, como uma chuva, uma exótica tempestade tropical. Ela fechou os olhos e respirou profundamente, enchendo os pulmões com a provocante fragrância. Gideon gemeu, sentindo a projeção de sua excitação sexual como um golpe físico. As mãos estavam cerradas e próximas do corpo, numa tentativa aflita de refrear a urgência de possuí-la ali mesmo. Legna abriu os olhos, e ele ficou chocado ao notar que se haviam tornado prateados, um espantoso reflexo dos olhos dele. Isso era algo que não poderia explicar com coerência. Estava envolvido demais nessa dança de sedução para tentar raciocinar com clareza.

Ela levantou as mãos e as apoiou no peito de Gideon, deslizando dois dedos por entre as fitas de seda que, entrelaçadas, mantinham fechada a camisa, soltando-as com leveza e habilidade espantosas, tanto que ele só percebeu a intenção quando sentiu uma das mãos tocando sua pele por entre as duas partes do tecido, acariciando os contornos atléticos dos músculos tonificados.

- Magdalegna - ele sussurrou. - Em toda a minha vida, nunca me aproximei de outra criatura tão bela quanto você.

O elogio a encheu de contentamento. A conexão entre eles era tão firme e completa, que sabia que Gideon dizia a verdade.

- No entanto consegui resistir a mim durante todos esses anos - Legna murmurou.

- Foi como plantar o inferno na Terra - ele confessou com franqueza.

Ela se aproximou ainda mais, sussurrando em seu ouvido por entre os dentes:

- Preferiu caçar uma fêmea humana a vir se entregar a mim.

- Estava tentando proteger você. - Gideon respirou fundo, aspirando o delicado aroma de almíscar. - A fêmea humana não passou de uma insanidade num momento infeliz e inoportuno. Não queria usar você para obter gratificação sexual em um momento de loucura desrespeitosa. Eu teria nos coberto de vergonha agindo dessa maneira.

- Você me envergonhou no momento em que me chamou de criança, Gideon - ela o acusou sem rodeios.

- Foram apenas as palavras de um covarde - o médico confessou com

tom rouco. - Senti medo da falta de controle que inspirava em ruim.

- E ainda teme o que posso inspirar em você, Gideon?

- Sim - ele admitiu. - Sinto medo. - Ergueu uma das mãos, tocando-a no rosto e traçando com os dedos a curva da face delicada. - Jamais imaginei que pudesse existir tal intensidade. É humilhante viver por séculos para descobrir que ainda há muito para ser aprendido... e que ainda existem coisas capazes de surpreender e chocar.

Ela sorriu satisfeita ao ouvir a declaração, fechando os olhos para desfrutar plenamente do calor do toque em seu rosto. Gideon doía por ela, corpo e mente sentindo como se contivessem energia demais para manter represada por muito mais tempo.

- Diga-me agora - ele murmurou. - O que vai escolher. Vai me deixar, *Indirianna*? - ele indagou, deixando cair sobre ela o mais precioso segredo, seu nome de força, como o toque de mil dedos buscando acariciar as partes mais íntimas e resguardadas de seu ser, arrancando de sua garganta um gemido de prazer.

- Conhece meu nome - ela constatou fascinada, chocada, mas não apavorada como deveria estar.

Os nomes comuns pelos quais os Demônios se conheciam e chamavam eram apenas rótulos, todos selecionados por conveniência e como uma demonstração de respeito por aqueles representados nas histórias da Bíblia cristã. Nomes de força eram inteiramente diferentes. Quando alguém conhecia o nome de força de um Demônio, podia exercer sobre ele sua influência. O nome de força de um Demônio era o componente essencial em uma intimação. Com ele, um nigromante podia forçar um Demônio capturado e cativo a fazer tudo que ele desejasse. Por isso esse era o mais precioso de todos os segredos, uma informação que cada um deles guardava como a própria vida.

- Diga meu nome - ele pediu, a mão envolvendo a nuca delicada numa mescla de carícia e posse. Dessa vez foi ele quem sussurrou em seu ouvido. - Diga ...

- Não sei qual é seu nome - ela respondeu arfante.

- Sim, você sabe. Eu sinto que sabe. Só precisa procurar por ele dentro de nós. - "Nós" era o termo apropriado. Nesse momento, era quase impossível discernir quais pensamentos pertenciam a quem.

Gideon era o mais velho de todos. Não havia nenhum outro; sendo assim, ninguém que pudesse ter conhecido seu nome de força ainda vivia. Os pais estavam mortos. Os *siddah* estavam mortos. Se Legna descobrisse seu nome, estaria pondo a própria existência nas mãos dela, oferecendo a ela o instrumento para colocá-lo em total estado de submissão. Legna tentou recuar, incapaz de superar o choque causado pela magnitude do que ele oferecia. Mas ele a mantinha bem perto, negando-se a libertá-la.

- Não posso - ela sussurrou, o corpo todo começando a tremer.- Ninguém deve saber. Ninguém. Não sou forte o bastante para manter essa informação em sigilo, Gideon.

- Você é mais forte do que imaginei, minha linda.

- Por favor, não me peça isso. - Ela o empurrou, usando o peso do corpo para tentar se libertar. Gideon a reteve por mais um momento, examinando atentamente a expressão apavorada.

- Um dia - prometeu com tom calmo. Depois, ele a soltou.

Legna cambaleou em resultado da súbita libertação. Uma das mãos buscou o peito, como se quisesse conter pela força os movimentos impostos pela respiração arfante. Gideon se aproximou ainda uma vez, tocando seu queixo para forçá-la a fitá-la nos olhos.

- Já fez sua escolha, não é?

Legna não fingiu desconhecer o significado da pergunta.

Grande parte dele ainda se movia no interior de sua mente atribulada. De repente, compreendia que havia um nome para o que acabara de acontecer entre eles. Agora Gideon estava marcado nela, para sempre, e ela nele. Embora não tivessem se unido no sentido físico mais íntimo, cada um demarcara seu território no outro. Ela já podia sentir as mudanças dentro dela. Seu cheiro, por exemplo, estaria para sempre misturado ao dele. Nunca mais seria o mesmo. Seus pensamentos estavam repletos de imagens provenientes dos pensamentos dele. O poder de Gideon agora se tornava parte dela.

- Acha mesmo que em algum momento eu pude escolher? - ela perguntou, o corpo todo tremendo em razão do choque da constatação.

- Sim. Você sabe muito bem que a escolha é possível.

Ele estava certo. Não queria admitir, mas a escolha estivera em suas mãos, embora natureza e destino houvessem criado uma situação irresistível,

despertando nela a fêmea predadora, trazendo à tona seus desejos mais intensos.

- Eu escolhi você, Gideon - ela murmurou sem hesitação. - E você me escolheu. Mas como isso é possível?

- É raro, Legna. Eu sei. Isso acontece entre dois Demônios uma vez a cada dois séculos, talvez. Mas pode sentir que é real, não pode? Está dentro de você como também está dentro de mim. Para sempre.

Gideon compreendia de repente que conhecia a origem do aparentemente estranho desenvolvimento de Legna. Esse intercâmbio entre eles começara nove anos atrás, quando se iniciara o desenvolvimento acelerado de seus poderes. Deixara dentro dela partes de si mesmo depois daquele breve e tórrido encontro; e isso havia acelerado o amadurecimento de Legna. Ele a tornara mais forte do que havia sido antes, inundando sua química com características que antes haviam pertencido a ele, somente. Por isso se adaptara às funções autônomas de Legna durante o exame. Ela já se tornara parte dele, como ele se tornara parte dela. Havia se perdido em meio ao conflito de emoções intensas, por isso não perceberam antes.

- Gideon, estou com medo.

A confissão não era inteiramente inesperada. Já a sentira anteriormente. Por isso a libertara, permitindo o fim do contato físico. Por isso decidira ignorar as sufocantes exigências do próprio corpo para que ela pudesse ter tempo para aceitá-lo, a fim de reconhecer que havia mais entre eles do que a poderosa atração física que partilhavam.

- Eu sei que está - ele respondeu com voz suave, o toque delicado da mão em seu rosto, ajudando-a a controlar as violentas emoções.

- Você é tão poderoso, Gideon! É o mais reverenciado em toda a sociedade dos Demônios, no passado e no presente. Como posso ... Você tem razão - ela decidiu. - Comparada a você, sou realmente uma criança. De que maneira posso fazer essa marca ter algum sentido?

- Você vem de uma linhagem poderosa. Tem uma inteligência complexa e fascinante. É bela como jamais houve outra. - Gideon aproximou-se, deixando a boca pairar bem perto da dela. - A marca não precisa fazer sentido. Ela é o que é.

Finalmente, ele a beijou. Capturou sua boca como se aquela fosse a

primeira vez. No mesmo instante, se sentiu intoxicado pelo calor, pela textura e pela imediata paixão do beijo. Legna o aceitou prontamente e sem reservas físicas, embora a mente ainda temesse tudo que estava acontecendo. O desejo por ela ardia com força redobrada. Gideon dividiu com Legna as sensações que o dominavam, tragando sua exclamação chocada quando os sentimentos causaram o impacto esperado em sua consciência. A boca devorava a dela, a mão amparava a cabeça que se inclinava em busca de um melhor ângulo, e os corpos estavam colados num abraço apertado e quente. Legna era o puro néctar dos deuses. Gideon não se cansava de saboreá-la. A paixão ganhava força. Controle era algo que já não esperava mais manter, mas contava com ela para se colocar à frente da situação. De repente compreendia como se sentiam aqueles que estavam do outro lado, na posição de receptores de seu poder. O que recebia de Legna era pura eletricidade, força envolvente, a cura para a solidão auto-imposta, um bálsamo reconfortante.

Legna sentiu as impressões ternas que fluíam para seus pensamentos. Sentiu a constatação de Gideon, a somatória do custo em solidão acarretado por sua idade e pelo isolamento. Doía por ele, não só de desejo, mas por compartilhar seu sofrimento, e ele se deixou banhar por sua presença consoladora, por suas carícias e seus beijos. Ela ouviu palavras de paixão e ardor, tão antigas quanto o próprio tempo, girando por sua mente.

Quando Gideon finalmente se afastou dela, ambos tinham nos olhos um brilho mágico. e intenso, e ambos respiravam com dificuldade, embora inspirassem profundamente na tentativa vã de recuperar uma calma que demoraria a voltar.

Gideon afastou-se um passo, embora mantivesse o contato visual.

- Você tem receios - ele comentou com tom rouco. - Precisa de tempo. E vou lhe dar esse tempo na medida do possível, uma medida que será imposta por meu limite, minha linda. - Gideon continuou com evidente relutância. - Mas Beltane se aproxima rapidamente, e não serei capaz de manter sequer um pequeno resquício de cavalheirismo nessa noite tão simbólica. Nenhum par marcado pode resistir ao encantamento dessa poderosa noite de fertilidade e renascimento.

- Eu sei. Lembro-me das histórias - ela sussurrou, o coração batendo tão acelerado que podia explodir a qualquer momento. - Sou grata por tudo que fizer por mim, pelo tempo que puder me dar. Eu ... Posso sentir a dor que

suporta nesse momento por causa dessa ... negação.

- O que sente é minha dor combinada à sua, Legna, como sentimos também a combinação de nossas necessidades. Só posso dizer que é um alívio não estarmos no mês do Samhain. Essa seria uma tortura insuportável. Tem sido todos os anos por quase uma década.

Ela assentiu, estendendo a mão para tocar o belo rosto, necessitando senti-lo novamente, agora que era livre para tocá-lo. Gideon fechou os olhos e inspirou profundamente para tentar centrar-se. Ela compreendia que até um toque tão simples exercia profunda influência sobre ele. E a constatação a enchia de admiração.

Quando Gideon abriu os olhos novamente, havia neles um fogo luminoso e intenso.

- Mande-me para casa, minha querida - ele pediu com voz rouca, efeito de poderosas emoções suprimidas.

Legna fez um movimento afirmativo com a cabeça e se inclinou para beijá-lo nos lábios mais uma vez, um beijo rápido, mas possessivo.

Finalmente, ela recuou alguns passos, fechou os olhos e concentrou-se em imaginar a casa do médico. Estivera no salão dezenas de vezes como convidada, sempre acompanhada por Noah. A biblioteca, a cozinha, até as áreas mais afastadas e isoladas da propriedade eram bem conhecidas por ela. Poderia enviá-lo para qualquer uma delas.

Mas, quando começou a se concentrar, a mente foi tomada pela imagem de um aposento sóbrio e elegante onde jamais estivera. O revestimento das paredes era de ébano entalhado à mão e compunha painéis que subiam até o teto; e amplas janelas de vidraças pintadas derramavam luz multicolorida no interior do quarto, como se uma infinidade de arco-íris habitasse o cômodo. O centro era ocupado por uma enorme cama coberta por uma colcha de cor impossível de distinguir, resultado do sol que se derramava sobre ela, banhando-a com sua poderosa e temível luminosidade dourada. Podia sentir o calor do sol, convidativo e pronto para envolver quem quer que se deitasse para dormir na cama imponente. Era um belo quarto, e ela sabia sem nenhuma dúvida que aquele era o quarto de Gideon, e que ele compartilhava a imagem com ela. Se o enviasse para lá, seria a primeira vez que teletransportava alguém para um lugar onde jamais estivera.

- Você é capaz disso. - ele a incentivou com voz suave, pensamentos e crenças inteiramente tomados pela confiança nessa afirmação.

Legna sustentou o olhar dele por mais um instante, e depois, com um movimento do punho, mandou-o para aquele quarto, produzindo um suave *pop* com o deslocamento de ar. Respirando aliviada, teve certeza de que Gideon já havia aparecido em sua suíte, são e salvo. Ela se virou para olhar a própria cama e se perguntou como poderia dormir.

Minha linda ... Vá para a cama. Eu vou ajudar você a dormir.

A voz de Gideon a inundou, aquecendo-a, confortando-a de um jeito que jamais imaginara ser possível.

Ela removeu os sapatos e começou a despir o vestido, puxando as mangas de sobre os ombros com um farfalhar do tecido macio. De olhos fechados, evitava olhar para o espelho, sabendo que os olhos de Gideon estavam atrás dos dela.

A gargalhada masculina vibrou dentro de sua mente, causando um arrepio que percorreu toda a pele.

Então, você tanto é tímida quanto ousada ... Gideon comentou com tom debochado quando ela se atirou apressada sob as cobertas.

Você é uma fonte inesgotável de contradições e surpresas, Legna. Meu mundo renasceu. Recomeçou.

Quer dizer que viver um milênio não foi o bastante? Gideon considerou a pergunta com seriedade antes de responder:

Pelo contrário. Sem você, foi tempo demais. Agora durma, minha linda.

Um momento depois de receber o pensamento, *ela* fechou os olhos pesados, tomada por uma súbita sonolência que não poderia ter combatido, nem mesmo se quisesse.

Seu último pensamento antes de adormecer foi que teria de se lembrar de dizer a Isabella que talvez ela estivesse enganada sobre o que significava dividir a própria mente com alguém.

Já estava escuro quando Legna despertou do sono tão eficientemente induzido por Gideon. Ela permaneceu na escuridão de seu quarto por algum tempo, apoiada ao parapeito da janela, o rosto voltado para as luzes noturnas no céu aveludado.

De alguma maneira, tudo estava diferente. Cheiros, sons, o silêncio ... Tudo parecia ser mais tangível, mais real. Sentia o ar frio da noite beijando sua pele nua, e considerava estimulante a experiência sensual de expor-se dessa forma. Sorrindo, ela caminhou até o guarda-roupa para escolher o que vestiria.

Sempre fora muito cuidadosa na escolha do vestuário, preferindo adotar um estilo distinto, porém feminino, usando roupas que refletissem sua graça especial. Mas, nesse dia, sentia-se compelida a cuidar ainda mais da aparência. Não era preciso ser um gênio para entender por quê. Rindo de si mesma, girou diante do espelho para admirar o movimento da pesada saia de cetim. Era um vestido longo, caindo de um ombro como uma toga grega, girando e descendo a partir da cintura justa em muitas pregas de cetim vermelho adornado por fios de prata que lembravam os olhos de Gideon.

Ela corou ao examinar-se no espelho, consciente mais uma vez de que ele estava ali, atrás de seus olhos, vendo-a como ela mesma se via.

- Podia ao menos me prevenir - disse em voz alta, erguendo uma sobrancelha para o próprio reflexo.

E privar-me da delícia de conhecer esse seu lado? Nunca!

Legna sorriu, aproximando-se do espelho. Ela não conteve uma exclamação de espanto ao olhar para o próprio reflexo com mais atenção, a mão cobrindo as faces numa reação chocada quando viu os olhos refletidos.

- Meus olhos!

Meus olhos, ele a corrigiu.

Gideon não poderia ter estabelecido a verdade de maneira mais clara. Eram, de fato, as Íris cor de mercúrio que integravam o reflexo do rosto de Legna, onde já não se via mais o verde de antes. Um suspiro resignado escapou de seu peito. Não podia fazer nada quanto à espantosa mudança, então ... Restava-lhe simplesmente habituar-se a ela.

- Espero que não apareça por aqui com uma abundante cabeleira cor de café - ela comentou com o habitual humor sagaz.

Meu bem, isso é pouco provável.

- Se quer ouvir minha opinião sincera, tudo isso é muito injusto - ela disse com petulância exagerada. - Uma troca significa, que alguma coisa será substituída por outra. Até agora, só vejo você em mim. Não há nada de meu em você. Isso é bem típico de você, não acha? j

Ele não respondeu. Legna teve a impressão de ouvir o eco de um riso distante em sua mente. Estranhou, pois raramente ouvira Gideon rindo antes. Ele sempre fora tão sério, tão...

Tão...

Controlado.

- Se não se importa, prefiro que contenha o ímpeto de editar meus pensamentos pessoais - ela o censurou com tom altivo e ultrajado.

A resposta de Gideon foi o silêncio. Lançando um sorriso triunfante para o espelho, ela jogou para trás de um ombro a longa trança cor de café e saiu do quarto. Caminhava rapidamente pelo imponente corredor de piso de mármore que levava ao grande salão, a cauda do vestido lembrando uma flâmula brilhante contra o chão muito branco. Saltou os últimos degraus da escada e quase colidiu com Noah em sua pressa. O irmão a segurou pela cintura, com medo de que ela tropeçasse nele e caísse.

- Noah! - Legna cumprimentou eufórica e ofegante, as mãos sobre os braços dele numa reação instintiva. - Desculpe. Não vi você.

- Eu percebi - ele provocou, beijando-a no rosto e oferecendo a face para que ela retribuísse. - Parece apressada. Dormiu demais, ou é impressão minha?

- É, eu ... acho que sim. - Ela baixou os olhos, evitando encará-lo e soltando seus braços para ajeitar a saia, já perfeitamente arrumada.

De repente, Noah olhou em volta em imediato estado de alerta.

- O que é isso? Noah, o que está havendo?

- Eu ... - O rei hesitou por um momento. - Não sei ao certo. Por um momento, tive a impressão de que Gideon estava aqui.

Legna não resistiu ao impulso de virar a cabeça, uma tentativa aflita e reveladora de esconder o rubor que tingia suas faces. O movimento chamou a atenção de Noah, que estudou a irmã caçula com interesse ainda maior.

- Legna, ele está aqui?

- Não que eu saiba. Acabei de acordar, lembra? Preciso ir. - Ela o beijou mais uma vez no rosto e, rápida como um raio, correu para a porta, saindo antes que o irmão pudesse detê-la.

Mas Noah não precisava sair do lugar para fazer aquilo que desejava. Legna foi forçada a voltar ao interior da sala quando uma parede de calor se ergueu além da porta, apenas o suficiente para fazê-la sentir o equivalente a

uma queimadura por exposição excessiva ao sol. Consternada, ela pôs as mãos na cintura e se virou para encarar o irmão.

- Muito bem, o que é isso agora? Prisão domiciliar?

- Se é esse o nome que quer dar ... - Noah respondeu com ar distraído, aproximando-se da irmã com a clara intenção de examiná-la melhor. - O que está acontecendo, Legna? Tenho a estranha sensação de ter sido alienado de um esquema maluco engendrado por você. Aposto que a encenqueira com quem meu Defensor se casou a envolveu em urna de suas confusões.

- Com ou sem estranha sensação, meu caro irmão, vai ter de se esforçar e fazer muito melhor do que isso para me fazer ficar quieta por tempo suficiente para encontrar em mim suas respostas.

Com um movimento de mão, ela desapareceu, causando uma forte coceira no nariz de Noah por causa do deslocamento de ar. *Ela faz isso de propósito*, pensou o rei, a voz interna soando tão petulante quanto ele se sentia enquanto coçava o nariz. Alguém já havia dito que os Demônios do Fogo eram os mais poderosos da raça, mas esse alguém cometera um terrível engano. Sim, ele era um dos mais destrutivos de sua espécie, mas Legna tinha o poder do movimento ilimitado, e ela sabia bem como usá-lo. Nunca ficava para aturar alguma coisa que não quisesse presenciar, ouvir ou suportar. Podia viajar instantaneamente para qualquer lugar. E, como se não bastasse, podia dizer a ele o que sentia antes mesmo de ele decifrar os próprios sentimentos. Essas eram apenas suas habilidades inatas.

- Felizmente ela está do seu lado.

Sobressaltado, Noah virou-se para encarar o Demônio que surgira atrás dele com impecável silêncio e total discrição.

- Jacob! Acabou de me roubar dez anos de vida! - Noah queixou-se irritado com o susto.

- Só dez? Devo estar perdendo o jeito - ele respondeu rindo, olhando para o lugar onde Legna estivera até um segundo antes, apontando com a cabeça naquela direção. - O que foi aquilo?

- Não tenho a menor idéia, mas estou começando a sentir que sou o único que não sabe o que acontece nesta casa.

- Uma situação lamentável, considerando que você é o rei - Jacob opinou com ar divertido quando Noah o fitou furioso. - Isso é só o que eu penso, é

claro. Talvez deva perguntar o que pensa aquela encenqueira com quem me casei.

Noah teve a generosidade de corar.

- Você ouviu, é?

- Sim, eu ouvi. E portanto ... - Jacob deixou a frase por concluir.

- Ela também ouviu - Noah concluiu por ele. - Eu peço desculpas, Bella. Acho que estou de mau humor, só isso.

- Ela diz que o perdoará assim que precisar de uma babá.

- Escute, acho melhor sair e ir cuidar de garantir a manutenção das leis no reino, antes que eu comece a pensar em como posso pôr fogo no seu traseiro de mil maneiras diferentes - o rei ameaçou com crueldade, o olhar firme sugerindo que seria capaz de cumprir a ameaça.

- Eu já teria ido, mas preciso da ajuda de Gideon. Onde ele está?

- E como eu vou saber? - Noah disparou impaciente, aproximando-se da lareira acesa para ir se sentar na única coisa naquela sala que não o estava incomodando ou preocupando: sua poltrona.

Jacob seguiu o amigo e monarca com uma expressão perplexa no rosto.

- Espere um minuto, Noah. Está dizendo que Gideon não está aqui? Não esteve aqui?

- Exatamente. E por que ele estaria? Não há reunião de conselho marcada para hoje. E apesar de... - Noah se interrompeu, os olhos buscando os de Jacob - Por que pensou que Gideon estaria aqui?

- Porque conheço o cheiro dele. Além do mais, ele tem uma presença bastante marcante, como você bem sabe.

- Sim, eu sei - o rei resmungou. - É engraçado... Eu poderia jurar que senti a energia dele atrás de mim há menos de cinco minutos. Talvez ele esteja na área. Perguntei a Legna se ele havia estado aqui, mas ela não disse nada. - Noah se recostou e deu de ombros. - Seja qual for a razão, não deve ser importante.

Jacob assentiu como se concordasse com seu soberano, embora não parecesse completamente satisfeito.

- Jacob, há algum problema? Isabella está bem?

- Provavelmente. Ela não se sente muito bem hoje. Pode ser uma ocorrência normal para uma humana, mas imaginei que Gideon poderia

acalmá-la.

- Diga a ela que desejo melhoras - Noah pediu, o tom de voz revelando todo o carinho que sentia pela druidesa. - Dê a sua parceira todo o apoio que puder, meu amigo. Ela está descobrindo um mundo novo. Deve ser assustador bancar a Eva para toda uma raça.

- Não se preocupe. Farei qualquer coisa para assegurar a felicidade e a tranquilidade de minha Bella. E isso inclui convencer outros... indivíduos a garantirem sua felicidade e seu bem-estar. - Jacob respondeu. Estava falando sério, claro, mas esperava que as palavras servissem também para acalmar os ânimos e o orgulho de uma certa pessoa que acompanhava seus pensamentos.

- Tenho certeza de que Gideon vai adorar saber disso. - Riu Noah.

Jacob resmungou alguma coisa incompreensível e evidentemente mal-humorada. Depois, alterando a gravidade, começou a se afastar do chão.

- Se encontrar Gideon antes de mim, diga a ele para ir ver Bella, por favor.

- É claro - Noah respondeu. - Diga a ela para começar a se comportar como uma verdadeira druidesa, ou eu... - o rei foi interrompido por um súbito movimento de mão e uma expressão de alerta do Defensor, mas a interrupção ocorreu tarde demais, a julgar pelo ar condoído de Jacob.

- Você acaba de ser excluído da lista de convidados para o nosso casamento - Jacob revelou. - E acho que meu nome é o próximo a ser riscado.

- Eu até acreditaria nessa possibilidade, se não fosse responsável pela realização da cerimônia. E você... Bem, você é o pai do filho dela, uma criança que, se não houver casamento, será ilegítima - Noah respondeu em voz alta, dirigindo-se à pessoa que ouvia a conversa valendo-se dos pensamentos de Jacob.

- Ai! Droga, Noah! - Jacob segurou a cabeça como se ela pudesse explodir com o eco do grito frustrado de Isabella. - Lembre-se de que eu tenho de voltar para casa e enfrentá-la, por favor.

No instante seguinte, ele se transformou num cone de poeira e flutuou pela janela do castelo para a noite escura, deixando Noah sozinho com os próprios pensamentos.

Bella levantou-se do sofá onde fora deixada e de onde, segundo as ordens do

marido, não poderia sair. Esfregava as mãos com grande ansiedade enquanto andava de um lado para o outro sobre a área do tapete. Piadas e provocações à parte, Jacob estava tentando se manter muito próximo de seus pensamentos. Seria mentira dizer que não se sentia confortada pela presença constante dele, mesmo que nesse momento ele estivesse fazendo um verdadeiro sermão sobre sua incapacidade de obedecer ordens.

- É só uma dor de cabeça e um pouco de náusea, Jacob. - ela disse em voz alta na sala vazia. - Não sei por que acha que é necessário incomodar Gideon.

Posso afirmar que você precisa ser tranqüilizada. Embora insista em dizer o contrário.

Bem, eu não sei o que me faz ficar mais nervosa, se é essa sensação estranha, ou se é ver você reagir à minha sensação estranha. Se isso for apenas gases ou coisa parecida, Gideon vai me massacrar.

Você sente o que sente, meu amor. E isso é sempre permitido. Ainda vou demorar um pouco. Por favor, sente-se e descanse, sim.

Isabella assentiu, e embora não pudesse ver o movimento, Jacob teve a impressão de sua aquiescência. Ela o libertou da parte frontal de sua mente, indo se acomodar no sofá, aconchegando-se até sentir as pálpebras pesadas, caindo.

Quando começava a pegar no sono, ouviu alguém bater na porta.

Legna surgiu bem diante da porta da casa de Isabella. A amiga não a esperava, por isso ela decidiu ser educada e bater. E fazia questão de fazer incidir suas boas maneiras na presença masculina que passara a residir no fundo de sua mente. Talvez agora ele aprendesse um pouco mais sobre protocolo humano.

Eu não contaria com isso, minha linda.

Pode me dar licença? Gostaria de ter ao menos um pouco de privacidade enquanto converso com minha amiga.

Privacidade é uma bobagem humana, Legna. Está passando tempo demais com a druidesa, e agora vai começar a adotar as idiossincrasias da fêmea humana.

Ela é minha amiga. Eu a amo profundamente e devo muito a ela. Se tem algum problema com isso...

Não me ameace Legna. É perda de tempo. Vai sair daqui, ou não?

Se tenho escolha ... não.

Muito bem, deixe-me reformular a frase. Saia daqui, ou eu vou colocá-lo para fora. E não pense que não sou capaz disso ou que não teria coragem. Marcada ou não, encontrarei um jeito de tirar você da minha mente. Além do mais, ainda preservo minha liberdade, apesar de toda essa situação.

Entendo. Bem, se insiste mesmo nisso, não sei por que me convidou.

Eu não convidei. Bem, não na primeira vez. E a segunda foi só... ah, esqueça! E nem pense em dizer mais alguma coisa a respeito da influência de Bella sobre mim!

Não vou dizer mais nada .. Divirta-se com sua amiga, minha linda.

Ela o sentiu deixando sua mente. Havia muito de Gideon que passava a fazer parte dela, enredando-se em sua essência, tanto que, de repente, não conseguia mais ter certeza de que o havia removido inteiramente de seus pensamentos. Seria possível para casais marcados um completo e absoluto bloqueio da conexão inerente a suas mentes? Alguém já havia tentado? Alguém já havia desejado esse bloqueio? Tudo isso ainda era muito novo. Precisaria de tempo para esclarecer tudo que estava sentindo.

Mas uma parte perspicaz de sua mente percebia que pensamentos expostos e olhos prateados eram um preço pequeno a ser pago pelo poder que prometia ingressar em sua vida.

A sensação mercenária a perturbou causando um arrepio, contudo, respirou fundo e decidiu ignorá-la. Não se deixaria intimidar por nenhum aspecto dessa nova situação.

Ergueu a mão e bateu na porta da casa de Isabella.

Jacob chegou à casa de Gideon em tempo recorde, propelado por uma extraordinária velocidade pela preocupação com Isabella. Entrou na mansão por uma janela aberta, transmutando de poeira em Demônio com rápido giro de suas moléculas.

Ele olhou em volta, estudando o ambiente, sentindo a forte presença de sua presa do momento. Fazia muitos anos que não visitava aquela casa, domínio absoluto de Gideon. Era surpreendente perceber quão familiar o lugar ainda lhe parecia, apesar de se sentir desconfortável na presença do médico. Não conseguia se livrar completamente de alguns sentimentos negativos que haviam surgido entre ele e o velho amigo. Mas as necessidades de Bella estavam acima de tudo, e ela precisava

de Gideon.

- Jacob?

O Defensor virou-se ao ouvir seu nome, já tendo sentido a presença do médico na sala.

- Gideon, vim pedir um pouco de seu tempo.

- É claro. Algum problema com sua parceira? - ele perguntou preocupado.

- Não creio que seja algo sério. Mas ela tem aqueles surtos de nervosismo e acaba adoecendo por isso. Bella não admite abertamente, mas se preocupa muito e, admito, sua imaginação pode ser uma verdadeira maldição em alguns momentos. Ela precisa de ajuda. Nenhum outro médico vai servir. Ela só confia em você e em ninguém mais com relação à gravidez.

- É compreensível. Eu mesmo disse a Isabella para não hesitar em me chamar, e estava falando sério. Ela é minha prioridade nesse momento.

Jacob ficou em silêncio por um momento, absorvendo como isso o fazia sentir e reconciliando-se com todas as outras coisas que sentia pelo médico.

- Então, quero que saiba que sou grato - ele disse finalmente, inclinando a cabeça numa breve demonstração de respeito pelo amigo.

-Pode vir se quiser me ajudar. Venha, vamos ...

Gideon!

O grito ecoou tão estridente em sua cabeça, que ele teve de levar uma das mãos à testa e fechar os olhos. Tinha moderada consciência de Jacob reagindo com surpresa à imagem inconcebível que devia estar oferecendo nesse momento, mas ele se concentrou na urgência do chamado de Legna, especialmente por ter ocorrido tão depressa, tão pouco tempo depois de ela o ter dispensado.

É Isabella? Ele perguntou, chegando rapidamente a essa conclusão por saber onde ela estava.

Sim! Ela está caída no chão! Há muito sangue!

Gideon olhou para Jacob, e nesse momento viu o Defensor empalidecer bruscamente sob o habitual bronzeado. Aparentemente, ele acabara de tomar consciência da agonia de Isabella.

- Misericórdia... - ele sussurrou.

- Jacob, fique onde está - ordenou o médico.

- Não! - A explosão expressava grande fúria. - Bella é minha esposa, e você não manda em mim!

- Escute, Legna está com ela - Gideon explicou com tom calmo, tentando manter a situação sob controle. - Ela pode nos teletransportar muito mais depressa do que podemos viajar por nossos meios.

-Legna? - Havia incredulidade na voz de Jacob. - Ela não é poderosa a esse ponto.

- Sim, ela é. Mais do que imagina. Confie em mim e pare de discutir. O tempo é essencial aqui.

A segurança na voz do médico calou o Defensor, que assentiu em sinal de aquiescência e abandonou a atitude hostil que sempre assumia na presença de Gideon.

Legna, você é capaz.

Não! Os dois ao mesmo tempo? E de uma distância tão grande?

Você pode. Só parte de você, agora, e isso a faz capaz de tudo que quiser fazer. É muito mais forte do que percebe. Sempre foi, antes mesmo do meu toque. O Destino não teria me dado uma companheira fraca!

Legna ficou em silêncio. Gideon sentiu que ela reunia sua energia, banindo da mente a dúvida e a insegurança. Aparentemente, a condição de Isabella era grave o bastante para convencê-la a tentar, e Gideon foi tomado por um forte sentimento de orgulho, admirado com a seriedade com que ela assumia suas responsabilidades e como aceitava sua palavra com confiança.

Jacob viu o mundo se espremer diante de seus olhos, fenômeno visual que todo teletransportado experimentava quando era deslocado de um lugar para outro por um Demônio da Mente.

A alteração de pressão afetou o aparelho respiratório dos dois Demônios, desorientando-os por alguns segundos.

O primeiro impulso de Gideon foi procurar por sua paciente, mas, ao mesmo tempo, a conexão recém-estabelecida com a parceira exigia sua atenção. Ele sentiu a onda de náusea e fraqueza que arrebatava Legna. Virando-se, viu que ela estava pálida, cambaleando, e correu a ampará-la, deitando-a no chão.

- Jacob, ajude Legna. Ela deve se recuperar rapidamente.

Gideon sabia que em breve ela recuperaria a energia investida na operação de teletransporte. Por isso não hesitava em deixá-la aos cuidados de

Jacob. O Defensor, cujos olhos estavam fixos na parceira desfalecida, não era tão racional.

Ele ignorava a ordem de Gideon, pois todas as fibras de seu corpo clamavam para que se aproximasse da parceira, caída no chão numa posição estranha e mergulhada numa poça de sangue. Sangue dela mesma! Jacob atravessou a sala num piscar de olhos, as botas esmagando cacos de vidro e outros escombros. Nenhum dos dois Demônios deu atenção ao caos que reinava no ambiente, porque ambos estavam inteiramente concentrados em Isabella.

Gideon conectou-se com a figura inerte da pequena druidesa e reconheceu imediatamente que a delicada criatura parecia ainda menor sem a vibração que normalmente a acompanhava em estado consciente. Ela estava caída como um pardal ferido. Viu o impulso de Jacob de segurar a mão dela, e a rapidez com que ele abandonou essa intenção ao notar os cortes, ferimentos e queimaduras nos dois braços, nas mãos e nos dedos da parceira. O Defensor não tolerava a idéia de causar dor a Isabella, mesmo que ela estivesse inconsciente. Assim, ele se ajoelhou ao lado dela, apoiando-se sobre um só joelho, o dorso da mão cerrada pressionando a boca como se desejasse engolir a ira que pintava seus olhos de um tom uniforme de negro.

Gideon tocou a testa da druidesa, a palma cobrindo-a por completo. A temperatura do corpo estava baixa. Imediatamente, ele foi inundado pelo alarme que ficara registrado em sua mente, suas defesas ativas e suas habilidades de cura já em ação para guiá-lo para os ferimentos internos que a ameaçavam. Mas, por mais depressa que os Nightwalkers se curassem e cicatrizassem, nunca seriam capazes de compensar um trauma dessa magnitude sem intervenção externa.

Era evidente que alguém havia atacado a druidesa. Ela estava ferida, coberta por horríveis hematomas da cabeça aos pés, como se houvesse sido sacudida e atirada longe. Havia marcas semelhantes às de queimaduras. Era a assinatura do ataque de um nigromante. O cheiro de carne queimada pairava no ar, descaracterizado pelo aroma forte de sangue.

Mesmo grávida, Isabella lutara. As feridas em suas mãos e nos braços eram prova disso. E a sala estava destruída, tomada por objetos quebrados e sinais de luta

Como o atacante, nigromante ou outro ser de grande força, conseguira

ultrapassar as barreiras de defesa de Isabella?

A investigação teria de ficar para depois. Gideon tinha uma tarefa mais importante agora. O sangue visível jorrava em grande parte do feto no ventre da paciente, ou ainda, da placenta que nutria o pequeno ser em formação. Embora ela estivesse caída em uma poça do precioso líquido, Gideon podia avaliar melhor a perda pelo aspecto interno do corpo, em vez de limitar-se ao exame visual. A situação era grave e piorava a cada minuto. Podia reparar o dano causado à placenta e ao líquido amniótico, mas precisava de ajuda para repor o sangue perdido.

- Jacob - ele chamou em voz baixa, dividindo sua atenção entre o início do processo de cura e a comunicação com o Defensor. - Ela precisa de sangue. É uma necessidade premente.

- Use o meu- ele respondeu sem hesitar, oferecendo o braço.

- Não. Você é Demônio. Os tipos não são compatíveis. Ela é parcialmente humana.

- Somos todos Demônios aqui, Gideon. Quem pode ajudá-la, se não eu, o marido?

- A irmã dela, Jacob. Corrine é a única outra híbrida entre nós e, por sorte, elas são parentes consanguíneas. É o suficiente para ter certeza da necessária compatibilidade. E se a compatibilidade não for total, sei que poderei ajudar a contornar o problema. Mas temos de agir depressa, ou ela vai perder o bebê. E corremos o risco de perdê-la também.

- Você não vai perdê-la! - Jacob rosnou de repente, raiva e pavor se misturando para dominá-lo. Em pé como se uma força misteriosa o impulsionasse, ele cerrou os punhos. - Está me entendendo, Gideon? - ele continuou com violência assustadora, travando uma terrível batalha com as próprias emoções. - Se ela morrer... - Era evidente que o Defensor não conseguia nem concluir o pensamento. Ele caiu de joelhos, esmagado por uma dor tão intensa que não conseguia nem manter a aparência controlada.

As emoções de Jacob bombardeavam a mente desprotegida de Legna, e ela recobrou a consciência com um grito alarmado. Sufocada, tossindo, estranhando a angústia que a dominava, olhou em volta e encontrou o olhar firme de Jacob. Tentava respirar, parecia que a vida estava sendo sugada de seu corpo, como se sua alma fosse arrancada por garras de ferro. Jamais havia

experimentado angústia tão intensa e envolvente. Era como ver o próprio espírito morrer de maneira terrível sem poder fazer nada.

Então, houve um toque suave em sua mente... um contato gentil e curativo, uma espécie de bálsamo cicatrizante que se espalhava oferecendo conforto. Ela olhou para Gideon, e lágrimas quentes surgiram em seus olhos. Os dele eram firmes, seguros, emanando uma confiança que a inundava. Era precisamente a âncora de que necessitava para proteger-se do involuntário ataque mental de Jacob.

Gideon respirou fundo algumas vezes, incluindo-a no exercício de meditação e controle, ajudando-a a reorganizar pensamentos e emoções. Os olhos dela foram limpos de toda dor e ganharam uma calma inesperada, e a sólida e estável proteção de suas salvaguardas voltaram a cercá-la com solidez inabalável. Era possível perceber por sua expressão aturdida que a transformação também a confundia.

Um instante de comunicação telepática, e ela conseguiu se proteger contra o assalto mental produzido pelas emoções de Jacob.

Legna, você precisa ir buscar Corrine. A comunicação telepática entre eles permitia que a solicitação ecoasse nítida em sua mente, tornando desnecessária a repetição do comando em voz alta, o que só aumentaria a angústia de Jacob.

Ela não fez perguntas. Não hesitou. Dessa vez, não permitiu que a dúvida consumisse instantes de um tempo precioso. Compreendendo a urgência da situação, levantou-se

rapidamente e chamou a atenção de Jacob com o gesto. O Defensor passou a mão pelo rosto molhado, olhando para ela com uma mistura de choque e incredulidade.

A esperança tomou o lugar de todas as outras emoções. Por mais poderoso que fosse, Jacob tinha limites para a velocidade com que se locomovia. Corrine e Kane tinham decidido se dividir para cuidar dos assuntos que mantinham na Inglaterra e em Nova York, e nesse momento Corrine estava na grande metrópole americana, com um vasto oceano a separá-los. Ele jamais teria sido capaz de trazê-la de volta a tempo de salvar a vida de sua esposa. Até mesmo encontrar outro Demônio da Mente poderoso o bastante para isso, tomaria um tempo precioso. Porém, ao ver a empata fechar os olhos e respirar profundamente, Jacob compreendeu que Legna se

preparava para realizar a façanha que muitos não poderiam realizar por seu grau de dificuldade. Era espantoso.

Jacob viu o corpo de Legna estremece pelo esforço e levantou-se, pronto para salvá-la das conseqüências da tentativa. Não ousava tocá-lo e prejudicar sua concentração, mas mantinha-se próximo, atento. Uma sensação de arrepio percorreu sua pele. Mais um segundo, e uma brutal explosão de ar ocorreu no centro do aposento, causando uma espécie de pequeno furacão que durou cerca de um segundo. No instante seguinte Corrine estava ali, diante deles.

Assustada e pálida, ela só não gritava por falta de forças para isso. Um Demônio estava habituado a ser tirado do lugar e teletransportado em caso de emergência, mas uma híbrida de humana e Druida...

Legna cambaleou por um instante, depois, esgotada pelo esforço, caiu desfalecida. Sua pele, normalmente bronzeada, agora era de um assustador tom de bege. Ela perdeu a consciência com uma ruidosa exalação de ar que encheu o Defensor de apreensão, mas, tentando controlar-se, Jacob a amparou para impedir que se ferisse, deitando-a no chão e limitando-se a verificar sua pulsação e temperatura. Estava inundado por uma forte gratidão e por centenas de perguntas, mas tudo isso teria de esperar até que ela recobrasse a consciência.

Angustiado como estava, ele percebeu que não devia permanecer perto dela. Representava uma séria ameaça para a saúde de Legna nesse momento. Não se sentia capaz de exercer controle sobre os próprios sentimentos, e tocá-la significava abrir caminho para sua psique fragilizada.

Enquanto isso, vendo a irmã caída numa poça do próprio sangue, Corrine reagiu e recuperou-se com uma velocidade que só o amor podia proporcionar. Correndo para o corpo inerte, ela se ajoelhou no chão sujo e amparou a cabeça de Isabella com as mãos, colocando-a sobre suas pernas.

- Bella! - A ruiva soluçou aflita. - Oh, meu bem, em que se meteu dessa vez?
- a pergunta mesclava apreensão e irritação.

- Corrine, dê-me sua mão - Gideon pediu autoritário.

Por conhecê-lo e ter consciência do papel do médico na sociedade que a recebera tão bem, Corrine obedeceu sem fazer perguntas.

Segurando o pulso de cada uma das irmãs em uma das mãos, Gideon deu início à transfusão sem agulhas, reunindo grupos de célula, da doadora e distribuindo-as na receptora. Elas eram suficientemente compatíveis, tanto que

foi necessário realizar apenas pequenos ajustes nas células vitais. Melhor assim. No estado enfraquecido em que se encontrava, Isabella não suportaria muitas alterações em sua fisiologia sem sofrer maiores danos, o que prejudicaria também o bebê já tão intoxicado dentro dela. O processo surtia o efeito esperado. A cor começava a retornar ao rosto de Isabella, e Gideon ouviu Jacob respirar aliviado pela primeira vez desde o início do processo de transfusão. Corrine estava um pouco pálida em razão da experiência, ele notou, soltando seu pulso e permitindo que a moça ruiva recebesse o amparo grato do cunhado.

Minutos depois, a operação chegou ao fim com sucesso. A emergência fora contornada.

Gideon não conseguia deixar de olhar para o corpo inerte de Legna enquanto, ainda tocando Isabella, dava continuidade ao processo de cura. Legna continuava deitada no chão, pálida e desfalecida. Sabia que ela estava apenas exausta, mas o esgotamento poderia ser perigoso, não fosse por sua presença. Canalizou um segundo nível de consciência para enviar parte de sua energia para Legna, induzindo-a a um estado de sono profundo e tranquilo.

Mais calmo, dedicou-se à tarefa minuciosa de curar feridas e fechar cortes de Isabella. Sequer se deu ao trabalho de pedir permissão a Jacob para tocar a paciente. Ele se colocou na posição mais adequada para o processo, uma postura clássica de médico na prática da obstetrícia, posicionando-se entre as pernas de Isabella e apoiando-as sobre as dele, obtendo assim, acesso direto ao bebê. Tocou o abdômen distendido e ergueu a túnica que o cobria, revelando os horríveis ferimentos.

- Oh, meu Deus... - Corrine murmurou horrorizada. O alvo do ataque tornava-se subitamente claro. Jacob estava transtornado. Corrine o segurou pelo braço, impedindo uma ação intempestiva promovida pela ira e, ao mesmo tempo, oferecendo conforto. Gideon fechou os olhos e concentrou-se no pior ferimento, dedicando toda a sua energia à fixação da placenta, o que tomou tempo e exigiu grande esforço. O jeans encharcado de sangue e as manchas escuras na calcinha branca, tornavam mais real o horror do que acontecera ali para os que assistiam à cena. Para aqueles que a amavam. Corrine começou a chorar. Foi a vez de Jacob confortá-la com um abraço fraterno.

As evidências eram de que Isabella não havia lutado. Apenas se defendera. Cada laceração, cada osso fraturado, até a posição em que fora encontrada, tudo falava sobre uma jovem mãe que havia se dobrado sobre si

mesma para proteger a vida abrigada em seu ventre, suportando com coragem os chutes e golpes violentos.

Gideon a curava. Sendo ele um curador, um mensageiro do Destino e de suas escolhas, conseguia salvar a delicada druidesa e seu bebê antes que o dano fosse irreversível. Graças ao Destino... e a Magdalegna. Se ela não houvesse chegado à casa de Isabella naquele exato momento, teria sido tarde demais para qualquer ação dele ou de Jacob.

Mesmo com todo o poder de que dispunha, apesar de todas as habilidades que havia desenvolvido ao longo de muitos séculos de vida, Gideon ainda levou cerca de uma hora até poder respirar fundo e interromper o processo de transmissão de energia curadora.

- Jacob - ele finalmente falou, olhando para o rosto preocupado do amigo. - Agora ela dorme. Curei tudo que devia ser curado. Não posso fazer mais nada. Agora, só o tempo e muito repouso a trarão de volta.

Gideon estava cansado, e Jacob podia ver essa exaustão claramente no cinza de seus olhos. A ausência do brilho prateado habitual refletia exatamente a seriedade da situação, a gravidade do quadro que exaurira quase que totalmente a energia do poderoso curador.

- Ponha Isabella na cama - ele instruiu. - Ela e o bebê estão bem. - Gideon parou e olhou em volta pela primeira vez. - Tudo leva a crer que ela se envolveu numa batalha feroz - comentou, notando as marcas de queimadura nas paredes e os móveis tombados. - Mas o que vemos aqui é uma mentira.

- O que quer dizer? - Jacob indagou, vendo Gideon afastar-se um pouco de Isabella, acomodando-a com delicadeza espantosa. Sempre o espantara o contraste gritante entre frieza e distanciamento, características da personalidade do médico, e a transformação que ocorria quando ele curava ou tocava uma criatura em agonia. Nesses momentos, Gideon era tomado por uma ternura que falava de atenção, envolvimento emocional, sentimentos e emoções que não se podia perceber nele no convívio diário.

- Veja isto.

O médico tocou o queixo de Bella. Sua cabeça virou para o lado com enorme facilidade, o sono profundo e inalterado, apesar do contato e do movimento induzido. Gideon a manteria assim até que estivesse completamente curada e recuperada. Afastando os cabelos que cobriam parte

de seu pescoço, ele revelou duas marcas arredondadas e paralelas.

- Que diabo é isso? - Jacob perguntou furioso, estendendo a mão para tocar os ferimentos.

- Parecem marcas deixadas por um vampiro! - Corrine exclamou apavorada.

- Não pode ser. Eu não... - Jacob olhou para Gideon com ar confuso.

- Você lutou na guerra dos vampiros. Alguma vez viu uma dessas criaturas sugar o sangue de outro Nightwalker?

- Não. É um tabu. E já vi marcas de mordida de vampiro. Há mais de dois incisivos na arcada dentária, e é possível ver as marcas deixadas por todos os dentes muitas horas depois da mordida. Além do mais, o sangue ficou todo no chão e em nossas roupas. Não. Isso é uma farsa, uma tentativa ridícula de nos enganar. - Meneou a cabeça. - Veja, a área em torno dos ferimentos está queimada, e os buracos não vão muito além da epiderme. É uma ferida inócua, inútil.

- Ei, eu sei o que é isso! - Corrine gritou. - Todas as mulheres de Nova York podem reconhecer esse sinal. É uma arma de choque.

- Arma de choque? - Gideon estranhou. Demônios viviam sem tecnologia, e há séculos não tinham contato com humanos. Nunca ouvira falar em tal aparato.

Mas Jacob sabia o que era.

- Você tem razão, Corr.

- Mas não é das mais comuns. Deve ser uma daquelas armas de uso a distância, como as que são utilizadas nas prisões. Há uma espécie de dardo preso a um fio metálico e, quando é disparado, ele perfura a pele da vítima e causa o choque e a queimadura. Depois pode ser recuperado pelo atirador.

- Mas por que um nigromante... - Jacob interrompeu-se, certamente compreendendo o objetivo do atacante.

- Para contornar o obstáculo representado por seus poderes - Gideon confirmou, como se pudesse ler os pensamentos do Defensor e ouvir sua conclusão óbvia. - Atingida pelo disparo, Bella teve seus poderes anulados pela dor e pelo choque de alta voltagem. - Ele olhou para Jacob com uma súbita e assustadora mistura de frieza e austeridade. - É melhor chamar Elijah e solicitar uma investigação completa desse caso. A captura de nigromantes faz

parte das atribuições e responsabilidades dele, não suas. Entendo que queira punir quem fez isso, mas seu lugar é ao lado de Bella. Ela precisa de sua presença. Precisa sentir que está protegida do perigo.

- O que devo fazer?

- Quando recuperar a consciência, ela não deve receber visitas nem se levantar da cama. Se for necessário, você a interrogará por Elijah. Seu sistema imunológico vai ficar enfraquecido por algum tempo. Ela ainda é meio humana, e esse incidente vai deixá-la vulnerável. Leve-a para um local seguro, Jacob. Sugiro que peça a Elijah para deslocar alguns de seus guerreiros para protegê-la, especialmente quando você tiver de caçar.

Gideon não esperou nem um segundo para certificar-se de que Jacob havia compreendido suas instruções, nem esperou para ter certeza de que ele pretendia cumpri-las. Imediatamente, ele se debruçou sobre Legna. Segurando a mão fria e inerte, afastou os cabelos que cobriam a testa suada e murmurou:

- Minha linda. - Sem perder tempo, ele projetou nela seus poderes, examinando-a mais uma vez por precaução. Constatando que o quadro era apenas de exaustão, ele respirou aliviado e concluiu que a única coisa que podia fazer era deixá-la dormir.

Levantou-se e tomou-a nos braços, preparando-se para partir. O peso de Legna nada representava para sua força física. Havia uma dor intensa nele, o que o forçou a reconhecer que estava mais perturbado com ela do que esperava estar. Não importava saber que ela estava bem. O que importava é que ela sofrera grande desconforto e desgaste, e tudo porque ele a incentivara a agir.

- Gideon, vou buscar refúgio na casa de Noah - Jacob anunciou, erguendo a companheira do leito de escombros e luta. - Posso cuidar de Legna, também.

- Prefiro que nos envie para a minha propriedade - o médico respondeu. - Isabella precisa de paz e repouso, como Legna. Não creio que elas fiquem quietas por muito tempo se souberem que estão separadas apenas por uma ou duas portas e um corredor.

- Tem razão - concordou Jacob. - Corrine, pode ficar para cuidar dela? E, sim, está em contato com meu irmão nesse momento?

Ela assentiu.

- Ele está bem aqui. - Corrine tocou a própria testa para indicar que Kane monitorava a situação com suas habilidades telepáticas. - Ele está muito preocupado com você e com Bella. - Ela parou para ouvir a voz do companheiro no interior da própria mente. - Ele diz que vai agora mesmo teletransportar-se à casa de Elijah falar sobre o ataque. E também vai prevenir Noah sobre o que está acontecendo. Depois, ele virá para cá para montar guarda comigo até você e os guerreiros chegarem.

- Obrigado, Corr. Agradeça a meu irmão por mim.

- Ele já ouviu. Agora, vamos pôr Bella na cama. Ficarei com ela até chegar a hora de irmos para a casa de Noah.

Jacob levou Isabella para a cama no andar de cima, sob o olhar atento de Corrine, depois voltou para falar com Gideon. Ele ficou alguns instantes parado diante do amigo, sua expressão manifestando com eloquência a gratidão que o inundava. Gideon moveu a cabeça em sentido afirmativo, guardando um silêncio também muito expressivo. Então, Jacob estendeu a mão para o médico e Legna, deixando-os completamente sem peso e voando com eles pela porta e para a casa do médico.

O desejo de Jacob de retornar para perto da esposa superava a vontade que sentia de fazer mais perguntas ao médico, por isso Gideon e Legna se viram sozinhos rapidamente.

Ele levou sua parceira cuidadosamente escada acima, entrando no mesmo quarto cuja imagem havia enviado para a mente de Legna naquela manhã. Porém, o ambiente parecia diferente no escuro. Agora era a luz da lua que penetrava pelos vitrais das janelas, projetando cores mais sinistras e misteriosas do que aquelas que ela vira durante o dia.

Gideon sempre se deleitava com a beleza de coisas únicas, distintas. Sua casa era um museu dessa faceta particular de sua personalidade. Como muitas espécies de vida longa, ele havia colecionado ao longo dos séculos, um impressionante acervo de obras de arte e antiquário.

Quando pôs Legna no centro de sua cama, ele pôde ver com toda a clareza por que essa fêmea em particular fora escolhida para ser sua parceira. Mesmo exausta e em estado de absoluto repouso, ela emanava uma força impressionante. Ele sentou-se ao lado dela com cuidado, sem fazer barulho,

temendo perturbar seu sono natural e, em consequência disso, ser forçado a lançar mão de encantamentos para induzir o sono reparador novamente.

Ergueu a mão para tocar o rosto adormecido e ainda pálido, a pele onde se refletia um desenho azulado, projetado pela luz da lua através da janela. Como se tivessem vida própria, os dedos deslizaram até o pescoço delgado. Ele se permitiu sentir a onda de necessidade que o invadia. Era uma sensação intensa, quase dolorosa, que só ganharia força com o passar do tempo.

Mas havia prometido tempo à corajosa parceira. Ela ainda o temia. E sabia que teria de cumprir essa promessa a qualquer preço. Gideon via essa necessidade com extrema clareza. Conhecia Legna desde sempre, desde o momento em que ela havia nascido. Legna, por sua vez, sabia apenas aquilo que ouvira, o que aprendera a acreditar sobre ele. Coisas que ouvira enquanto era educada e formada. Ele era o Demônio mais velho da raça, e ninguém conhecia realmente a extensão de seu poder. Na essência de sua natureza estavam às raízes que o ligavam aos métodos mais antigos, quando respeito e obediência não eram apenas esperados, mas considerados um direito divino. Sua vontade era indomável, impossível de desviar ou enfrentar, por isso antevia uma árdua batalha de forças, caso ela decidisse resistir ou tentar enfrentá-lo.

Havia, porém, um outro aspecto dessa relação, uma esfera muito mais séria onde se refletiria uma terrível representação de seus atos aos olhos de Legna. Em seu inconsciente, ela guardava uma lembrança de que desconhecia.

Era a lembrança do dia em que a mãe dela morreria. Legna não tinha acesso a essa recordação porque, ainda muito pequena, traumatizada por ter sido testemunha ocular da tragédia, fora submetida à remoção das imagens de sua mente consciente. Um dia ela seria forte o bastante para recuperá-las. Seria um dia difícil para ela... e terrível para ele. Gideon sempre tivera a impressão de que ela tinha conhecimento de sua participação naquele dia. Talvez por isso resistisse a estar perto dele. Legna não entendia a compulsão, reduzindo-a a aversão ou medo inexplicável. Sem dúvida, ela sempre atribuíra o sentimento aos avisos com que Lucas enchera sua cabeça durante a juventude. Uma tentativa clara de ensiná-la a respeitar os mais velhos e mais poderosos.

A única coisa que ela guardava de favorável a Gideon era o fato de vê-la curando outras pessoas, especialmente da ocasião em que a havia curado e a

Noah depois de um horrível acidente que quase os matara. Ela recordava esse episódio com um misto de respeito e admiração. Era nessas recordações que ele depositava toda a esperança. Além disso, tudo que podia fazer era esperar e torcer pela oportunidade de conquistar seu coração e sua confiança, antes que ela recuperasse a lembrança escondida no fundo de seu ser. Se pudesse realizar tal feito, tudo seria bem menos doloroso para ela. Caso contrário, os danos causados a ambos seriam terríveis.

Gideon corria contra o tempo, e sabia disso. Havia perdido os últimos nove anos e lamentava esse grave erro. Não sabia o que chegaria primeiro, se as más lembranças, ou Beltane, mas o fato era que precisava atraí-la e conquistá-la antes. Compreendia que as chances estavam contra ele, e que incentivá-la a implementar as próprias habilidades, podia custar caro para ele, fazendo-a desenvolver o poder muito mais depressa do que teria acontecido de outra maneira. Porém, curar seus pacientes era sua maior prioridade... mesmo que tivesse de pôr em risco seu coração e sua alma.

Assim pensando, levantou-se e se afastou da hóspede especial. Legna se virou de lado e estendeu um braço sobre a cama, como se quisesse puxá-lo de volta. Um enorme vazio oprimiu o peito do médico, despertando nele uma forte compulsão de voltar para perto dela.

Ele se virou e deixou o quarto, tomado pela horrível sensação de estar deixando para trás uma parte dele.

Legna abriu os olhos devagar, piscando ao ver a luz pálida do final de tarde.

Sentia-se desorientada e confusa. O quarto era recipiente de cores extraordinárias, todas banhando mobília e objetos que eram estranhos e, ao mesmo tempo, familiares. Ela respirou profundamente e um aroma invadiu seus sentidos. Era um cheiro familiar e extraordinariamente estimulante. Legna deixou escapar uma exclamação abafada de curiosidade e fascínio. Lentamente, ela se espreguiçou, o movimento alongando músculos e tendões como um despertar muito sensual. Um movimento simples que a fez tomar consciência de um corpo a seu lado. O corpo que emanava o cheiro delicioso e másculo.

Ela se virou, e deparou-se com Gideon a seu lado. Ele estava deitado de costas, com o peito nu, os tornozelos cruzados e uma das mãos sob a nuca. A calça do pijama era de seda azul, e apenas um cordão de algodão cru a mantinha

presa à parte mais baixa da cintura esguia, revelando o início da curva do quadril.

Nesse momento, Legna percebeu como ele era belo e viril. Jamais imaginara que um Demônio pudesse ter músculos tão firmes e desenvolvidos. Como ele estava vestido e coberto sempre que se encontravam, nunca pudera apreciar realmente todo o poder e a forma física que ele escondia sob as roupas de fino corte, nem adivinhara sua força e sua agilidade de movimentos. Nem mesmo naquela manhã em seu quarto, quando o tocara com tanta ousadia.

Observou o porte altivo de ombros muito largos, o abdômen plano que exibia desenhos nítidos de tensões e músculos, o peito como uma verdadeira obra de arte esculpida em bronze. A cintura delgada terminava em um provocante "V" que ela sempre apreciara no sexo oposto, e apesar da calça do pijama ser larga, não havia como não imaginar a força e o contorno das coxas poderosas e das panturrilhas definidas.

Conhecia Gideon desde sempre, mas agora percebia que o via com clareza pela primeira vez. Sem a intimidação da infância e o ego ferido da mulher rejeitada, podia enxergá-lo como a criatura que realmente era. E o que via a enchia de desejo.

Os cabelos eram mais longos do que havia percebido. Normalmente ele os mantinha presos por uma fita ou uma tira de couro, como era moda entre os machos de sua espécie. Mas agora, soltos, eles caíam como uma cascata de prata sobre o travesseiro. O queixo estava coberto pela sombra escura da barba por fazer.

Se Legna não estivesse tão fascinada, certamente teria se sentido intimidada.

Intrigada, ela obedeceu ao instinto de estender a mão e tocar os cabelos. Eram macios e sedosos... Eles aderiam aos seus dedos como se quisessem acariciá-los, e a sensação causou um arrepio e a fez verificar se Gideon estava mesmo dormindo. Satisfeita com a certeza de poder prosseguir com sua inspeção sem ser detectada, ela ganhou ousadia e se debruçou sobre o corpo musculoso, pressionando com os seios a musculatura firme de um braço. Ela tocou-o no rosto com tanta leveza que quase não pôde senti-la. Com curiosidade, deslizou as mãos lentamente, traçando planos e curvas, partindo da testa larga e aristocrática, passando pelas faces de desenho pronunciado e chegando ao queixo forte e às linhas perfeitamente esculpidas da boca.

Com ousadia ainda maior, ela deixou o toque suave seguir viagem pela coluna firme do pescoço, estranhando considerá-lo tão sexy. Nunca havia imaginado que o pescoço de um homem poderia ser tão atraente.

Ela umedeceu os lábios com a língua, os olhos hipnotizados pelo movimento dos próprios dedos, interrompendo o toque apenas aqui e ali, para verificar rapidamente a respiração profunda e os olhos fechados, certificando-se de que ele ainda dormia. Traçou a linha da clavícula larga com leves toques. A exploração prosseguiu rumo ao peito até os dedos chegarem ao abdômen, saboreando o calor da pele que parecia crescer na medida em que ela continuava em sua viagem sensorial. Legna interrompeu o movimento, deixando os olhos seguirem na frente dos dedos, e mordeu o lábio inferior enquanto considerava se devia ou não prosseguir na ousada exploração do corpo masculino.

A dúvida foi esclarecida quando a mão forte agarrou seu pulso. Assustada, ela se inclinou para trás e deixou escapar uma exclamação de medo, o rosto queimando enquanto o pescoço era envolvido por um frio repentino. Gideon a segurava pelo braço, impedindo uma possível fuga ou um maior afastamento, pressionando a mão dela sobre sua ereção. Quando o encarou, ela se sentiu mortificada ao ver o brilho de humor nos olhos dele.

- Como... como fez isso? - ela perguntou. Mesmo de olhos fechados e controlando a respiração, era impossível enganá-la. Devia ter captado a intensificação da consciência promovida pelo despertar.

- Continua tentando me enquadrar nos moldes dos homens que conhece - ele respondeu com tom suave. - Sou diferente de todos, Magdalegna. Quer um conselho? Espere o inesperado. E prossiga daí.

- Ah, você é um sábio - ela disse com tom afetado, piscando os olhos para fingir fascinação. - E eu sou uma mulher de sorte. Muitas garotas acabam ligadas a homens diabólicos, insuportáveis e arrogantes...

O humor da encenação o fez sorrir, e Legna não pôde ignorar como esse sorriso parecia ter o poder de derretê-la por dentro.

- Você nunca vai me aborrecer ou entediar, minha linda. Tenho certeza disso.

- Pois eu tenho certeza de que você pode facilmente me levar às lágrimas de tédio - ela respondeu irritada, tentando se libertar puxando o braço. Ele era

ainda mais forte do que parecia.

- Como se sente? - Gideon perguntou.

- Por que não me diz? Você é o médico, não? - ela disparou impaciente. - Quer fazer o favor de me soltar?

-Não.

Legna respirou profundamente, tentando manter o controle.

- Você é tão insolente e detestável! Odeio quando faz isso!

- Faço o quê? Respondo a uma pergunta? Se isso a incomoda, de agora em diante passarei a ignorar as suas questões.

- Sabe exatamente do que estou falando. Odeio quando pronuncia a palavra "não" como se fosse a maior lei do universo. Comporta-se assim só para me irritar!

- Então, devia parar de me dar oportunidades para dizer "não" - ele respondeu, empregando um tom tão controlado e neutro, que Legna teve de se esforçar para não gritar de raiva. - E devia tomar mais cuidado com esses gemidos que emite, minha linda. São muito... muito estimulantes.

De repente, Legna esqueceu tudo sobre trocar ofensas e farpas com Gideon, porque a consciência do calor do corpo másculo ocupou o centro de seus pensamentos. Era impossível ignorar como os músculos firmes se enrijeciam sob sua mão, e era ainda mais difícil ignorar o desejo que iluminava os olhos dele, refletindo-se nela.

Certo de que conquistara toda a atenção de Legna e pusera um ponto final em sua defesa azeda e insolente, Gideon estendeu um braço e tocou o rosto de pele macia, explorando-o com ternura e reverência.

- Você é encantadora, Legna. Sempre achei você linda. Mesmo quando era criança, já cativava a todos com seus encantos.

- Não acha que levou tempo demais para me dizer essas coisas? - ela perguntou, sem, entretanto, empregar a energia necessária para dar à frase o tom carrancudo que pretendia.

- Sim, eu acho, mas sempre senti que seria impróprio. Desde que seus pais morreram, Noah a tratava mais como uma filha do que como uma irmã. Ele a criou com desvelo incomparável. Sempre senti que essa era uma barreira que eu não deveria atravessar. Ainda hoje... confesso que não espero com ansiedade pelo momento em que ele descobrir sobre o que está acontecendo

entre nós. E já notei que você tem a mesma preocupação.

- Sim, eu tenho. Mas com o tempo...

- Tempo... Ultimamente, tenho me encontrado em constante competição com ele.

- Noah vai resistir no início, mas aceitará quando compreender que você me fará feliz.

- Então, tudo que resta é eu conseguir convencer você de que a farei feliz, porque então você poderá convencê-lo disso - ele concluiu, levando a mão dela aos lábios para beijá-la.

- Uma tarefa grandiosa, sem dúvida. - Legna olhou para o próprio braço, tentando identificar nele algum sinal da sensação provocada pelo contato daqueles lábios em sua mão. Ela piscou duas vezes e balançou a cabeça para tentar clarear as idéias, banir da mente a perigosa e predatória sensação que ameaçava dominar seus pensamentos. - Ainda não perguntei sobre Bella? - disse, reconhecendo um leve tremor na própria voz. - Como ela está?

- Ela e o bebê vão sobreviver e recuperar a saúde, mas vão precisar de tempo.

- É bom saber disso. Se algum dia eu reclamar das mudanças que ocorrem dentro de mim, lembre-me de que elas salvaram a vida de minha amiga.

Gideon beijou a mão dela novamente, e Legna tentou se afastar, temendo a intensidade das próprias reações.

- Legna, por que tem tanto medo de mim?

Ela o encarou. Os olhos penetrantes pareciam queimar sua alma. A sensação a deixava nervosa e ofegante.

- Não é de você. Tenho medo de como consegue despertar facilmente emoções tão fortes. Um único toque...

- E se eu disser que tem o mesmo poder sobre mim? - ele perguntou com voz gentil.

Legna podia sentir o despertar daquele lado primitivo de sua personalidade, uma faceta que tentava dominá-la como havia feito recentemente, em seu quarto. Como fizera nove anos atrás no jardim, e em outubro durante a batalha com o nigromante.

Ela se afastou, e dessa vez Gideon não tentou impedir, soltando sua mão

com evidente pesar.

- Acho melhor ir para casa. Noah deve estar preocupado.

Ela se virou e saiu da cama pelo outro lado, mas, no mesmo instante em que ficou em pé, ele estava ali, parado diante dela.

- Isso mesmo, fuja... Corra tanto quanto puder - ele murmurou sério, sua expressão tornando ainda mais claro o significado das palavras.

- Gideon, por favor - ela implorou em voz baixa, incapaz de fitá-lo enquanto sentia o coração bater disparado dentro do peito.

- Eu sei do que está fugindo, Magdalegna. Mas é inútil. No passado, antes dos tempos, nosso povo vivia em bandos como os leões. E como a leoa, suas ancestrais nasceram para caçar. Eram lindas, hábeis e mortais em muitos sentidos. Tudo isso está na raiz do seu código genético, e é tão parte de você quanto sua capacidade de sentir as emoções de outras pessoas. Lamento, mas jamais vai poder fugir disso.

- Mas é pior quando você está perto de mim. Diga que isso não é verdade.

- E verdade. Mas, em vez de pensar que a situação piora, por que não a considera natural? Eu sei que é. Quero dizer, é natural que seus impulsos de base despertem quando seu parceiro está por perto.

- Você ainda não é meu parceiro. O que pode acontecer se... se fizermos sexo? - Ela cruzou os braços como se sentisse frio. - Essa sensação será mais freqüente e intensa? Ela vai me dominar? Porque é o que sinto, Gideon. Tenho a impressão de que serei dominada.

- Entendo que tudo isso a deixe nervosa, Legna. Também fico atormentado quando estamos juntos. Mesmo quando passo por algum lugar onde você esteve recentemente, sinto seu cheiro e isso estimula o que há de mais primitivo em mim. Sinto necessidade de estar com você, dentro de você...

As palavras eram intensamente sugestivas, mas Legna só compreendeu seu significado quando ele a segurou pela trança e, inclinando a cabeça, roçou os lábios em sua orelha numa carícia erótica.

- Mal posso esperar pelo dia em que estaremos juntos... - ele murmurou, o calor do hálito e as palavras roucas penetrando-a como uma flecha que busca o alvo. Todo o seu corpo foi inundado de fogo líquido que ia penetrando até os recantos mais ocultos de seu ser, despertando-a.

- Gideon ... - Legna sussurrou, incapaz de absorver ar suficiente para pronunciar o nome dele com firmeza.

- Ah ... Adoro quando você diz meu nome, minha linda - ele disse, tocando a ponta de sua orelha com a língua úmida antes de sugá-la. - E vai ser ainda melhor quando você gritar meu nome...

- Por favor, não faça isso. Não me sinto preparada - ela pediu ofegante.

- Eu acho que está.

Para ilustrar o argumento, Gideon tocou um dos seios com a ponta dos dedos, provocando o mamilo já túrgido. Legna praticamente derreteu sob o toque daquela mão, o corpo buscando o dele enquanto, com a outra mão, Gideon a puxava de encontro ao peito.

- Sim, sim - ela concordou com voz rouca. - Meu corpo está pronto, mas...

- Hum... - Ele deslizou os lábios por seu queixo até estar bem perto da boca. - Um Demônio da Mente que não tem a mente tão disponível quanto o restante de seu ser... Que dilema impressionante, Magdalegna. - A boca pairava muito perto, uma impressionante tentação para sua resistência já enfraquecida. Lembrava bem o beijo de Gideon, o sabor, a habilidade e a intensidade além de tudo que já havia experimentado. - Vejamos ... Tenho uma proposta a fazer. - Ele continuava acariciando seu seio, arrancando gemidos de prazer e angústia. - Sempre que eu tomar alguma coisa desse seu corpo delicioso, darei em troca algo que você queira, qualquer coisa que satisfaça sua mente relutante.

Gideon recuou um passo, soltando-a de maneira tão inesperada que ela teve de fazer um grande esforço para não se agarrar a ele e trazê-lo de volta. Legna fitava os olhos prateados, compreendendo instantaneamente o esforço que fazia para negar a satisfação de suas necessidades. A rigidez na mandíbula era só uma pequena demonstração do que acontecia no restante de seu corpo.

- Dessa vez, vou lhe dar a chance de ir para casa. Vá, Legna. Agora.

Outra ordem. Dessa vez, era um comando bem-vindo. Uma determinação que ela desejava seguir imediatamente. Mesmo assim, Legna hesitou por um instante, os olhos presos ao dele, o contato impossível de romper.

As mãos de Gideon estavam cerradas.

- Legna ... - ele a preveniu.

Ela percorreu com poucos passos a distância que ele colocara entre ambos, atirando-se em seus braços. Gideon a abraçou e não tentou resistir ao beijo ardente, sentindo as mãos que deslizavam por seus cabelos com um misto de paixão e desespero. Era um beijo agressivo, quase uma invasão, e os braços que a apertavam praticamente a tiravam do chão. Legna libertou-se tão repentinamente quanto havia promovido o abraço, arfando por um instante antes de puxá-la novamente de encontro aos lábios famintos.

As mãos dele passeavam por seu corpo, visitando todos os lugares ao mesmo tempo, o toque acompanhando a ferocidade do beijo. Em cada lugar que ele a tocava, surgia uma labareda que se juntava às outras já existentes, alimentando o fogo que a queimava. O corpo másculo era pura força contra o dela, sólido e implacável, quente, rígido e tão agressivo quanto o dela.

Gideon agarrou o tecido das costas do vestido de seda negra, usando o material para afastá-la. Ele ergueu a outra mão para mantê-la distante ao sentir sua intenção de reaproximar-se, tentando não se deixar envolver pelo gemido de protesto.

- Não, Legna. Se me beijar mais uma vez, não a deixarei partir. Preparada ou não, você será minha. - A voz soou rouca e tensa, reflexo da paixão que ardia em seu peito. - Entende o que eu digo? Não vai mais poder recusar. Não terá mais o tempo de que diz precisar. - Ela o levava ao limite com um único beijo, ameaçando seu controle. Todo o seu ser era castigado por esse desejo que ela se negava a saciar.

Legna acreditava estar em guerra contra partes de si mesma, mas não podia imaginar como aquela metade feroz dele rugia, clamando pela libertação e pela possibilidade de possuí-la. Era quase impossível se manter racional, no comando das emoções.

- Então, mais uma vez, é você quem demonstra melhor controle da situação - ela comentou com um suspiro resignado, afastando-se dele. - Muito bem, eu vou para casa, como está dizendo. Mas só porque Noah deve estar preocupado. Posso sentir a apreensão dele, e não quero fazer meu irmão sofrer por mim. Mas não vou demorar, Gideon. A noite está apenas começando, e quero passá-la descobrindo quem você é e o que seremos um para o outro.

Gideon moveu a cabeça em sentido afirmativo. Um movimento curto que radiava a força do controle que ele mantinha sobre si mesmo.

- Está certo. Mas lembre-se de que agora sou parte de sua mente. Tome

cuidado com o que faz e pensa. - Ele inspirou profundamente. - Meu autocontrole está perto do limite. Apesar da minha idade e de toda a experiência que tenho, não posso lutar contra o que está acontecendo comigo. Entendeu?

- Sim. Farei o possível para atender ao pedido, mas sofro da mesma aflição. Posso cometer erros.

- Entendo perfeitamente, Legna. Mas há uma grande distância entre compreensão e execução. Porém, vou me manter razoável. E isso é uma promessa.

- Obrigada.

Dessa vez ela se aproximou dele com um propósito evidente. Beijou-o nos lábios rapidamente, com imensa ternura, recuando fascinada com o carinho e a proteção que Gideon conseguira transmitir no breve contato. Distraída, ela tocou a própria boca por um momento, depois ergueu a mão e virou o pulso num movimento gracioso que a levou de volta para casa.

Legna apareceu em seu quarto, e assustou-se ao encontrar Noah já esperando por ela. Constrangida e insegura, ela tocou os cabelos com uma das mãos e cobriu a boca vermelha e úmida com a outra. Noah se virou da janela para encará-la, mas ela deu as costas para o irmão e caminhou para o guarda-roupa, fingindo ocupar-se para não ter de enfrentá-lo diretamente.

- Eu teria ido procurá-lo no salão, meu irmão - disse, empregando um tom tão natural quanto era possível.

- Fiquei preocupado. Fui ver Jacob assim que Kane me contou sobre o que havia acontecido. Ele me informou de que a deixara dormindo e sob os cuidados de Gideon, mas uma noite e um dia inteiros sem notícias... Jacob falou sobre o que você fez por Bella. Estou... espantado, para dizer o mínimo.

- Eu sei. - Ela estendeu a mão para refazer uma prega do vestido pendurado diante dela. - Também estou muito impressionada.

- Quando vai me contar o que está acontecendo, minha irmã? - ele indagou sem rodeios, expressando a mágoa que sentia por estar de fora de sua vida.

- É inútil tentar esconder o que sente, Noah. Você sabe que não é possível. Não comigo. - Ela finalmente se virou para fitá-lo.

- Legna! - ele exclamou e se aproximou com passos largos, incapaz de esconder o choque que o dominava. Estudou o rosto da irmã com um misto de reverência e terror. - O que é isso? O que aconteceu com seus olhos?

Era impossível responder. De repente ela se sentia sufocada, inundada pela preocupação de Gideon.

Legna, o que está havendo? Sinto sua agitação.

Nada. Por favor, não se preocupe.

Está mentindo para mim. Diga o que está acontecendo!

Noah e eu estamos conversando. Confie em mim, Gideon. Vai ficar tudo bem.

Legna sentiu sua relutância, o desejo premente de protegê-la, apesar de seus protestos. Mas, para seu alívio, Gideon controlou o instinto e retirou-se de seus pensamentos, deixando-a lidar com o irmão à sua maneira.

- Legna, responda!

- Noah, não vai conseguir as explicações que deseja se continuar gritando comigo.

- Lamento muito, mas como irmão tenho todo o direito de me preocupar e suspeitar de algo errado ao vê-la chegando em casa com olhos de outra cor. De verde eles passaram a um tom de prata que é muito semelhante ao... Legna!

- Noah empalideceu quando a repentina compreensão do que via se instalou como garras geladas em sua mente. - Legna! Você enlouqueceu?

- Não vou discutir esse assunto com você - ela anunciou, virando a cabeça para livrar-se dos dedos que ele mantinha em seu queixo. - Sabe muito bem que não cabe a nós escolher. Não nessas questões.

- Isso é... impossível! - Havia desespero e confusão na voz dele. - Ele é setecentos anos mais velho do que você, poderoso como jamais se viu! Tem idéia do que uma infusão de poder dessa magnitude pode causar a alguém jovem como você?

- Até agora, a única consequência foi que pude salvar a vida de uma grande e querida amiga. Uma amiga que é esposa de um homem de quem você gosta muito. Acha que Jacob sobreviveria à morte de Bella?

- Legna! - Noah explodiu. - Como sempre, está tentando desviar a conversa do que realmente importa!

- E o que julga realmente importante?

- Você! Seu bem-estar! Devo apontar que acaba de dormir por vinte e quatro horas para recuperar-se do esforço de que tanto se orgulha? E se houvesse sido pior? E se a condução desse poder a houvesse esgotado além de qualquer possibilidade de cura?

- Considerarei tudo que está dizendo, Noah. Ao contrário do que você e Hannah pensam, não sou mais criança. Tenho consciência das ramificações de minhas ações e das atitudes daqueles que me cercam. Para sua informação, tem sido muito difícil aceitar tudo isso, e já estou bem nervosa sem sua preciosa colaboração, obrigada. - Ela se virou e bateu as portas do guarda-roupa numa rara demonstração de fúria e frustração. - Maldição! Eu mal o conheço, Noah, e agora ele está tomando metade de mim! Todo o conhecimento que tenho sobre ele vem de histórias que ouvi na infância. Sendo assim, acredite em mim quando digo que já estou suficientemente aterrorizada. - Tornou a se virar para encarar o irmão, os braços cruzados sobre o peito. - Toda a minha vida foi virada pelo avesso em pouco mais de vinte e quatro horas. - Apoiou-se contra as portas do guarda-roupa, fechando os olhos e deixando correr pelo rosto as lágrimas que teria preferido conter. - Queria conversar com alguém, falar sobre esses acontecimentos, mas a pessoa em quem decidi confiar estava desfalecida, caída em uma poça do próprio sangue.

As lágrimas da irmã o comoviam, e Noah tentou confortá-la.

- Legna, eu não tive a intenção...

- Eu sei que não. Mas precisa entender que tenho tentado manter a perspectiva de tudo que faz parte de minha vida desde que fui arrancada dela e mantida naquela terrível prisão de cinco pontas em outubro. Desde aquele dia, nunca mais tive paz. E só consigo falar sobre o assunto com você quando discutimos. E Hannah não é diferente. - Ela se aproximou do irmão e segurou as mãos dele. - Entendo que ficaram perturbados com o que aconteceu com nosso pai. Mas foi Gideon quem entendeu a razão de minha inquietação. Foi ele quem me ajudou a descansar.

- Legna, ele tem essa habilidade. Mas isso não significa...

- Por favor, Noah! Pare de discutir comigo e com os fatos da vida! Será que não é capaz de me apoiar? Gideon e eu não tomamos uma decisão inconseqüente ou impulsiva. Fomos escolhidos pelo Destino para viver tudo isso. Sim, cabe a mim aceitar essa escolha, mas você não sabe que sentimentos desperta a marca, ou o quanto tudo isso é forte.

- Há coisas... - Noah passou a mão na cabeça num gesto de frustração. - Conheço você, Legna. É extremamente sensível à arte do compromisso e da concessão. Gideon é incapaz de ceder. Ele exige, age e espera que ninguém o contrarie. E quando é contrariado, simplesmente ignora a contrariedade. Não suporto pensar em você vivendo esse tipo de relação.

- Noah, pare de falar como se ele fosse um monstro manipulador, porque sabe que isso é uma mentira que eu não vou tolerar. Entendo seu medo, mas acho que deveria olhar além dele e entender o que realmente o incomoda. Sei que não é a idade ou o poder de Gideon, nem suas maneiras autoritárias que realmente o incomodam.

- Se vai começar a me analisar, é melhor desistir agora - Noah a preveniu.

- Você tem meu amor e minha atenção desde o dia em que nasci. Nunca teve de me dividir com ninguém. Já pensou que é justamente essa idéia de dividir que o está aborrecendo?

- Legna - ele protestou sem muita veemência. - Isso não é verdade.

- Que parte não é verdadeira? - ela indagou com uma sobrancelha erguida.

- Eu... - Ele hesitou, desviando o olhar do dela e percebendo subitamente que a irmã enxergava muito mais do que ele havia imaginado anteriormente. - Escute, não posso dizer que estou feliz por você quando não estou. Não posso incentivá-la a me deixar e fingir que gosto disso, porque viver longe de você vai partir meu coração. Acho que o que estou dizendo é que...

- Precisa de tempo - Legna concluiu pelo irmão. - Tenho dito a mesma coisa recentemente. Muitas vezes. Entendo como se sente, Noah. E apreciaria que tentasse me entender, também.

O rei assentiu silencioso. Depois segurou a mão da irmã e afagou-a, tentando transmitir todas as coisas que ele não conseguia dizer no momento.

- Vou deixar você mudar de roupa - ele disse, caminhando para a porta do quarto, onde hesitou por um momento. - Vai ... sair?

-Sim.

- Pode me fazer um favor? Jante comigo amanhã. Vou lidar melhor com tudo isso se dedicar algum tempo a conversar comigo. Preciso ter certeza de

que vai ficar bem.

- Só se prometer que Hannah e as crianças estarão bem longe daqui.

- Pelo que tenho acompanhado do desenvolvimento de suas habilidades, pode cuidar disso sozinha.

Noah saiu e fechou a porta. Sozinha Legna deitou-se na cama e suspirou aliviada.

Bom trabalho, minha linda. Excelente.

Obrigada. Gideon?

Sim?

Por favor, diga que não vamos devastar minha família por causa disso.

Tudo vai se resolver.. Mantenha isso em mente. Estou esperando por você, querida. A propósito, sei que deseja passar para visitar Isabella. Dei ordens expressas proibindo todas as visitas. .

Sabe de uma coisa? Isso vai acabar me deixando nervosa.

Lembra de como temos de convencer Noah de que vai me fazer feliz?

Lembro.

Pois bem, eu me sentiria muito feliz se saísse da minha cabeça por algum tempo.

Como deve saber, isso é praticamente impossível.

Tente! Faça um esforço!

Como quiser. Por enquanto...

Ela o sentiu sumindo da linha de frente de seus pensamentos.

Capítulo III

Legna se dirigiu à casa de Gideon, onde pretendia passar a noite conhecendo melhor aquele que seria seu parceiro. Ela se materiarizou no salão da mansão do médico cerca de uma hora mais tarde e o encontrou sentado na penumbra, quieto.

- Gideon?

Ele não respondeu, e Legna se aproximou. Em essência, ele não estava realmente ali. Sua forma corporal ocupava o espaço da confortável poltrona,

mas seu corpo astral estava em outro lugar qualquer. Era um sentimento estranho. Gideon estava fisicamente próximo, espiritualmente distante, e ainda era mantido em um canto de sua mente o tempo todo, Ele não tinha consciência de sua invasão, porque estava completamente concentrado em alguma outra coisa fora dali. Legna aproveitou o momento para examiná-lo novamente Com um pouco de calma.

Não sabia por que sentia aquela compulsão de estudá-lo minuciosamente, mas essa dúvida não a impedia de continuar, Ajoelhou entre os pés dele, apoiando as mãos em suas coxas. Sem pressa, deslizou os dedos pelos músculos firmes até quase tocar a virilha, e então desceu novamente,

A estimulação fez Gideon se mover. Ela prejudicava deliberadamente a concentração que ele investira em sua projeção, talvez só para ver se era capaz disso. Gideon era incrivelmente concentrado, algo que ela já sabia, por isso se debruçou sobre ele até roçar seus lábios nos dele.

O beijo o trouxe de volta com um sobressalto.

Gideon estendeu as mãos para ela e segurou sua cabeça, beijando-a com um ardor que beirava o desespero. A boca parecia puni-la, um castigo que ela aceitava de bom grado, reconhecendo o erro de ter interferido em sua projeção. Quando encerrou o beijo, ele apoiou a testa na dela. Ambos arfavam.

- Minha - ele anunciou com voz rouca. Queria negar o sentimento de posse, sabendo que era ridículo, mas simplesmente não podia. - Você é minha, Magdalegna, e é difícil deixá-la ir como insiste que devo fazer, mesmo que seja por breves intervalos de tempo.

- Eu sei - ela sussurrou, beijando-o mais uma vez e colocando todo o seu coração nesse beijo – É mesmo muito difícil. Como permanecer um indivíduo, quando se é parte de um par unido por força tão poderosa?

- Irracional ou justificado, isso é o que é - Gideon falou, percebendo ele mesmo a lógica da situação enquanto tentava explicá-la a Legna. - Com o tempo, talvez tudo se torne menos intenso. Não é meu desejo roubá-la de sua individualidade, e nem quero perder a minha. É difícil para mim também... Tenho estado solitário durante a maior parte de minha vida, e agora, quando penso que recebi do Destino tão pungente companhia... Receio não poder lhe fazer justiça, minha linda. E para você será ainda pior; com o influxo de poder que começa a experimentar, a situação será exaustiva de maneira geral, para dizer o mínimo,

- Eu sei. Suponho que, em algum momento, se eu começar a enlouquecer, você vai ter de me nocautear, me amarrar, ou alguma coisa desse tipo.

- Amarrar? Hum... Isso tem possibilidades...

Legna riu, batendo com a mão fechada em seu braço.

- Gideon, você não passa de um perverso.

- E isso não é bom por quê?

- Você é horrível! - Ela gargalhou, levantando-se em seguida.

Gideon agarrou a mão dela e puxou-a de volta, obrigando-a a sentar sobre seus joelhos.

- Mas dessa vez acho que vou perdô-lo - disse Legna com um sorriso apaixonado.

- Muito obrigado - ele respondeu, também sorridente.

- Agora, minha bela, diga-me o que quer fazer para começar a me conhecer melhor. Estou ansioso por suas descobertas.

- Bem, não pensei em nada específico. Imaginei que o tempo se preencheria naturalmente.

- Essa é uma atitude perigosamente liberal, meu bem. Se deixar as coisas ao sabor da natureza, posso lhe dizer exatamente onde vamos acabar.

Legna riu e corou, percebendo que ele estava certo. Mesmo simplesmente sentada sobre seus joelhos, conversando como estavam, podia sentir a atração que parecia cintilar e ganhar força entre os dois, esperando por uma faísca, um pouco mais de calor para levá-las ao ponto de ebulição de onde não haveria como voltar.

- Muito bem, já entendi. Estou aberta a sugestões.

- E você é incorrigível. Nunca imaginei que fosse um desses obcecados por sexo, Gideon.

- Nem eu, mas agora descobri que sou. Já mencionei que há muito tempo não me sinto atraído por uma mulher?

- Se for menos de mil anos, nem quero saber.

- Não contei que sou virgem? - ele devolveu com ar inocente.

- Que notícia maravilhosa, querido - Legna respondeu com tom exageradamente romântico, apertando o rosto dele como um adulto elogiando uma criança bem-comportada.

Gideon jogou a cabeça para trás e gargalhou. Ela o divertia muito, e não se lembrava de ter sentido o coração tão leve em outra ocasião. Às vezes era como se houvesse nascido sério demais para o próprio bem. Era um bálsamo para a alma poder relaxar na companhia deliciosa de sua bela pretendida.

- Nunca imaginei que tivesse senso de humor - ela confessou. - Está vendo? A noite começou há pouco mais de dez minutos, e já estou aprendendo coisas fabulosas sobre você.

- Imagine o que vai acontecer em uma hora.

- Isso está me soando liberal demais - ela respondeu rindo antes de abraçá-lo. - Já falei que você parece ter saído de um navio pirata? Essa roupa é muito... malandra.

-Malandra?

- É uma palavra muito usada pelos humanos. Significa... ter habilidade para certos pequenos pecados. No seu caso, é o estilo que dá essa idéia de malandragem.

- Sei o que significa a palavra, minha linda. Mas não creio que a tenha definido nesses termos antes. Quanto a aplicá-la ao meu estilo, vou ter de aceitar o que você diz. E o seu estilo? - ele perguntou, tocando os longos cabelos de Legna. - Sempre usa vestidos como esse e mantém os cabelos soltos. Não estou reclamando, mas gostaria de saber por quê.

- Prefiro vestidos às saias acima dos tornozelos. Acho que sou uma garota antiquada do século dezoito.

- Entendo. E quando devo olhar para o céu esperando ver um porco voando?

Os dois riram. Gideon acariciou um ombro de Legna sob o vestido longo e gracioso.

- Não consigo explicar como você me afeta - ele comentou, deixando os olhos devorarem os contornos do corpo sinuoso sob o vestido. Ele se inclinou para a frente, tocando com os lábios a linha da base do pescoço delicado. O beijo abalou o equilíbrio de Legna, que estremeceu e se agarrou aos ombros largos. Ele deixava um rastro de fogo que começava no local do primeiro beijo e ia se desenhando até o queixo, seguindo pela face até a testa. Cada beijo era mais uma labareda alimentando a fogueira. - Cuidado com o que pede em seus pensamentos, meu bem. Não sei por quanto tempo poderei resistir à tentação

representada por seu corpo.

- Oh, Gideon... O que faz comigo parece ser inocente de um ponto de vista externo, mas quando se está dentro da situação... Tudo isso é fogo e magia.

- Garanto que isso é só o começo do fogo e da magia que vai sentir partindo de sua perspectiva... interna.

O comentário simples provocou imagens mentais que ela não pôde evitar, cenas que tingiram seu rosto de vermelho pela forte carga erótica.

- Legna, sua imaginação me encanta e delicia. Seria impossível tentar ignorá-la. E não se envergonhe. Nunca sinta vergonha de nada que faz parte de você. Viveu uma vida plena e rica antes de mim, como eu antes de você. Jamais serei como Jacob, ciumento a ponto de perder a razão quando um homem entra no espaço físico onde você se encontra. Confio em você, e confio no elo que nos une. Além do mais, há em seus pensamentos suficiente curiosidade, o estímulo para nos manter em movimento pelo próximo milênio, e vou viver intensamente e com alegria cada experiência que quiser explorar.

- Mesmo que já tenha feito tudo antes?

- Não fiz nada com você. Nenhuma experiência em minha vida se compara ao que sinto quando nos beijamos, nos tocamos... Você também pode sentir. Sabe do que estou falando. Pode penetrar na minha perspectiva e constatar que estou dizendo a verdade. Não se deixe intimidar por minha idade e sabedoria. Comparadas ao fascínio que você desperta em mim, elas perdem a magnitude e a importância.

Gideon nunca mentia. Todos sabiam disso, e agora ela podia confirmar esse fato. Ele vivera séculos desde as guerras na mais completa seriedade e sempre reservado, sem nunca se arriscar à inevitabilidade da perda, sem nunca permitir que emoções ameaçassem a clareza de julgamento ou ações.

Até agora. De repente, ele decidia investir nela sem reservas. Realmente? Ele parecia resignado com a situação, mas estaria mesmo aceitando a natureza mais profunda do que a marca significava para ambos? E ela?

- Acho que estou preparada para escolher uma atividade para nós - disse Legna, usando um tom firme para superar a comoção causada pelo contato físico.

Ele não respondeu, absorvido demais pelo toque de sua pele. Era

evidente que não conseguia resistir à tentação do corpo próximo ao dele. Gideon estava ardendo de desejo, como comprovavam sinais claramente visíveis em seu corpo. Era como se ele fosse à criatura mais sensual do universo e, no entanto, há poucos dias, ela jamais teria imaginado tal coisa sobre o médico. Estaria Gideon dizendo a verdade quando afirmava que a mudança ocorreria por causa dela?

- Eu nunca minto, minha cara - ele murmurou, lembrando que estavam sempre juntos. - E mesmo que eu fosse só um perverso, como você disse - continuou com tom provocante, beijando seu pescoço até aproximar os lábios de sua orelha e lambê-la -, nada poderia explicar a ternura que consegue sentir em mim agora. E se eu não me importasse com você, se o que sinto fosse apenas um ardor físico, você já estaria em minha cama, saciando meu corpo com o seu.

- Se não encontrarmos alguma coisa para fazer, é exatamente isso que vai acontecer - ela opinou arfante, contagiada pela paixão.

- Sim, eu sei. E sem a intenção de sairmos da cama até o casamento de Jacob e Bella, em Beltane.

A idéia era tentadora, mas Legna decidiu que era hora de assumir o comando da situação e teletransportou-se para longe das mãos de Gideon, ressurgindo do outro lado do quarto. Não podia hesitar, ou acabaria cedendo ao desejo. Era inevitável. Como Gideon dissera, havia feito sua escolha. O problema era aceitá-la, encontrar alegria nela. Poderia algum dia ser feliz depois de tão vasta e significativa alteração? Poderia ser a parceira de que ele precisava? Nesse momento, não podia dar a ele o que era necessário para sua satisfação. Sabia que Gideon continha-se com muito sofrimento, e que essa contenção alimentava a frustração do isolamento em que ele vivera por tantos anos.

Só a consideração que tinha por ela o impedia de tomar o que, por direito, pertencia a ele. E a ela também! Mas não conseguia se entregar. Ainda sentia o medo profundo que fora plantado nela por tantos anos, por séculos... Medo de Gideon. Fora moldada para sentir esse respeito pelo poder desconhecido e imensurável. Como poderia superar esse temor? Como poderia se sentir uma igual na casa dele?

- Com a ajuda de seu parceiro - Gideon respondeu ao pensamento. - Legna, deixe-me mostrar como realmente sou. A familiaridade vai aplacar o

medo, vai fazer você entender que deseja realmente caminhar a meu lado como parceira na vida. Posso apresentá-la ao seu novo e crescente poder, ajudá-la a aprender como dominá-lo.

- Não duvido do que diz, Gideon. E é esse o problema. Não sei se quero abraçar esse meu lado.

- É o medo do desconhecido que a mantém em conflito. Nesses momentos, você é dominada por impulso, e isso a amedronta, o que é compreensível. Prefere acatar a idéia de que é um ser de inteligência altamente privilegiada, de elevados padrões morais e completamente civilizada. Foi assim que se tornou a criatura valiosa e respeitada que é no reino de seu irmão. Mas em todas as coisas deve haver equilíbrio. Não pode controlar esses impulsos quando eles surgem. É hora de integrar caçadora e diplomata, Legna. Não acredita que sua mente um dia aprenderá a regular essas duas facetas, a escolher apropriadamente qual delas é mais adequada em qual situação. Insiste em pensar que explorar o lado mais básico de sua natureza a levará a uma total perda de controle. E nisso está a essência do seu medo. Você não mudou em essência, Legna, e não consigo imaginar que mudará realmente em algum momento. Terá sempre com você os atributos da consciência e da tolerância.

- Parece ter tanta certeza disso... Mas, se o que diz é verdade, por que não consigo reconhecer o perigo e parar de pensar em pular na sua cama?

Gideon se aproximava. Ela percebia a aproximação, mas não tentava evitá-lo. Queria entregar-se sem reservas, sentir tudo que podia despertar e provocar.

- Compreendo que o que sente não é normal, Legna. Nunca antes pensou em se entregar e expor a um homem que nem conhece direito. Mas está esquecendo que existe entre nós uma ligação muito forte. A natureza da marca é mais antiga que o próprio tempo, e seu propósito é unir aqueles que são geneticamente compatíveis a fim de perpetuar a evolução da espécie. Você e eu somos os mais completos exemplares do nosso povo, Legna. Não é surpresa que sejamos biologicamente compatíveis. Porém, também é nossa inteligência, nossa consciência que dita se devemos ou não carregar o privilégio da marca. Por isso acredito que não somos tão desconhecidos um para o outro como você pode pensar.

- Em que sentido?

- Posso ser de uma era mais bárbara e anterior a todos que me cercam, mas fui o pioneiro dos fortes códigos de ética e moral que governam os jovens atualmente. Eu criei as leis que hoje você tanto respeita, as leis que a governam e orientam. Além do mais, estamos unidos em coração pelas mesmas leis e crenças. Sendo assim, nesse sentido, já nos conhecemos. No passado, antes de você existir... - Ele desviou o olhar, tomado por forte emoção que preferia poder esconder. Mas era impossível, considerando a natureza da união entre eles. - Jamais desejei ver uma repetição das guerras druídicas. Nunca mais enquanto eu viver... Por isso tive de fazer tudo que podia para mudar nosso povo. Os Druidas foram massacrados, afastados de seus parceiros Demônios por aqueles que não tinham companheiros... uma crueldade que espero que você nunca tenha de ver. Nada sabíamos sobre como era ser marcado, por isso não entendíamos o terrível inferno que podia representar a separação do parceiro. Foi pura tortura! Os Druidas foram deixados à míngua, entregues à morte pela privação da energia dos parceiros Demônios a quem haviam sido unidos pela marca, e os Demônios enlouqueceram completamente porque... - Ele parou e virou de costas para Legna, olhando pela janela numa tentativa fútil de esconder suas emoções,. Culpa e vergonha o inundavam numa mistura sufocante.

- Gideon.

Ele se assustou com as mãos em suas costas, afagando e confortando. O calor que o invadia era como ondas sucessivas de compaixão, um bálsamo para sua alma sofredora. Sentia que não devia aceitar a oferta, que não merecia tanta generosidade, mas estava sozinho havia tanto tempo...

Merecia sofrer. Merecia viver com o peso da dor. Jamais se permitiria esquecer como deixara o ódio e o preconceito, o medo e a ira prejudicarem seu julgamento. Fora afilhado do Demônio rei Jonas, brutalmente assassinado pela mão dementada e furtiva de Isere, o monarca Druida. Em um momento de confiança depositada em mãos erradas, tudo chegara ao fim. O episódio começara uma guerra; um instante que dera origem a um milênio de arrependimento e culpa, e, depois do último Samhain, ele passara a entender que tudo isso havia causado eras de sofrimento para todos os Demônios que necessitavam tão desesperadamente de seus obliterados companheiros Druidas. O que pensaria dele sua bela Magdalegna se soubesse que ele havia sido uma das vozes mais altas clamando por cabeças de Druidas? Sensível e

doce como era, como ela poderia perdoá-lo por isso?

- A ironia disso tudo é espantosa - ele comentou com voz rouca. - Aqui estou eu, unido pela marca a uma parceira de beleza única, alguém de força e compaixão sem paralelos. Depois de séculos de solidão! Jamais imaginei que mereceria encontrar tal tesouro, mas, acreditando ou não... O problema, minha linda, é que além de ter de me reconciliar com a idéia de realmente merecer você, estou enferrujado nessas questões de romantismo e afeto. Receio não saber como conquistar sua confiança e sua opinião favorável, muito menos ser o que você precisa... além de tudo isso.

- Pode ficar tranquilo quanto a isso, Gideon. Minha opinião sobre você já é favorável. Sei que fui muito hostil nessa última década, mas nós dois compreendemos que tudo se resumiu numa questão de orgulho ferido. Agora que entendo o que pensa sobre seu comportamento comigo, posso olhar para você com mais justiça. Por exemplo, agora sei que só um homem bom e honrado é capaz de sacrificar uma urgência geneticamente fortalecida pelo bem dos sentimentos e das necessidades de outra pessoa, como você fez comigo... e por Noah. Você protegia seu relacionamento com ele na mesma medida em que me protegia. Enfrentou grande condenação e vergonha por conta de seus esforços para me proteger, e sou capaz de encontrar muitas razões para apreciá-lo e respeitá-la só por essas ações. Junte a isso a maneira como se entregou sem egoísmo a pessoas que amo quando estavam gravemente feridas, salvando-as da morte. E você está bem adiantado no caminho para tornar-se meu salvador. Meu cavaleiro numa armadura brilhante. Mas não vamos contar nada disso a Noah, porque ele ficaria devastado se soubesse que foi destronado de sua posição de meu único e maior herói.

- Juro que ele não vai ouvir nada de mim. E Legna... Vivo tanto tempo, há tantas coisas que você não sabe sobre mim, que temo que ainda mude de opinião.

- Antes de fazer uma escolha precipitada como fiz há nove anos, prometo que discutiremos o assunto antes de eu formar um julgamento.

A promessa o confortou. Legna o sentiu relaxar e aproveitou o momento para sugerir um passeio pelo jardim e, mais tarde, uma partida de xadrez.

- Gosta de jardinagem, minha querida?

-Muito.

- Acho que vou ter de transformar o pátio do sol em um arboreto. Será um excelente espaço de trabalho.

Legna sentiu o coração disparar com a sugestão de que um dia viveriam juntos. Sabia, é claro, que era inevitável e que por isso Gideon falava sobre o assunto dessa maneira, mas, ainda assim, sentia-se repentinamente tomada pela ansiedade.

- Ouço seus pensamentos, minha querida - Gideon murmurou. - Não posso consolá-la nesse momento. Mas um dia você será minha e reinará absoluta em minha casa. Eu sei disso. Você sabe disso. Podemos ir caminhar no jardim, se quiser, mas o jogo de xadrez... Como podemos disputar realmente os pontos, se estamos dentro um do outro?

- Pois eu acho que esse é o grande desafio, Gideon. Aquele que conseguir bloquear o acesso do outro a seus pensamentos será o vencedor.

- Bem, posto dessa maneira... Sou obrigado a aceitar o convite.

Gideon beijou-a, sufocando a luxúria que sempre explodia entre eles ao menor contato físico.

Queria que ela soubesse que a única parte de seu corpo engajada nesse momento era seu coração agradecido, e essa era a única maneira de que dispunha para expressar-se.

Na noite seguinte, Legna acordou com o som de pequenos pés correndo pelos corredores do castelo. É claro, a voz feminina e exasperada fazia coro com o tropel familiar.

Legna bocejou e se esticou sob as cobertas, mas assustou-se ao tocar uma parede de músculos sólidos. Chocada, ela se sentou e encontrou os olhos brilhantes de Gideon.

- Ficou maluco? Noah vai sentir sua presença!

- Boa noite para você também, minha linda. E não se preocupe, estou em forma astral. Senti que você estava acordando e quis ser o primeiro rosto a surgir diante dos seus olhos.

- Um gesto muito doce, sem dúvida... - ela sussurrou aflita. - Mas o que o faz pensar que Noah não pode sentir sua energia, mesmo nessa forma?

- Ele vai confundir a sensação com aquela que experimenta ao se aproximar de você. Vai decidir que é só uma parte minha que se tornou sua

depois da marca. E se for diferente, posso me retirar assim que você sentir seu irmão se aproximando. Pessoalmente, não me sinto tão intimidado por ele quanto pode parecer.

- Gideon, não é uma questão de intimidação. É respeito! Estamos na casa de meu irmão. E temos de considerar os sentimentos dele. Não quero causar mais sofrimento do que é necessário. Esperava que entendesse isso,

- Eu entendo. Porém, seu irmão é maduro o bastante para perceber que virei visitá-la aqui enquanto não for viver comigo em meu castelo. E vai tolerar, se puder adiar sua mudança definitiva com isso.

- Mesmo assim, tudo isso é uma grande novidade para Noah. Temos de dar a ele algum...

- Tempo? Eu sei, Legna. Relaxe. Está esperando encontrar em mim um temperamento que não existe. Um homem que já viveu tanto tempo tem mais paciência do que pode imaginar. Agora me beije, e eu irei embora.

Depois do beijo, Legna suspirou sentindo a ausência da energia poderosa. Sabia que era só uma questão de tempo até que não pudessem se separar e a natureza impusesse sua força. Até lá, esperava ter resolvido todos os dilemas que a atormentavam.

Quando Legna surgiu no salão de Gideon, ele vestia um longo casaco de couro e retirava os cabelos compridos da gola.

- Vamos sair?

- Não - ele respondeu com tom sério e tenso.

- O que está havendo?

Gideon encaixou uma faca na tira de couro presa em sua coxa. Demônios raramente se armavam. A cena só a enchia de perplexidade, tanto quanto o esforço de Gideon para mantê-la afastada de seus pensamentos.

- Noah convocou uma reunião de conselho. Elijah vai dar um relatório sobre o ataque contra Bella. Fui informado de que devo ir... preparado.

- Quem lhe disse isso? Noah não me falou nada.

- Você não faz parte do Conselho. Não há razão alguma para ser informada sobre esses assuntos.

- Não faço... Sou uma das mais eficientes diplomatas e mentoras da

nossa sociedade, e ele decide não me informar eventos críticos que exigem sua presença armada em uma reunião do Conselho? Não sou criança! Sei muito bem que a única razão para estar armado é a necessidade de combater uma espécie de Nightwalkers que seja totalmente imune a suas habilidades.

- Por que está zangada comigo? Não fui eu quem decidiu mantê-la fora disso. Pelo contrário, tenho sido franco a respeito de todos os problemas que enfrentamos.

- Eu sei, mas...

- O que a aflige, exatamente?

Ela suspirou resignada.

- Medo. Receio deixar você ir e nunca mais voltar a vê-lo.

A confissão causou um efeito imediato e poderoso em Gideon. Ela estava se deixando ligar mais profundamente a ele, ou não temeria a perda. Incapaz de resistir ao impulso, ele a abraçou e girou no ar, apertando-a contra o peito.

- Quero ir com você - disse.

- Para quê? Para ficar ainda mais agitada quando eu tiver de partir para cumprir a missão que Elijah planeja para mim? Fique aqui. Ao menos vai ter paz para me seguir com seus pensamentos sem nenhuma interferência.

- Mas eu sinto... preciso...

- Sei o que está sentindo. É o desejo de ficar atrás de mim, de guardar minhas costas.

- Exatamente! Devemos estar juntos, com as costas coladas, quando você enfrentar o perigo. Posso sentir a necessidade dentro de mim. Preciso ir com você.

- Não dessa vez, minha linda. Ainda não tem experiência no trato com essas emoções instintivas. Até aprender a reconhecê-las e integrá-las em seu sistema, você corre o risco de perder foco e controle.

- Mas...

- Por favor, entenda. Não vou me sentir confortável com você a meu lado numa batalha. Não nesse momento. Perderia a concentração por conta da preocupação com sua integridade, e poria muita gente em risco com isso. É melhor ficar aqui. Sua intuição, força e experiência me serão tão úteis quanto sua presença física. Você vai ver o que eu não pude enxergar, vai me dar a

rota de fuga, caso seja necessário.

Legna concordou em silêncio.

-Vai estar aqui quando eu voltar? - Gideon perguntou.

- Sim. Sempre.

Jacob foi o primeiro a ficar em pé quando o Conselho se reuniu.

- Como devem saber, nossa Defensora foi brutalmente atacada há algumas noites - ele anunciou. - Hoje à noite ela finalmente recuperou as forças necessárias para começar a contar o que aconteceu. Combinamos as informações obtidas com as que Elijah conseguiu em sua investigação, e posteriormente unimos esses dados àqueles fornecidos pelo médico que a atendeu. Creio que estamos suficientemente informados para tirar conclusões precisas e começar a agir. Como Noah, Elijah e eu já discutimos essas informações, temos algumas sugestões sobre as atitudes que julgamos mais apropriadas. Por razões óbvias, fui incumbido de relatar o que aconteceu com minha companheira. Ela ainda não está forte o bastante para sair da cama, e sei que vão concordar sobre a premente necessidade de garantirmos sua segurança e a da criança que ela espera.

A conselheira Ruth fez um som desdenhoso que Jacob não conseguiu ignorar. Normalmente, desqualificava as atitudes jocosas de Ruth como simples sede de poder e ânsia por posições elevadas, mas agora seu desrespeito por Isabella ultrapassara todos os limites. Para piorar a situação, ela escolhia um péssimo momento para provocá-lo.

Jacob se debruçou sobre a mesa, provocando um estrondo que assustou rei e conselheiros, e despejou toda a sua ira sobre Ruth:

- Não vai mais manifestar suas opiniões negativas a respeito de minha esposa neste conselho, Ruth. Seja por palavras, gestos, atitudes ou sons como o que acaba de produzir. Se insistir nessa conduta, vai ter de acertar contas comigo. Fui claro?

- Ousa me fazer ameaças? - ela disparou, pondo-se em pé para enfrentá-lo.

- Ruth, sente-se - Noah ordenou em voz baixa. - Caso contrário, será removida definitivamente deste conselho. Fui claro?

- Não tem poder para isso - retorquiu a mulher, tão obstinada e cega que não conseguia ver a profundidade do buraco que cavava sob os próprios pés.

- Eu tenho - Noah declarou com firmeza e segurança.

- Se o Conselho me apoiar em número majoritário, será expulsa sem direito à apelação. E acho que deve perceber, Ruth, que a mulher que insiste em tratar com tanta animosidade terá o voto final para essa decisão, o que poderá acontecer assim que ela retomar sua posição no Conselho. Agora... sente-se!

Ruth empalideceu. Trêmula pelo esforço de conter a ira, ela conseguiu se manter calada e sentou-se. O ódio em seus olhos era mais do que claro quando ela encarou o Defensor.

- Continue, Jacob - Noah pediu.

- Bem, no início pensamos tratar-se de um nigromante. O que não entendíamos era por que Bella não pôde anular esse tipo de força, como fizera no passado. Agora sabemos que ela não conseguiu se defender porque o poder do atacante era proveniente de uma arma manual. Isabella abriu a porta e não teve chance de se proteger. Foi atingida imediatamente pelo primeiro disparo. A única coisa que ela lembra com clareza é que um dos atacantes se aproximou, enquanto ela estava caída no chão, ferida e indefesa, e começou a... - Jacob parou, incapaz de pronunciar as palavras que pareciam ter sido retidas por um nó em sua garganta.

Elijah levantou-se e, tocando o braço do Defensor, sugeriu que ele se sentasse. O guerreiro continuou o relato.

- Bella recorda nitidamente que um dos atacantes buscava atingi-la na área abdominal. Gideon examinou os ferimentos e pode afirmar que foram resultado de um espancamento.

- Exatamente - confirmou o médico. - Ela deve ter ficado no centro de um círculo de agressores. O alvo era, sem dúvida, o bebê, depois ela mesma. O objetivo do ataque era levá-la à morte. Caso isso houvesse ocorrido, não teríamos nenhum relato do incidente. Por sorte, minha... Magdalegna - ele se corrigiu rapidamente, sentindo o peso do olhar do rei. - encontrou Bella minutos depois do ataque.

- Com exceção do ataque, absolutamente real, tudo que foi encontrado na sala foi uma encenação - Elijah prosseguiu. - Um cenário criado para convencer o observador da presença de nigromantes. Mas não estou certo disso. Por que destruir o lugar e deixar sinais tão óbvios? Não houve luta.

- Tem certeza de que não foram nigromantes? - Ruth perguntou.

- Não tenho - Elijah confessou. - Nigromantes são humanos, capazes de usar a tecnologia das armas, e esse é um dos requisitos básicos nessa situação. Um inimigo com motivo. - Ele contou nos dedos. - Alguém que possa usar tecnologia e que saiba do nosso desprezo pelos nigromantes, o que acarretaria essa tentativa de incriminá-los.

- Quem mais saberia sobre a emergência de Druidas e sua importância no nosso futuro? - perguntou Jacob.

A expressão de Gideon não despertava a curiosidade de ninguém no Conselho, mas Legna estava tão presente em seus pensamentos que logo captou a onda de medo.

Você sabe alguma coisa, ela sussurrou.

Agora não, Legna.

Ela entendia. Havia na sala poderosos Demônios da Mente capazes de penetrar até mesmo as formidáveis defesas de Gideon, caso houvesse alguma suspeita.

- Isso implica Nightwalkers. Os rumores se espalham rapidamente em nosso mundo, e não me surpreenderia se uma espécie tomasse conhecimento dos Druidas e se sentisse ameaçada por sua perpetuação entre nós. Sendo assim, temos de eliminar ou confirmar cada espécie de Nightwalkers - sugeriu Elijah. - Vamos começar pelos habitantes das sombras.

- O ataque aconteceu ao pôr-do-sol - Noah lembrou.

- Exatamente - Elijah confirmou. - Os habitantes das sombras não suportam a luz do sol. Nem mesmo ao entardecer, no crepúsculo. São mais sensíveis até do que os vampiros.

- O povo Mistral é notoriamente pacífico. Não consigo imaginar um deles cometendo ato de tamanha violência - opinou Jacob.

- Mas posso imaginar os licantropos fazendo coisa igual ou pior - Elijah anunciou. - Tivemos uma trégua muito tênue com eles nesses últimos treze anos, mas ainda existem aqueles que se ressentem contra os Demônios o suficiente para ultrapassar nossos limites de espaço.

- Com que finalidade? Destruir uma grávida? Não faz sentido - Noah argumentou. - Os licantropos não têm essa medida de foco e especificidade.

- É verdade. Eles sucumbiriam ao instinto da raça no calor de um ataque dessa natureza. Não resistiriam ao impulso de marcar Isabella, manchando-a

com seu sangue. Não havia sinais de garras ou dentes de animal, e o sangue encontrado estava livre da mácula de licantropia.

- Além do mais, Bella foi atacada por bípedes.

- Vampiros?

- Tudo indica que sim, exceto pelo motivo e pelo uso de tecnologia. Por outro lado, um Vampiro não teria dificuldade em induzir um humano a usar a arma.

- Motivo... - Gideon disse em voz baixa. - É isso que me preocupa. Ou melhor, a falta dele. Não há razão para os vampiros terem realizado o ataque.

- Mesmo assim, não podemos excluí-los - Elijah argumentou. - Pode haver alguma coisa que não estamos percebendo.

- Eu irei confrontá-los - Gideon sugeriu com firmeza.

Noah o encarou curioso.

- Vai procurar por Damien com uma acusação desse tipo?

- Eu planejava enviá-lo a Siena- disse Elijah. -- Você a conhece melhor que todos nós, Gideon. Sei que suas habilidades de Demônio não poderão afetá-la em grande extensão, mas você vai poder ver a química corporal dela e, assim, determinar se ela está mentindo ou escondendo alguma coisa. Sente-se capaz de enfrentar um confronto físico, caso cheguem a esse ponto?

- É claro. E não sei por que não posso me incumbir das duas tarefas. Sou a melhor escolha para os dois casos.

- Ele tem razão - Noah o apoiou.

- Excelente. Enquanto você cuida disso, eu vou verificar os círculos dos humanos que se divertem assediando Nightwalkers - Elijah decidiu. - É fácil penetrar os santuários desses supostos caçadores, especialmente aqueles com clara tendência para a valentia e a proeza física.

- O último tópico: nigromantes. Por eliminação, restam apenas eles. É muito provável que o óbvio acabe sendo a resposta correta. Mas não podemos contar com isso sem antes realmente eliminar todo o restante.

- Vamos nos reunir novamente quando Elijah retornar do reconhecimento. Acha que até lá terá tempo para concluir suas tarefas, Gideon?

- Certamente, Noah.

Gideon materializou-se na esquina de uma rua deserta, sob uma lâmpada quebrada. Olhando em volta, ele recuou até ter as costas contra uma parede de tijolos e estar envolvido pelas sombras.

Escaneou todo o ambiente, empregando uma especial mistura de cheiros e químicas corporais para atrair as criaturas que procurava.

Em pouco tempo uma figura sombria surgiu na rua a alguma distância dele. Num piscar de olhos, ele percorreu a distância que o separava de Gideon. O médico temperou sua química corporal com uma dose de adrenalina. A ação tinha o propósito de prepará-lo com reflexos e força implementados no caso de um confronto.

A criatura o segurou pelo pescoço, jogou-o contra a parede e revelou os impressionantes caninos, preparando-se para o ataque. Porém, antes de mordê-lo, arregalou os olhos e fechou a boca, baixando a cabeça para olhar para a lâmina que tocava seu corpo bem em cima do coração. Finalmente, fitou os olhos da presa e, com um suspiro frustrado, soltou Gideon.

- Demônio! Bah!

O vampiro deu alguns passos para trás. Gideon guardou a faca.

- Peço desculpas pelo truque, mas precisava atrair a atenção de alguém, e esse foi o método mais rápido que me veio à cabeça, considerando que, a esta hora, todos vocês estão caçando.

- O que quer, Demônio?

- Quero que me leve ao território de caça de Damien. Sabe onde fica?

- Se soubesse, acha que diria a um Demônio?

- Não quero fazer mal algum a Damien. Apenas conversar...

- Minha pergunta ainda é a mesma.

- Você saberia se eu estivesse mentindo. E essa é a única resposta que vai ter de mim.

O vampiro inclinou a cabeça para o lado, os traços de harmonia perfeita e beleza incomparável revelando curiosidade.

- Tudo que posso dizer é que deve concentrar sua busca em San Jose. Nada mais.

Depois de uma reverência exagerada, quase debochada, o vampiro decolou e voou até o alto de um edifício do outro lado da rua.

Damien ergueu a cabeça ao sentir um cheiro forte e conhecido na brisa da montanha. Ele se abaixou e olhou para os dois lados, a trança feita com seus longos cabelos negros movendo-se como um chicote pelo movimento brusco.

- Gideon?

O Demônio se deixou iluminar pela lua, exibindo uma tranqüilidade que fez o príncipe relaxar. Damien levantou-se, recuperando a elegância de sua postura mais humana, ocultando a besta selvagem que o medo invocara momentos antes.

-Damien.

- Veio me buscar em meu próprio território? E trouxe companhia! - o príncipe exclamou com um sorriso desprovido de humor. - E eu pensando que ela me achava atraente!

Legna não conteve uma exclamação de espanto. O poderoso vampiro sentira sua presença e captara sua admiração.

- Eu não atravessaria essa linha nem por brincadeira, Damien.

- Peço desculpas, mas não pude resistir. Ela deve ser jovem, ou teria percebido que sou capaz de ler outra presença em sua mente.

- Ela é jovem, mas não seria sensato subestimá-la.

- Imagino que não. Veio perguntar se traí sua confiança, não é?

- Sim. Além de meu povo, você é o único que sabe qual é a importância da druidesa que se uniu a nosso Defensor. E sabe porque eu mesmo contei a você. Quero que me diga que nada teve a ver com o brutal ataque que ela sofreu. Um ataque que quase resultou na morte dela e do filho que ela espera.

- Quem cometeria tal atrocidade?

Legna sentiu o alívio que invadiu Gideon. O vampiro nada fizera contra Isabella.

- Lamento ter sido obrigado a perguntar, Damien - desculpou-se Gideon.

- Não se desculpe. É compreensível. Vai fazer a mesma pergunta a Siena, suponho?

- Certamente. Sei que não é esse o estilo dela, mas pode haver rebeldes entre sua gente. E no seu povo, também. Há algo que eu deva saber?

- Não que eu lembre... - Damien pensou por um minuto. - Temos os

infratores, os que matam indiscriminadamente pela perversão do prazer despertado pelo medo da morte na presa. Mas creio que estão ocupados demais tentando fugir da justiça, evitando o sol e matando. Não perderiam tempo com suas políticas de propagação, Gideon.

- Entendo. Bem, não pensei realmente que houvesse vampiros envolvidos nisso, mas meu dever é ter certeza.

- Quer que eu fale com Tristan?

Gideon balançou a cabeça em sentido negativo ao ouvir o nome do rei dos habitantes das sombras.

- O ataque aconteceu ao pôr-do-sol. Havia muita luz para eles. Mas agradeço pela oferta.

- Gideon, em retribuição ao favor que me prestou vindo prevenir meu povo sobre os nigromantes, vou mobilizar minha vanguarda para uma total varredura dos covis dos vampiros caçadores de humanos. Vamos ver se alguém sabe de alguma coisa.

- Obrigado. Vai me ajudar muito. Elijah está em tarefa semelhante, mas as informações que tem dessa gente são muito mais complexas e abrangentes que as nossas.

- Porque, normalmente, você não tem nada a temer de humanos normais que não são adeptos da magia negra. É forte demais para isso. Porém, mesmo sendo fortes, nós, os vampiros, temos uma fraqueza que os humanos podem explorar facilmente. Somos forçados a dormir em total imobilidade durante o dia, o que faz dos humanos uma séria ameaça para nós. Por isso precisamos conhecê-los profundamente. Vocês podem lutar contra a letargia, podem ouvir a aproximação do inimigo e usar suas habilidades quase que totalmente, apesar de também dormireem nas horas do sol. Para o meu povo, isso é praticamente impossível.

Gideon agradeceu mais uma vez ao vampiro, que partiu em seguida com um glorioso salto que deu início ao voo.

Jacob subiu a escada devagar, sentindo-se cansado e pesado. Era terrível deixar assuntos tão importantes nas mãos de outros Demônios. Sim, sabia que Elijah adorava Isabella. E como poderia ser diferente? Ela era compreensiva, tolerante... Depois das rusgas e da hostilidade inicial, hoje ele

sabia apreciar e reconhecer a boa vontade de Elijah e de Gideon, tratando-os com grande respeito e até com alguma simpatia.

Além disso, Gideon salvara sua família. Companheira e filho. E isso era algo que jamais esqueceria.

Isabella abriu os olhos ao ouvi-lo entrar no quarto na casa de Noah. Ao ver as pétalas de rosa que ele jogava sobre a cama, uma medida desesperada para animá-la e arrancá-la da depressão, a bela druidesa sorriu.

Jacob teve a sensação de que muitas toneladas eram removidas de seus ombros. Vê-la sorrir depois dos dias terríveis e sombrios de depressão era a maior de todas as alegrias.

- Amo você, Jacob - ela murmurou. - Amo por estar aqui comigo, embora seu coração arda de desejo de perseguir aqueles que me atacaram.

- Vai haver um tempo, meu amor, em que não poderei ficar - ele disse, beijando-a na testa.

- Eu sei. E compreendo. Lembre-se de que há em mim uma leoa, e essa parte de meu ser não vai estar satisfeita enquanto não vir destruídos aqueles que puseram em risco a vida de meu filho. E a única maneira pela qual poderei viver essa experiência vai ser residindo em seu coração, seguindo-o enquanto você vai buscar vingança. Minha e de nosso filho. E, por favor, não deixe que isso o destrua. Preciso de você aqui, em paz.

- Eu estarei aqui, minha querida. Só terei paz depois de conquistá-la com a vitória dessa batalha. Por nós. Depois deixaremos o passado para trás.

- Jure, Jacob, que será como está dizendo. Sei que não deixará de cumprir sua palavra.

- Eu juro. Encontrarei nossos inimigos e os deixarei no chão, atrás de nós. Não levarei essa escuridão para a nossa cama, para perto de nosso filho, ou a qualquer lugar onde ela possa ser contagiosa. Voltarei para você com a mente limpa, com o coração leve e a alma lavada. Eu juro.

- Eu amo você, Jacob. - Isabella o abraçou sabendo que a única coisa que poderia limpar a alma, o coração e a mente de seu amado era a vingança. Retribuição.

Gideon estava encolhido nas sombras de um patamar rochoso sobre uma nascente límpida e gelada da Sibéria. Não estava vestido para o clima

glacial, mas não tinha importância, porque podia regular a temperatura do corpo com um pensamento, como fazia agora enquanto observava o vilarejo lá embaixo. Sentia sem dificuldade os pulsos de cerca de uma centena de criaturas, tanto bípedes quanto quadrúpedes. Podia rastrear com facilidade os mamíferos licantropos à sua volta, mas o rastreamento ficava mais difícil quando eles assumiam formas de animais de sangue frio ou de aves. Qualquer animal ali podia ser um licantropo, e não os sentiria.

Um verdadeiro licantropo podia existir em três estágios. Um animal de qualquer espécie imaginável era o primeiro. Havia uma forma humana para o segundo, indistinguível para qualquer mortal normal que não pudesse enxergar além da aparência e identificar um mapa genético. Muitos Demônios podiam determinar pelo cheiro que não eram realmente humanos. E devia ser igual para outros Nightwalkers. A terceira e última forma era a licantrópica, uma combinação da primeira e da segunda, o animal e o humano, normalmente do porte de um ser humano, mas com atributos específicos da forma animal do licantropo, como pêlos e garras, se fosse um urso, ou presas e asas se fosse um vampiro.

Havia as formas clássicas que os humanos chamavam de lobisomens. Mas o que muitos humanos não percebiam era que os licantropos não estavam limitados à forma dos lobos.

Na verdade, não havia um só animal que não estivesse representado na população de licantropos.

Alterando sua química corporal para emitir cheiros como os dos licantropos, Gideon começou a descer a encosta gelada na direção do vale onde ficava o vilarejo. Não temia os humanos.

Na verdade, licantropos e vampiros eram os Nightwalkers mais conhecidos pela mitologia humana, e por causa disso as duas raças eram perseguidas por homens que tentavam provar a realidade do mito. Matar os monstros mitológicos faria deles heróis de proporções igualmente místicas.

Os licantropos só haviam sobrevivido porque, astutos, compreenderam suas limitações diante do progresso da humanidade e tentaram acompanhá-lo. Por isso não eram avessos ao uso da tecnologia. Ou de armas.

Gideon contornou o vilarejo de Siena até se aproximar de sua residência, uma caverna de impressionante camuflagem. Ao passar pelos guardas, ele os cumprimentou com frieza. Como exalava o cheiro da licantria, todos o trata-

vam como se pertencesse ao grupo.

A moradia de Siena era impressionante em todos os sentidos. Cavada no coração de uma montanha, possuía o esplendor de um castelo e a modernidade de um glamoroso projeto arquitetônico. Luxo, conforto, arte e decoração... Havia de tudo ali. O único acesso ao interior era por onde Gideon acabara de passar, uma boca estreita que podia ser fechada e encoberta rapidamente, se fosse necessário, protegendo todo o vilarejo e a casa da rainha. Havia outras casas em torno do castelo, como se fosse uma construção normal sob o céu, não no interior de uma montanha. Mesmo sem o fosso e a ponte levadiça, típicos das fortalezas medievais, o castelo de Siena era inexpugnável.

Gideon entrou confiante, percorrendo corredores e salões que guardava na memória, apreciando a decoração que expressava a riqueza e o gosto de Siena pelas coisas mais

elegantes. Estivera ali pela última vez, havia treze anos, antes de Siena subir ao trono, mas poucas coisas tinham mudado. Via-se mais obras de arte, tapetes riquíssimos, mas, em

essência, o castelo ainda era o mesmo.

Havia sido fácil entrar e percorrer as áreas externas, mas não seria tão fácil chegar a Siena. A rainha dos licantropos não era nenhuma tola.

O território dos licantropos ainda era hostil. A guerra chegara ao fim após séculos de batalhas terríveis. O rei anterior, pai de Siena, era um senhor da guerra, um homem que só se contentava quando estava lutando por propriedade, riqueza ou posição. Depois de anos antagonizando os Demônios sem conseguir vencê-los, ele decidira ser um eterno incômodo na vida de Noah. Raptos, saques, assédio, até que Noah percebera que séculos haviam se passado, e não existia mais um único licantropo vivo que não houvesse sido contaminado pela propaganda contra os Demônios. Jamais haveria paz, nem mesmo depois da morte do senhor da guerra, se não houvesse uma intervenção firme.

Noah enviara Gideon às prisões do senhor da guerra.

Aparentemente, era noite de justiça no castelo da rainha Siena. Grandes grupos entravam e saíam da sala do trono, certamente buscando soluções para problemas e rixas, e Gideon tratou de se misturar a um deles. Poderia ser descoberto a qualquer momento, por isso tinha pressa. Caminhando com firmeza,

ele entrou na sala do trono e foi imediatamente visto pela rainha. Em sua forma humana, Siena era uma mulher de beleza única, com cabelos tão dourados quanto o próprio ouro em sua forma mais pura. Longos, eles ultrapassavam a linha da cintura formando grandes cachos brilhantes que emolduravam o rosto e encobriam as orelhas ligeiramente pontudas, como as de um gato, única parte de sua anatomia que não era humana.

Siena levantou-se ao reconhecê-lo. Atraídos pelo gesto, os guardas a cercaram com a intenção de protegê-la. Eram minotauros, criaturas gigantescas e poderosas com a força de dez touros cada uma, uma estatura muito superior a de Gideon e uma propensão à batalha que desafiaria até as habilidades de Elijah.

Gideon parou com um pé no primeiro degrau da escada para o trono. Respeitoso, executou uma reverência que tinha por objetivo indicar a intenção pacífica de sua visita.

Siena relaxou e sentou-se, chamando uma criada com um gesto firme e autoritário.

- Jinaeri, esvazie a corte. - Sorrindo, ela se dirigiu aos súditos que a aguardavam. - Cavalheiros, serão meus hóspedes pelas próximas vinte e quatro horas. Retomaremos nossa conversa nesse período.

Todos se retiraram satisfeitos. Um guarda fechou as portas da sala.

- Desarmem-no - a rainha ordenou aos que a cercavam. Dois minotauros se aproximaram de Gideon.

Porém, o médico não estava mais onde estivera até um segundo antes. Ágil, ele rolava pelo chão e escapava do alcance das armas dos minotauros.

Levantando-se, ele arremessou a faca antes que os guardas pudessem alcançá-la, cravando-a no encosto do trono, bem ao lado da cabeça da rainha, que ficou presa pelos cabelos.

- Parem! - ela gritou ofegante. - Nem mais um passo. Ele pode ter outras facas como esta.

- E dessa vez não quis acertá-la, Alteza - Gideon comentou sorrindo.

- Gideon, seu bastardo. - Siena riu. - Há prata nessa lâmina!

- E na outra também - ele revelou, devolvendo a segunda arma à tira de couro em sua coxa enquanto caminhava para o trono. Depois de resgatar a outra faca cravada na madeira do encosto imponente e guardá-la, ele olhou

para os guardas certificando-se de que não seria atacado.

- Há quanto tempo, Gideon...

O Demônio examinava as gotas de sangue que caíam das pontas dos cabelos cortadas por sua faca. Não tivera a intenção de feri-la, mas havia sido forçado a se defender. E os cortes, praticamente indolores, cicatrizariam em pouco tempo. Se quisesse mesmo machucá-la, teria cortado uma mecha inteira de cabelo. Seria o equivalente a amputar-lhe um braço.

- Na última vez em que estive aqui foi como seu prisioneiro, Majestade.

- É verdade. Quase esqueci. Mas nos despedimos pacificamente no passado, o que significa que não veio em busca de vingança.

- Não, Majestade. Na verdade, serei eternamente grato por sua hospitalidade naquele período.

- Entendo. E por isso veio? Para buscar minha hospitalidade? Armado?

- Faria diferente se tivesse de voltar ao covil daqueles que a mantiveram prisioneira no passado? Se fosse convidada a visitar a corte de Noah, deixaria em casa as armas que agora traz escondidas entre os cabelos!

- Sempre astuto ... Venha comigo, Gideon.

Siena o levou a um conjunto de aposentos separados da sala do trono.

- Vejo que ainda não escolheu um companheiro, Majestade.

Gideon podia sentir a fúria de Legna em seus pensamentos, e queria encontrar um meio de apaziguá-la.

- E você já tem alguém, apesar de ter proclamado que viveria para sempre na solidão. Posso senti-la em você. Sinto o cheiro. Ela deve ser... deliciosa.

- Sugiro que encontre alguém, Majestade. Especialmente em sua situação. É muito mais satisfatório do que manter o *status* de rainha Virgem.

- Sim, você tem razão, Gideon, mas posso superar facilmente as necessidades do corpo, se elas me obrigam a escolher um macho ao qual estarei acorrentada pelo resto da vida. É injusto que eu deva ser atormentada por essa absurda e antiquada predisposição genética para escolher um único companheiro. Um só! Por toda a vida! Eu poderia estar me divertindo tanto... - Siena ficou repentinamente séria, erguendo os ombros como se lembrasse sua posição. - Mas não preciso de um rei e, portanto, não desejo tomar um amante que acabaria ocupando esse posto. Sendo assim permanecerei virgem,

provavelmente até o fim de meus dias.

- Lembro-me de ter dito algo muito parecido...

- Sim, eu sei. E agora tem uma companheira. É um homem de sorte, Gideon. Espero que desfrute dessa união.

- Obrigado.

- Trate de levá-la logo para a cama, assim ela não vai sentir tanto ciúme de outras mulheres.

A exclamação ultrajada de Legna foi como um golpe físico, e Gideon precisou de um instante para recuperar-se do desconforto.

- Siena, deve saber que esta não é uma visita social.

- É claro que não. O que o traz aqui, afinal?

- Tem motivos para suspeitar de que uma facção de seu povo decidiu reacender a guerra atacando meu povo?

Siena o encarou com seus grandes olhos dourados.

- Fico feliz por não estar me acusando diretamente.

- Não mesmo. Alguns membros do Conselho ainda temem suas intenções, mas sei que está acima dessas pequenas rusgas.

- Bem, se há rebeldes entre meu povo, não vai ser difícil encontrá-los. O que aconteceu?

Gideon resumiu os fatos que o levavam até ali.

- Não - Siena respondeu com firmeza. - Ninguém aqui cometeria um ato de tamanha crueldade. A sobrevivência da cria é nossa prioridade, o primeiro item no nosso código moral, e por isso consideramos monstruoso atacar a cria alheia, mesmo que seja a de nosso pior inimigo.

- Eu já imaginava que diria algo parecido, mas precisava me certificar. Afinal, você podia ter um criminoso social entre sua gente, alguém que ainda não foi percebido...

- Tem razão, é claro. Manda a estratégia que todas as possibilidades sejam exploradas. Por isso acredito que chegou a hora de me sentar com Noah e estabelecer com ele os parâmetros para uma troca de embaixadores. Assim reduziremos os problemas causados pela falta de informações. A única coisa que pode resultar da falta de comunicação entre nossos povos é a desconfiança. Acabaremos retomando a guerra sem saber por que estamos brigando.

- Acha que seu povo está preparado para aceitar um Demônio em sua corte?

- O tempo passou. Eu o solicitaria para essa posição, mas sei que seus deveres no Conselho e sua nova companheira o manterão muito ocupado. Talvez possa sugerir alguém...

- Certamente. E, por favor, escolha alguém inteligente, livre de preconceitos e de boa vontade para enviar como embaixador de seu povo em nossa sociedade. Vou conversar com os representantes da nossa corte. E transmitirei sua solicitação de uma audiência com Noah. Você terá uma resposta em breve, garanto.

- Estarei esperando. Enquanto isso, vou mobilizar toda a inteligência do Reino para tentar descobrir se está acontecendo alguma coisa sobre a qual nada sei. - Siena tirou do dedo um anel de ouro e entregou-o a Gideon, tomando o cuidado de evitar qualquer contato físico. - Com isso vai poder ter livre acesso à corte sem ter de recorrer a artimanhas. O anel será usado por seu embaixador. Por favor, no futuro, lembre-se de que prefiro sempre conhecer a verdadeira natureza do que se aproxima de mim.

- Sempre soube que me identificaria ao primeiro olhar, Siena. Saiba que sou grato por ter me recebido. - Ele fez uma reverência elegante e desapareceu, arrancado da sala com um estalido definitivo, como se uma força superior o arrancasse das garras da morte.

Capítulo IV

Assim que se materializou no interior do quarto, Gideon foi envolvido pelos braços de Legna. Um segundo depois ela se afastou e, segurando sua mão esquerda, arrancou dela o anel de ouro e pedra da lua, a identificação do Reino dos licantropos, e o jogou no chão.

- Não usará nada dela!

Gideon não conteve o riso.

- Ciúme, minha linda? Nuca pensei que abrigasse emoções tão pequenas.

- Acha que o que sinto é pequeno? Julga meu comportamento infantil e irracional?

- É claro que sim. Não pensaria o mesmo de mim, fosse eu a agir dessa maneira?

- Continua me tratando como se eu fosse uma criança. Depois de tudo que dissemos um ao outro, ainda pensa que minha atitude é decorrência de um capricho temperamental.

- Mas é. Não percebe que essa sua beligerância é tola e sem fundamento? Não percebe que assim começam as guerras? Uma explosão temperamental, e de repente tudo toma proporções inesperadas, incontrolláveis. Deixe-se corroer por essas emoções inúteis, se quiser, mas não as despeje sobre mim.

- É claro. Eu sou a criança, você é o sabe-tudo. Deve estar certo - ela concluiu com sarcasmo e frieza.

- Legna ...

- Quer um teste empírico? Vamos lá. Minha capacidade de experimentar emoções fortes me deu uma família que amo, amigos queridos e o impulso de sempre ajudar quem precisa de mim. Conseguiu alguma dessas coisas com seu controle emocional, com essa frieza estúpida e inútil? Onde está sua família? E os amigos? Sim, o todo-poderoso cura os de sua raça com generosidade, mas se preocupa em saber se eles realmente estão bem? Faz diferença se seus pacientes vivem ou morrem?

- É claro que sim! Não se atreva a me acusar de ser insensível com meus pacientes, Magdalegna! Não sabe nada sobre os meus... - Gideon parou antes de concluir a sentença, respirando fundo para controlar-se.

- Sentimentos? - ela concluiu por ele. - Tem razão, não sei. Você não me deixa saber. Qual é o benefício de viver assim, indiferente e afetado?

- Os benefícios são muitos. Coisas que você não pode sequer começar a entender.

- Tem idéia do quanto está soando condescendente?

- Não é nada disso! - Ela o obrigava a lembrar pecados do passado. Não tinha idéia do perigo que corria. Se pudesse opinar, certamente a manteria na ignorância. Seus pecados permaneceriam no passado, longe da vida desse homem em que se transformara por causa deles.

- Gideon. - O tom de voz de Legna agora era outro. No lugar da fúria havia doçura e firmeza, uma mistura muito mais perigosa para sua paz de espírito. - Vejo em você a ternura e o cuidado quando está com um paciente.

Mas, aparentemente, você é sempre distante, impassível. Sei que não é assim, mas por que tem de mostrar algo que não é verdadeiro?

Legna conteve a raiva e aproximou-se dele, determinada a obter respostas. Precisava entender o enigma de Gideon.

Como poderia passar o resto de sua vida ao lado de um homem que se recusava a mostrar seus sentimentos?

Sabia que ele abrigava emoções poderosas. Só não entendia por que julgava necessário escondê-las sob aquela armadura de frieza e distanciamento. Emoções. Pequenas ondas que ele suprimia rapidamente, mas que continuavam existindo sob a superfície. E sabia como trazê-las à tona.

Devagar, ela se aproximou para abraçá-lo, removendo o casaco de couro que o envolvia como um manto.

Gideon não entendia o que ela pretendia, mas era impossível permanecer tenso e na defensiva enquanto ela o tocava daquela maneira.

- Não vai me fazer mudar de idéia a respeito disso, Magdalegna. Precisa aceitar que eu sou assim. Tenho centenas de anos e nunca mudei. Tentar me modificar agora é bobagem.

- Ser assim há tanto tempo não significa que você deve ser dessa maneira para sempre.

Depois de deixar o casaco sobre uma cadeira, ela voltou para tirar as luvas que escondiam as mãos dele, jogando-as sobre o casaco. Em seguida foi a vez das facas, uma de cada vez. A atenção com que ela se dedicava a deixá-lo à vontade o afetava profundamente. Gideon fazia um grande esforço para conter-se, para sufocar as emoções, mas era cada vez mais difícil.

- Pense, Gideon, no prazer que os melhores sentimentos podem trazer. Você reconhece as emoções negativas e rejeita todas as outras pelo mal que podem causar. Mas pense no que está sentindo agora, nesse momento. Desprezaria tudo isso com facilidade'?

- Isso é luxúria, um estado de excitação causado pela compatibilidade de nossas químicas.

- Oh, é só isso? - ela perguntou provocante, colando o corpo ao dele. - Então, por que não controla seu corpo? Um Demônio do Corpo da sua idade e com seu poder pode cessar a reação a esse estado de excitação. Por que não reduz o ritmo de sua pulsação, a temperatura de sua pele? - Legna deslizou a

mão pelo peito viril até tocar a ereção que já era evidente sob a calça. - Por que não anula esses sinais reveladores de que está mais envolvido do que quer admitir?

Gideon explodiu. Não havia outro termo para descrever sua reação. Num minuto tentava controlar-se e fitava os olhos brilhantes de Legna, e no outro a segurava pelo pescoço, imobilizando-a com o peso do próprio corpo, forçando-a a recuar para evitar a fúria de emoções que dele transbordava. Legna não teve chance de reagir. Quando percebeu o que acontecia, já estava deitada sobre a cama, com Gideon pesando sobre ela.

- Não brinque comigo, menina! Sua beleza e suas tentativas de sedução não vão levá-la a nada. E é melhor que fracasse nessa sua empreitada, porque não vai gostar de ser o alvo do meu temperamento irrefreável. Eu a previno!

- Esse território é meu - ela protestou alterada, segurando o punho que oprimia sua garganta. - Você é meu território! Meu! Feio ou bonito, irado ou apaixonado, você é meu para sempre, Gideon. Até o fim de sua existência, como você alega que eu sou sua, e não vou deixar que se alimente de mim em pequeninos pedaços selecionados. Ou terei você por inteiro, ou desistirei de você e não terei nada!

- Não me ameace, menina insolente! - ele rosnou. Porém Legna sentiu o pavor por trás da demonstração de força. Era a emoção que ele queria provocar. Precisava fazê-lo entender que precisava dela. Ele tinha de entender que teria de transformar seu mundo para aceitá-la nele.

- Tem tão pouca fé em si mesmo, Gideon, que não acha que tenha aprendido com os terríveis erros que cometeu? - ela perguntou, a voz ainda mais suave. - Porque eu sempre vi em você um homem confiante como ninguém. Nunca pensei que era do tipo que permitisse que os erros do passado o paralisassem dessa maneira.

- Não estou paralisado. Estou no controle, Magdalegna. Preciso estar no controle de mim mesmo. Você não sabe o que eu tenho o poder de fazer. Não concebe a responsabilidade que minha posição nessa sociedade exige.

- Sim, eu sei - ela retrucou, com gentileza. - Você se esquece com tanta facilidade que fui criada no joelho de nosso rei? Toda a minha vida o vi lutar entre seu temperamento natural e as responsabilidades para com o nosso povo. Mas foram as minhas lições que o ensinaram a permitir-se viver as paixões com segurança e prazer. Eu o ensinei a amar de verdade, apesar das perdas que

sofreu. Eu o guiei nos caminhos para extravasar as mais selvagens emoções sem ferir a si mesmo ou a qualquer outro. Você não confia que eu faça o mesmo com você?

- Está me pedindo para destruir séculos de repressão, Legna - ele disse com voz rouca. - Fui criado para proteger vidas e nossa cultura.

- Surrar o que sente nunca nos protegeu. - Ela o acariciou no rosto. - Aprender a distinguir o certo do errado, compreendendo que cometeu erros penosos, e as ações que tomou para guiar essa sociedade para a retidão moral salvou nosso povo de si mesmo. Agora fui enviada pelo destino para reconduzi-lo para aqueles sentimentos que negou a si mesmo tempo demais. Pensou que pudesse ter essa marca e não entregar seu coração? Para mim?

- Eu ... - Gideon engoliu em seco ao perceber que ela estava certa. Havia temido que ela não o amasse, que alguém sensível como ela o evitasse por causa de todos os seus erros. Encarou-a. Percebeu que a estava guardando na memória, pela forma e pela sensação, mapeando-a para conhecer cada nuance especial.

- Somente se você se refrear o tempo todo, enfiar tudo isso em um canto dentro de você e virar as costas. Fingir que a raiva não existe é um plano imperfeito - Legna aconselhou, afundando com fúria os dedos em seus cabelos. - Sem mencionar todas as outras emoções voláteis que tenta ignorar. Precisa encontrar uma liberação segura para todas as suas paixões, Gideon.

Legna observou-o, percebendo a leve mudança em sua expressão, Ele sorriu, levando os dedos aos lábios dela.

- Você será minha liberação, minha linda? - perguntou. - Essa boca irá tragar meus desejos mais ardentes? Podem orelhas tão delicadas tolerar a fúria dos meus gritos? Sua pulsação baterá em harmonia com a minha quando eu precisar?

- Sim - ela sussurrou prontamente, o coração acelerado. - Serei o que quer que necessite. Tudo o que precisar. Por tanto tempo quanto sinta o desejo.

Gideon percebeu como precisava dela, Pela primeira vez permitiu-se verdadeiramente sentir o que vinha crescendo em seu interior desde o momento em que a vira pela primeira vez. O efeito do desejo reprimido o dominava. Ele tentou controlá-lo, mas Legna agarrou-o e aproximou-o até que seus lábios se tocassem.

- Não quero machucá-la - ele sussurrou, o sangue queimando nas veias.

- Sinta o caminho para as respostas. E sei, do fundo do meu coração, que você nunca poderia me ferir.

Gideon percorreu com a mão forte uma linha reta até o centro do corpo de Legna. Levantou a saia, encontrando o caminho para a pele nua. Ela ofegou quando os dedos deixaram um rastro de fogo entre suas pernas, deslizando pela parte interior da coxa.

- Vou devorá-la, Magdalegna - ele prometeu, a intensidade obscura de seus desejos atingindo-a por fim.

Legna estava tão concentrada nos carinhos que mal o escutou. Mas quando sentiu o lábio ser mordiscado, fitou-o e fundiu-se em seus olhos.

- Meu primeiro desejo, minha linda, é vê-la nua. E, então, vou senti-la assim... sob as mãos, o corpo e, especialmente, sob minha boca.

Ele selou o convite com um beijo arrebatador, uma mescla de calor selvagem e desespero, que transcendia as exigências de seu corpo. Queria torná-la sua. Seu lado primitivo exigia que a marcasse de todas as formas imagináveis, mas, mais do que isso, que deixasse nela impressões profundas com os sentimentos que havia exigido dele.

A cabeça de Legna girava com os estímulos. Algum tipo de mecanismo de defesa fez com que se agarrasse a ele e invertesse as posições, fazendo-o ficar de costas, se acomodando sobre ele. O movimento agressivo fez o coração disparar, em uma mistura de expectativa, ansiedade e avidez, o sangue correndo quente em seu corpo enquanto a mulher dominante dentro dela emergia para assumir o controle uma vez mais. Mordiscou os lábios de Gideon várias vezes antes de devorá-lo em uma série de beijos quentes e úmidos.

Gideon inseriu as mãos sob as saias e apertou as coxas bem-feitas. Apesar do tremor que o percorria, tentou controlar-se. Não queria tomá-la ainda. Queria adiar o momento e saboreá-lo quando a estivesse reclamando com o corpo desejoso e desesperado. Ela abriu sua camisa em meio a carinhos ousados, fazendo-o arfar enquanto admirava seu peito. Fechou os olhos ao se inclinar para provar com a língua o gosto da pele de Legna.

Estava a ponto de explodir, completamente tomado pelas sensações. Nunca havia sentido prazer tão arrebatador com ações tão simples em toda a sua vida. Emitiu um ruído que parecia vir de lugares profundos, quando a língua escorregou de um mamilo para o outro.

Sentou-se e colocou-a no colo, enquanto terminava de tirar a camisa.

- Minha luz. Minha vida - ele disse em voz alta, escorregando as mãos sob seus cabelos e pelo pescoço, trazendo-a para mais perto até abraçá-la e beijá-la de novo.

A intensidade daquele beijo e as emoções que fluíam dele e a inundavam trouxeram lágrimas a seus olhos. Ela aprofundou o contato, entregue às sensações elevadas e sublimes. Preencheu-o com compaixão e entendimento, com confiança e absolvição e, mais do que tudo, derramou seu coração dentro dele, entregando-lhe um amor que não se importava com pecados e falhas.

O dilúvio de emoções o atingiu como um golpe poderoso.

Gideon sentiu um gemido selvagem vibrar no espaço paradisíaco formado pela junção de suas bocas e percebeu que partira dele. A profundidade daquilo emocionou Legna novamente. Ele sentiu que o coração se partiria em pedaços porque não tinha idéia de como lidar com o que ela oferecia. Ela estava enganada, pensou. Havia dito que um dia ele possivelmente seria seu herói, mas era ela quem o estava salvando.

Legna ...

- Estou aqui e sempre estarei - ela o acalmou com doçura.

- Prometa, minha linda - ele disse, com voz baixa e rouca. - Alguns acreditam que eu sou indestrutível, mas juro pela minha alma que perder você irá me matar.

- Sempre estarei aqui - ela reiterou com intensidade. Ele a acariciou no rosto com gentileza e ternura.

- Não me abandone, Legna - suplicou, sem se embaraçar com a necessidade e a emoção refletidas na voz. - Durma ao meu lado hoje e todos os dias que virão.

Legna agarrou-o pelos ombros, sentindo a pele bronzeada e quente. Antes que percebesse, sentiu-o abrir seu vestido e sutiã, expondo-a a um ar muito mais gelado que a temperatura dos corpos excitados. Os mamilos intumesceram ante o estímulo e o olhar ávido do amante.

Gideon acariciou os mamilos com os dedos e tocou-os suavemente com os lábios. Enquanto terminava de remover o vestido de seda, venerava cada centímetro da pele desnuda com beijos e carinhos devotados. Ele levantou a cabeça para encontrar os olhos de Legna e aninhou o rosto na mão estendida.

- Você é minha única e verdadeira companheira. Se vou ser o mesmo para você, devo conquistar um lugar ao seu lado.

- Mas... - Legna arfou ao senti-lo se acomodar sobre seu corpo, os quadris entre as coxas delicadas, o peito largo suspenso sobre ela. Gideon ainda estava vestido da cintura para baixo, mas o ostensivo sinal de desejo era evidente. - - Sou sua, Gideon - sussurrou, puxando-o até tocá-lo na orelha com os lábios. - Você já está em meu coração.

Ela sentiu o tremor que o percorreu e logo encontrou os olhos que expressavam dúvida, buscando a confirmação daquelas palavras em seu rosto. Estremeceu ao encontrar o que procurava e fechou os olhos, agarrando com firmeza os lençóis. Sem saber se ele brigava a favor ou contra o que ela se dispunha a dar, Legna ergueu as mãos confiantes e acariciou-lhe os ombros e as costas. Deslizou os dedos até as nádegas e agarrou-o, conduzindo-o para mais perto, aprofundando o contato, envolvendo-o com as pernas.

- Legna...

- Estou esperando você - ela disse, a voz baixa, provocante e tentadora como as curvas do corpo sensual.

Gideon prendeu as mãos de Legna sob as dele, movendo intensamente o corpo sobre o dela, tomando a boca deliciosa. Ele imprimia ao beijo a ferocidade do desejo que o consumia e Legna entregou-se com abandono ao jogo erótico de línguas e lábios. Em uma fração de segundos, ele cruzou os braços dela sobre a cabeça, pressionando as mãos contra a cama e deixando o corpo nu totalmente vulnerável.

Legna arfava na expectativa do próximo movimento, que sentia a cabeça leve. Gideon manteve-a imóvel com uma das mãos enquanto a outra percorria o ventre liso, uma carícia ousada que queimava a pele macia. Colocou a boca na curva do pescoço, acariciou o seio e a fez gritar e estremecer.

Legna se sentia selvagem, quente e cada vez mais úmida. Estremeceu quando ele abandonou a boca e traçou um caminho de carícias até seu ouvido.

- Minha linda - murmurou, levando as mãos até o ventre. - Sinto seu aroma. - O hálito era quente como o significado das palavras.

Legna inclinou a cabeça, pressionando-se contra a cama ao senti-lo atingir o vão entre as pernas.

- Gideon - ofegou, ao senti-lo tão perto do centro de seu calor e do

úmido perfume que o tinha atraído até ali.

As mãos dele se moveram por instinto até a parte inferior de suas costas, mantendo-a pressionada contra a manifestação do desejo incontrollável.

Aproximando-se mais uma vez de seus quadris, ele sentiu o líquido quente sob os dedos e ansiou pela sensação do fluido exótico e da pele suave e sensível umedecida.

Estava preso sob as garras da urgência do corpo, como se nunca tivesse conhecido um ímpeto e uma necessidade tão completos. Sentia que ela invadia seus pensamentos, analisando as sensações para ajustar a forma como se esfregava nele até enlouquecê-lo. Legna capturou sua boca antes de percorrer com os lábios o pescoço, percebendo, encantada, Como o estimulava. Sentiu a urgência pulsante da ereção, tão próxima do próprio calor que acentuou a ânsia de tê-lo dentro de si.

Gideon viu-a afastar uma das mãos e mover levemente o braço, gesto acompanhado por uma estranha vibração. Depois de meio segundo, viu-se materializar no centro da cama, nu, os corpos ainda conectados na mesma posição.

Isso fez com que ele inesperadamente escorregasse no calor líquido de Legna, fazendo-a ofegar ao tocar a região sensível, ampliando o anseio pela união final. Ele emitiu um som primitivo de puro desejo, agarrou o tecido das cobertas e lançou a cabeça para trás, arqueando o corpo atormentado. Usando todo o controle que restava, recusou-se a dar o que ela desejava. Afastou-se daquele paraíso inacreditável que o tentava e ajoelhou-se, fazendo-a afastar as coxas.

Estava tomado pela pulsação que fazia seu corpo latejar enquanto olhava para a companheira irresistível. Meneou a cabeça em muda descrença ante os truques astutos para dominá-la. Cada um deles tinha funcionado. Talvez não para a satisfação dela, mas o tinham convencido completamente de que estivera errado ao assumir que o sexo era um ato muito comum para merecer a atenção de uma criatura com séculos de vida.

Inclinou-se, olhando diretamente em seus olhos curiosos e questionadores.

- Quero que diga meu nome - exigiu, a voz gutural e poderosa. - E, se disser, vou dar-lhe um presente muito semelhante a ... isto.

Subitamente ele estava mergulhando para dentro do corpo de Legna. Ela teve que lutar para respirar ante a poderosa sensação que a invadiu. Arrepios selvagens assaltavam seus seios, ventre e coxas. Ele se insinuava em sua corrente sangüínea com velocidade surpreendente, realçando e alterando a química fisiológica até que ela ardesse com uma intensa descarga de adrenalina. Então, veio a consciência de suas zonas mais erógenas sendo tomadas pelo pulsar quente do sangue e por impulsos nervosos estimulantes.

Ele fazia com que um calor cada vez maior a percorresse, parando e recomeçando enquanto a observava com os olhos muito abertos, respirando com dificuldade. Não conseguia mais se concentrar nele, a visão embaçando enquanto sentia ser engolida por um buraco negro naquela criação hábil e artilosa.

Legna sentiu-se explodir em partículas brilhantes quando ele atingiu o toque perfeito dentro dela. Gritou, contorcendo-se de prazer, o corpo todo assolado por pulsações indescritíveis.

Ela tentava recuperar o fôlego ao retornar do exorbitante cume ao qual Gideon a tinha conduzido quando conseguiu, por fim, se concentrar no olhar satisfeito que ele exibia.

- Vamos, querida, diga meu nome - ele a instigava naquele tom superior e incisivo. - Agora é forte o bastante para guardá-lo, assim como eu faço. - Tocou os seios com a boca, lambendo cada mamilo com uma paciência torturante até marcar um deles com os dentes.

Foi como se uma corrente de alta voltagem a percorresse, forçando-a a arquejar o corpo. Ele se aproveitou disso, colocando a boca no ventre projetado, enterrando a língua no umbigo como se estivesse apertando um botão mágico dentro dela que emitisse líquido quente sobre a pele já molhada.

- Diga meu nome, e eu lhe darei muito mais - murmurou contra a pele sedosa, correndo os lábios cada vez mais para baixo, tocando-a com a língua.

Ele se levantou, mantendo as pernas dela afastadas, substituindo a boca pela mão. Legna estava exposta e totalmente entregue àquele toque mágico. Os dedos deslizaram para a seda molhada na junção das coxas, explorando, encontrando em segundos o jeito certo de acariciá-la, aumentando as reações. Ela projetava os quadris e gritava, sentindo os dedos dentro de si, uma invasão que demonstrava tudo o que um homem era capaz de aprender sobre uma mulher em um milênio de vida.

Enquanto a conduzia a um êxtase cada vez maior, continuava pedindo que ela dissesse seu nome. Prometia mais e ela nem sequer conseguia imaginar o que seria mais. Quando ele escorregou pelo corpo suado para provocá-la com a boca, usou a conexão de suas mentes para continuar pedindo e prometendo recompensas.

Legna sentiu-se dissolver em uma explosão de moléculas.

A torrente era magnífica e, ao mesmo tempo, de partir o coração. Maravilhosa de sentir, trágica de abandonar. Lágrimas corriam por seu rosto e um soluço escapou-lhe da garganta.

Ele a cobriu com carícias dos pés à cabeça, fazendo-a se contorcer sob seu toque em movimentos tão eróticos que exigiram toda a sua força de vontade para não penetrá-la de uma vez.

Casais de Demônios normalmente não compartilhavam seus nomes de poder por uma questão de segurança. O desconhecimento evitaria que um deles fosse usado para trair o segredo que protegia o companheiro amado. Porém, ele já sabia o dela havia cinco meses, quando ouvira seu mentor divulgá-lo.

E agora ela teria o dele. Era o presente mais precioso que ele poderia dar, simbolizando uma confiança absoluta. E ele não aceitaria nada que ela lhe oferecesse sem corresponder na mesma medida.

Gideon puxou-a para cima de seu corpo, as coxas afastadas ao redor de seus quadris, e aproximou-a com mãos firmes, fazendo-a sentir a extensão de seu membro. Ela atirou a cabeça para trás, gritando com voz rouca. Gideon cerrou os dentes, ao sentir o chamado irresistível do centro do corpo de Legna, prometendo um paraíso que ele nem sonhava existir.

- Diga, Legna - implorou, movendo os quadris até estar tão perto da entrada de seu corpo que bastava um movimento para uni-los.

De repente, ela endireitou a cabeça, os olhos flamejando com o propósito e a determinação de todas as suas décadas de vida. Prendeu com as mãos os ombros dele, emitindo um ruído selvagem. Permaneceu firme onde estava, recusando-se a permitir que ele a tirasse de lá. Gideon sentiu-a mover os quadris lentamente e usar toda a sua força para mantê-lo parado.

- Legna - ele ofegou, ansiando e lutando para penetrá-la, perdendo todo o controle e a razão enquanto ela tomava o domínio de suas mãos. Ela se

inclinou, olhos nos olhos, gotas de suor pingando sobre ele. Gideon sentiu-se cada vez mais envolvido, em um ritmo doloroso.

E, então, com uma última ondulação dos quadris, ela devolveu-lhe tudo. Conduziu-o para o interior do abrigo sedoso de seu corpo, emitindo um som triunfal de prazer quando ele a completou. Ela o acomodou e essa foi a sensação mais incrível da vida dos dois.

Legna fechou os olhos, estremecendo, e encostou a boca na dele quando finalmente atendeu ao seu pedido.

- *Pentagelo.*

Era um nome poderoso, de proteção e altas expectativas. Assim como o dela. *Indirianna* significava "Parceira dos Céus" e Pentagelo, "Anjo do Tempo Infinito". O poder dos nomes era claro, ao menos em relação a como combinavam perfeitamente com as criaturas que tinham se tornado.

E, fazendo amor pela primeira vez com todo o poder e a intensidade da espécie orgulhosa a que pertenciam, eles se perderam um no outro completamente. Viraram-se na cama diversas vezes, primeiro Gideon penetrando-a profundamente, e depois Legna friccionando com sensualidade o corpo quente contra ele. Emaranharam-se nos cabelos dela, presos um ao outro como um único ser eterno, amoldando-se, fundindo-se da mesma forma que os pensamentos. Ele era capaz de manipular o corpo dela em uma ária de prazeres imensuráveis, mas Legna jogava de volta as sensações em forma de emoções selvagens.

- Legna - disse, rouco, tudo dentro dele gritando que estava perdido demais para fazer algo além de sentir o impressionante vértice que tinham construído juntos.

A respiração de Legna era ofegante, gemidos que se transformaram em exclamações. Ela estava sob o companheiro, sendo penetrada em profundidades que transcendiam o físico.

Quando Gideon atingiu o clímax, foi com um rugido primitivo do máximo êxtase masculino. A arremetida final e a emissão da semente dentro de seu corpo levaram Legna a uma liberação vulcânica, que se manifestou em um grito exultante. Contraiu-se ao redor dele, extraíndo do Demônio mais poderoso da história o último resquício de força.

Gideon caiu sobre o corpo úmido da companheira emitindo um ruído de

contentamento e só percebeu que os dois lutavam para voltar a respirar, amando aquele som por razões nas quais nem podia pensar.

De fato, pensar estava além deles. Preocupando-se com o peso de seu corpo sobre o dela, inverteu as posições e, depois disso, não havia nada a não ser felicidade e o casal que desfrutava dela.

Isabella acordou abraçada ao marido. Sentindo sua vibração mental, Jacob abriu os olhos e se virou para fitá-la.

- Sente-se melhor?

- Muito. Sinto sua falta.

-Eu também.

- Na próxima semana, em Beltane ... Acha que dessa vez vamos conseguir concluir a cerimônia de casamento?

- Não se Gideon disser que você não pode sair desta cama.

- De jeito nenhum! Não vou esperar mais seis meses. Vamos nos casar em Beltane, haja chuva ou ... nigromantes... - De repente Isabella calou-se. Seus olhos ficaram vidrados, como se perdessem o foco, e o corpo estremeceu.

Jacob sentou-se e esperou que ela retornasse da visão.

- Vista-se - ela disse com tom firme enquanto se levantava.

- O que foi? - Jacob a segurou pelo braço, mantendo-a na cama. - O que você viu?

Por mais que participasse de todos os pensamentos da companheira, Jacob nunca tinha acesso a suas premonições.

- Não sei, eu... Eu vi vermelho. Nada além de uma mancha vermelha.

- Eu entendo, mas... por que sente que precisa sair da cama?

- Não sei. Mas é uma sensação muito forte. Por favor, não vou conseguir entender tudo isso se não me deixar seguir meus instintos.

- Gideon disse que você não podia sair da cama. Vai ter de obedecer e...

- Jacob, estou dizendo que tenho um mau pressentimento! Não vou ficar aqui esperando que algo terrível aconteça. E se for um aviso? Tenho uma responsabilidade...

- De quê? Sair por aí correndo, tentando encontrar alguma coisa

vermelha? Não vê como isso é ridículo? E é perigoso, também, para você e para nosso filho.

- Odeio isso! Há seis meses eu era mais forte do que jamais havia sido em toda a minha vida! Mais forte até que o mais poderoso Demônio transformado! Agora não posso nem sair da cama quando é necessário... - De repente ela foi interrompida por um som gutural. Sua cabeça caiu para trás com um tranco, e o corpo todo se enrijeceu com brutalidade. Jacob quase não teve tempo de ampará-la antes que ela caísse no chão.

- Bella?

A expressão vidrada estava lá novamente, mas dessa vez era diferente de tudo que já haviam experimentado antes. Ela sofria espasmos violentos, algo parecido com uma convulsão. Jacob a protegia com travesseiros enquanto pensava em como poderia conseguir ajuda. Fechando os olhos, buscou a noite lá fora, a natureza e as coisas que nela podiam ser manipuladas. Tocou a mente de um lobo. Encantou o animal, induzindo-o a contrariar o instinto natural de manter-se afastado de casas construídas por homens.

Em pouco tempo, o lobo corria na direção da casa de Noah.

Noah levantou os olhos do livro ao ouvir o som de garras arranhando a porta. Sentia a energia do animal do lado de fora, e a sensação o confundia. Ele se levantou e foi abrir a porta para o lobo, que permanecia sentado na soleira fitando-o com evidente expectativa. Havia inteligência por trás dos olhos brilhantes, uma inteligência alheia ao animal. Era possível sentir a energia residual de um Demônio da Terra na aura do lobo.

- Maldição! - ele exclamou, culpando-se por ter se deixado absorver pelos estudos a ponto de não sentir a energia atormentada e amedrontada que pairava no ar. O Demônio do Fogo se retorceu numa coluna de fumaça e desapareceu.

-Kane?

Corrine ia de aposento em aposento procurando por seu parceiro com crescente consternação.

- Kane, se está tentando pôr à prova meus poderes telepáticos outra vez, saiba que isso não é justo.

Acordara na cama vazia, o que sempre a aborrecia. Descobrira com Kane algo que jamais havia imaginado viver, e quase perdera esse tesouro antes mesmo de tê-lo inteiramente. Sabia que suas capacidades telepáticas ganhariam força e nitidez quando se recuperasse do dano que sofrera, e esperava que isso acontecesse logo, ou passaria o resto da vida sofrendo com esses testes de Kane.

Ela atravessava a cozinha quando sentiu aquele som singular que acompanhava a chegada de um Demônio teletransportado. Virou-se, esperando ver Kane, mas não havia ninguém ali. Já na sala, ainda tentava sentir o cheiro de fumaça e enxofre que seu parceiro sempre deixava no ar, quando foi empurrada por trás e jogada no chão com violência. A força do golpe deixou-a sem ar e feriu seu nariz. O tapete azul era manchado pelo sangue que jorrava de suas narinas,

- Então, druidinha ... - disse uma voz feminina de enganosa suavidade bem perto de seu ouvido. Um joelho apoiado no centro de suas costas, expulsava dos pulmões o pouco de ar que ela tinha para respirar. - Onde está aquela vadia da sua irmã quando você precisa dela?

A última coisa que Corrine pôde sentir foi sido arrastada pelos longos cabelos ruivos.

Legna acordou de repente e sentou-se, Gideon, que dormia a seu lado com um braço sobre seu corpo, assustou-se com o movimento brusco.

- O que houve, minha linda?

Ela precisou de um instante para orientar-se. Ainda não estava habituada a acordar no quarto de Gideon, depois de quase três séculos dormindo sozinha na mesma cama.

- Eu... não sei. Não entendo... Talvez tenha sido só um sonho. - Ela balançou a cabeça, tentando esconder as lágrimas causadas pelo medo.

- Escute, minha querida, as coisas não são mais como antes para você. Meu poder em você muda tudo. O tempo vai mostrar. Mas você tem de examinar suas novas habilidades, o que está acontecendo, tentar entendê-las e não sentir medo.

- Como sabe que é isso? Um novo poder e novas habilidades?

- Posso sentir, minha querida. Tenho sentido há dias. E você também,

embora não queira reconhecer.

Legna suspirou ruidosamente.

- Obrigada pelo aviso - ela respondeu irritada.

- Por nada. Se quiser, posso deixá-la sozinha para pensar e ...

- Não. Se é como está dizendo, se fez mesmo isso comigo, vai ficar aqui e participar de tudo - ela disse, impedindo-o de sair da cama.

- Fala como se isso fosse um castigo. - Gideon fitou-a com desejo. - Não há nenhum lugar onde eu queira estar mais do que em minha cama, com minha bela companheira.

- Sedutor!

- Realmente. - Ele riu, tomando-a nos braços para beijá-la. - Quanto ao sonho... Lembra de alguma coisa?

- Uma sensação estranha. Era como se eu estivesse perdendo Noah. Como se ele desaparecesse, se afastasse...

- Como uma intimação?

- Parecido, mas não era uma intimação. Eu sabia, de alguma maneira, que ele não corria esse tipo de perigo, mas não conseguia deixar de pensar que nunca mais o veria. Foi horrível, Gideon.

- Bem, parece que foi mesmo um pesadelo comum.

- Como sabe disso?

- Minha querida,. deve ter sido um sonho provocado pela ansiedade, pela mudança de casa e pelo afastamento da família, do ninho de amor e proteção onde você nasceu e cresceu. É surpreendente que não tenha acontecido antes.

- Tem certeza de que é só isso?

- Sim, e você também. Sabe tudo sobre psicologia. O que acha que pode ter sido?

- Bem, você mesmo sugeriu que podia ser um novo nível de habilidade...

- E pela primeira vez em um milênio, meu diagnóstico estava errado.

- Talvez, mas... Oh, não!

- O que é agora?

- Noah! Não está sentindo?

- Sim, ele se aproxima.
- Vista-se, Gideon! Rápido!
- Legna, não acha que seu irmão sente o que acontece nesta casa?
- Não importa. Vista-se depressa, por favor!

Antes de esperar por uma resposta, ela desapareceu numa espiral de fumaça.

Que o Destino não permitisse que Noah a visse saindo de sua cama, Gideon pensou com um suspiro resignado. A atitude de Legna com relação a essas coisas era tão... atípica de um Demônio! Ela mesma já encontrara Noah com uma ou outra parceira, várias vezes ao longo dos séculos, e nunca se incomodara. Agora estava ali com o futuro marido e tinha medo de o irmão perceber que fizera amor com ele.

O leão da montanha contornou a casa devagar, cheirando o chão e tentando identificar o que o olfato registrava. A porta estava aberta e, com passos lentos, a fêmea entrou na casa. O cheiro de sangue era forte, e ela o seguiu até encontrar a poça no tapete.

A leoa lambeu a mancha devagar, incapaz de resistir ao apelo do aroma e ao sabor. Jamais provara nada parecido antes. Era uma composição tão estranha que a deixava confusa. Havia nela um toque de poder. Nada forte, mas o suficiente para indicar que não pertencia a um humano comum.

O lugar estava tomado pelo cheiro de Demônios, e a fêmea selvagem olhou em volta. Sentia o odor residual do medo, o cheiro de hostilidade. *Algo* violento havia acontecido naquele lugar, e de repente o animal compreendia que não devia ficar ali, pois alguém podia chegar e interpretar erroneamente Suas intenções.

Ela se virou para pular pela janela, mas parou ao sentir cheiro de enxofre e fumaça. Uma nuvem cinzenta invadia a sala com violência espantosa. O Demônio que saiu dela parou repentinamente ao ver o gato selvagem se encolher numa postura típica de defesa.

Kane sentira a inquietação da parceira por um segundo, e quando o sussurro que era sua presença desaparecera do espaço minúsculo em sua mente, o medo o tomara de assalto.

Agora, ao ver a fêmea de felino selvagem e a poça de sangue, ele

percebia que o medo dava lugar à fúria e à dor. O cheiro de sangue era de sua parceira, e sabia que ela estava ferida e correndo grave perigo. Com os punhos cerrados e os olhos escuros iluminados por um brilho feroz, ele avançou contra o animal.

A leoa retrocedeu, olhando em volta como se procurasse por uma via de fuga. Sua decisão foi rápida, provavelmente gerada pela constatação de que jamais poderia escapar de um Demônio capaz de teletransportar-se. O felino começou a tremer, e o sino em seu pescoço chamou a atenção do Demônio. Era incongruente que um animal selvagem usasse uma coleira. Ou um colar? O gato continuava tremendo. A cada movimento seus pêlos iam se transformando em longos caracóis dourados.

Em poucos momentos Kane se viu diante de uma mulher de olhos dourados. Nua, exceto pelo colar, ela ergueu o corpo até atingir sua estatura natural. E ela era alta. Os cabelos longos escondiam a maior parte de sua nudez, mas a fêmea de licantropo não parecia estar incomodada com isso. Toda a sua atenção estava voltada para o Demônio.

- Meu nome é Siena. Sou a rainha dos licantropos. - Sabia que estava lidando com uma criatura resistente a suas habilidades de sugestão, mas era melhor acalmá-lo mesmo assim. - Vou permitir que entre em minha mente e verá que não sou responsável por isso.

A rainha dos licantropos? Em sua casa? Kane quase gargalhou do absurdo de tal alegação. Mas conhecia aquele colar. Podia ser uma imitação, mas ouvira falar sobre a complexidade do trabalho. Vira desenhos. A peça era supostamente única, impossível de ser copiada. Mas como poderia reconhecer a diferença entre uma falsificação, mesmo que grosseira, e o colar verdadeiro?

Siena oferecia a solução perfeita. Apesar da enraizada desconfiança pela espécie dos licantropos, ele mergulhou em sua mente. A rainha não impunha barreiras, dando a ele uma liberdade que podia ser perigosa para alguém que comandava toda uma espécie. Se quisesse, Kane teria acesso a muitos segredos. Mas respeitava a consideração representada pela oferta, e por isso atinha-se a memórias recentes.

Siena encontrara a mesma cena que ele vira ao chegar.

Podia reconhecer imediatamente uma farsa. E não era uma farsa. Ela não mentia. Siena dizia a verdade, e seus pensamentos eram prova disso.

- O que a traz a minha casa, Alteza? - Kane perguntou com polidez automática, uma cortesia inesperada, considerando seu estado de aflição. - O que sabe sobre o que aconteceu aqui?

A rainha de cabelos dourados cobriu-se com uma manta que retirou da poltrona mais próxima. Depois, protegida e composta, ela se sentou.

- Eu seguia o rastro de um grupo de nigromantes. Não sabia que esta casa pertencia a um Demônio até entrar nela, aparentemente tarde demais. Peço desculpas por isso. Se eu soubesse que eles planejavam atacar alguém de Sua casa, não teria me mantido entre as árvores. - Siena cruzou as pernas como se vestisse um manto de ouro e seda, não uma velha manta tecida pela mãe de Kane muito tempo atrás. - Só consegui ver quatro deles reunidos lá fora. Eram quatro mulheres. Nenhuma delas entrou aqui. Ficaram esperando lá fora por alguns minutos. Agora entendo que montavam guarda enquanto alguém invadia sua casa. Como conseguiram fazer tal coisa sem meu conhecimento é algo que pode ter inúmeras explicações. Tudo que sei é que nenhum praticante de magia negra entrou aqui.

- Então, como? ... - Kane passou uma das mãos na cabeça. - Caçadores? Eles não usam magia, e Corrine não é forte o bastante para uma druidesa. Teria sido fácil dominá-la.

- Ah! Uma druidesa! Agora tudo faz mais sentido. Não consegui reconhecer seu cheiro. Nunca soube qual era o cheiro de um Druida. Detecto um forte traço humano, mas nitidamente alterado. Como o de um mutante. Suponho que isso significa que Sua druidesa é meio humana, não?

- Sim. E você não foi capaz de reconhecer o que ela é?

- Peço desculpas mais uma vez. A combinação é muito nova para mim. Mas arrisco dizer que os invasores de sua casa sabem quem e o que ela é.

- Tenho de ir. Preciso encontrar meu irmão - Kane disse ansioso, afastando-se um passo para tentar controlar o medo e a preocupação por sua adorada parceira.

Siena sentia nitidamente suas emoções. A afinidade com os animais dava a ela a capacidade de captar os instintos que se misturavam ao verniz de civilização nos Demônios.

- Vou ficar aqui e tentar descobrir mais alguma coisa - ela disse, usando o tom hipnótico da voz para ajudá-lo a se acalmar e reencontrar o próprio

centro. - Ninguém mais passará por essa porta sem prestar contas a mim.

A declaração o ajudou. Cheio de determinação, Kane teletransportou-se para a casa de Noah.

Noah e Gideon apareceram momentos antes de Kane surgir na sala, e só tiveram um momento para olhar para o visitante antes de Legna e Elijah também aparecerem. Gideon correu a amparar a companheira, que estava pálida pelo esforço de teletransportar Noah, ele mesmo e ainda ir buscar Elijah, teletransportando-se com ele até onde o grupo se reunia, na casa de Kane.

Gideon acomodou-a em uma poltrona e segurou suas mãos trêmulas entre as dele. Todos olhavam para a rainha dos licantropos.

Ela estava em sua terceira forma. Com corpo de humana, tinha a pele recoberta por longos pêlos dourados, bigodes de gato, orelhas pontudas, olhos dourados e puxados, pupilas ovais, garras e cauda. Sentada em uma cadeira com as pernas cruzadas, a manta, agora desnecessária, dobrada a seu lado, ela movia a cauda sedosa que se enroscava em suas pernas.

Siena levantou-se ao ver Noah, inclinando a cabeça numa demonstração de respeito. Os olhos dourados estudavam o ambiente com atenção. Primeiro a companheira de Gideon, depois o gigante loiro ao lado do rei, alguém que, sabia, já conhecia de nome. Nunca o encontrara pessoalmente, mas ele era uma lenda entre seu povo. Elijah, o capitão de guerra do Demônio rei.

A descrição era clara. Alto, musculoso, loiro, uma verdadeira encarnação de Apolo, o deus grego do Sol. Os olhos verdes eram os de um lutador experiente e calejado. Mas era a palpável desconfiança que ele enviava em sua direção que confirmava sua identidade. Esse era o exato sentimento que esperava de um homem que havia passado séculos matando representantes de seu povo para proteger o dele.

Mas Siena estava mais interessada em Noah.

- É uma honra finalmente conhecê-lo, Noah.

- Siena. - Ele se curvou respeitoso. - Há muito desejava conhecê-la também.

- Parece que estávamos ambos esperando que o outro tomasse a iniciativa. Lamento que finalmente nos tenhamos conhecido em circunstâncias tão trágicas.

Noah assentiu. Enquanto isso, Elijah se movera para a área do atentado. O guerreiro tocou a mancha de sangue seco, cheirando-o para certificar-se de que pertencia mesmo a Corrine.

- Não podemos contar nada a Bella. Isso poderia matá-la - ele alertou tenso. Não vamos dizer nada enquanto não soubermos o que aconteceu com ela.

- Bella vai descobrir tudo por conta própria. E não vai demorar - Noah comentou preocupado. - Com aquela visão...

- Assim que terminarmos aqui, eu voltarei e a induzirei ao sono - disse Gideon. - Nesse estado, Bella não terá consciência de nada. Além do mais, temos de fortalecê-la e prepará-la, caso tenhamos de dar a ela alguma notícia terrível.

- Não vamos dar notícia terrível a ninguém - Kane reagiu furioso. - Corrine será encontrada e trazida de volta para mim, mesmo que eu tenha de vasculhar pessoalmente cada recanto do planeta. E o Destino que ajude aqueles que a tiraram de mim!

- Tudo a seu tempo - Noah concordou. - Cuidaremos disso juntos. Todos nós. Mas temos de começar pelo básico. Por exemplo, por uma explicação de sua presença aqui, Siena.

- É claro. - Ela se levantou. - Se me apresentar a sua gente, terei o grande prazer de dividir com eles meu conhecimento.

- Peço que me desculpe. Já conheceu Kane, suponho. E este é meu capitão de guerra, Elijah. Já conhece Gideon, nosso médico, e sua companheira, minha irmã Magdalegna.

- Muito bem, começarei meu relato. - Siena dedicou um momento a encarar com firmeza o gigante loiro e ameaçador à sua esquerda, depois fitou os outros Demônios reunidos na sala. - Depois da visita de Gideon - a rainha dos licantropos começou. - Tomei providências eu mesma para que minha elite pessoal se envolvesse na investigação desse crime imperdoável contra sua Defensora. Vários disseram ter encontrado seu adepto e corajoso guerreiro. - Ela apontou para Elijah com a mão bem cuidada e elegante. - Porém, como expliquei a Gideon, nós, as vítimas mais freqüentes da perseguição humana, temos mais informações sobre essa rede de mortais.

- Sua ajuda é muito generosa - disse Noah -, considerando que enviamos

Gideon ao seu encontro levando apenas nossas suspeitas.

- Eu teria feito o mesmo - respondeu a rainha. - Bem, minha elite retomou há alguns dias com relatos tão intrigantes que senti necessidade de averiguar a verdade pessoalmente. O que encontrei foi um grupo militante de colaboração única, um grupo que consistia de humanos dotados de poderes incomuns e outros totalmente desprovidos de poderes.

- Espere um minuto... Está falando em nigromantes e caçadores atuando juntos? - A idéia era chocante para todos. Como dois grupos tão distintos conseguiam se encontrar? O que podia fazer duas facções tão preconceituosas e vingativas colaborarem uma com a outra?

- Estou falando de feiticeiras e caçadoras. Mulheres.

- Mulheres? - Elijah repetiu perplexo.

- Exclusivamente.

Noah balançou a cabeça confuso.

- Não entendo. Não pensei que o gênero tivesse alguma importância.

- Às vezes tem - disse Siena. - Quando minha generala de elite começou a ouvir rumores sobre o grupo, ela se infiltrou rapidamente. Desde então, tem percebido que se trata de um grupo altamente poderoso e de organização mais complexa do que se pode esperar, considerando que é formado por poderosos usuários de magia que se insurgiram. Minha investigação comprovou que eles estão se reunindo desde muito antes de vocês perceberem a volta dos praticantes de magia. Mas acho que a especificidade e a coalizão desse grupo feminino é muito mais recente. Ainda há um certo sentimento de novidade nele. As expectativas são elevadas. Alguma coisa aconteceu para reunir essas mulheres, algo muito específico. A magia dos nigromantes é muito poderosa. Não estamos lidando com amadores. Por outro lado, questiono a perícia de cada um deles, considerando que são mortais. De qualquer maneira, minha Elite relata histórias de poder e encantamentos como jamais se ouviu antes. E eles só passaram despercebidos por tanto tempo porque minha generala escolheu espiões híbridos.

- Híbridos? - estranhou Kane.

- Sim, metade licantropos, metade humanos - Elijah explicou.

- Não sei se percebo a diferença...

- Um licantropo híbrido não pode adotar a forma licantrópica ou animal.

Eles existem apenas na forma humana. Parecem humanos, têm cheiro de humano e levam uma vida confortável circulando pelos dois mundos, coisa que nós, licantropos puros, não podemos fazer. A distinção é que um híbrido adquire todos os sentidos e habilidades da forma animal que poderiam adotar, caso fossem puros. Por exemplo, podem enxergar no escuro como um felino, e têm olfato apurado, garras retráteis e assim por diante - explicou Siena.

- Viver assim no limite entre duas raças permite que eles ajam sem serem detectados. É quase magia -- acrescentou Elijah.

A rainha olhou para o guerreiro com interesse.

- Sabe muito sobre nós.

- Menos que gostaria de saber - ele confessou.

Siena o encarou em silêncio por um instante antes de voltar a falar.

- As fêmeas híbridas infiltraram-se no grupo disfarçadas de caçadoras. Não é pouco, considerando o odor que é emanado por um grupo tão numeroso de feiticeiros. Mas minha generala, Anya, logo começou a ouvir relatos sobre um ataque perpetrado contra uma fêmea humana que se deitara com um Demônio e engravidara dele. Não foi difícil deduzir que falavam de sua Defensora. Decidi acompanhar Anya à reunião seguinte, mesmo correndo o risco de ser descoberta, e constatei que elas estavam muito bem informadas. Conheciam detalhes sobre seu povo que nem mesmo meu pai e seus espiões conseguiram descobrir em séculos de guerra.

- E como essa investigação a levou à casa de Kane? - Noah quis saber.

- Eu estava presente quando um grupo recebeu ordens para "cumprir sua tarefa". Não sabia o que era, mas achei que devia segui-las. Foi o que fiz.

- Mas algo ainda não ficou claro - disse Legna. - Você viu alguma coisa cujo significado não compreendeu.

- É possível. De que suspeita?

- Emoção. Senti forte emoção. Não foi um ataque aleatório.

- Evidente que não - concordou Elijah. - Corrine tem algo que a diferencia de todos nós. Uma ligação com alguém...

- Isabella! - Noah exclamou. - Ela é irmã de nossa Defensora!

- E estava mais acessível - acrescentou o guerreiro. - Se sabem tanto sobre nós, é evidente que sabiam que ela tardava a se apoderar de suas habilidades de Druida. Está vulnerável, fraca... Era presa fácil.

- Nesse caso, talvez possam entender melhor... _ Siena começou hesitante. - Um agente reportou que uma das líderes do grupo havia ficado furiosa com o fracasso do primeiro ataque. Ela ameaçava todos que haviam fracassado na tentativa de destruir o "bastardo demônio" e a "meretriz que o reproduzia",

- Bella e o bebê - sugeriu Noah.

- Não - Legna discordou. - A fúria não faz sentido.

Tenho conhecimento do alcance do temperamento desses fanáticos, mas esse tipo de raiva sugere uma ligação íntima. Vamos examinar todo o panorama - ela sugeriu séria, tocando as têmporas num esforço para concentrar-se. - O ataque contra Bella não foi um ato aleatório de violência, nem mesmo um ato eficiente e motivado por algum fator específico. Se quisessem mesmo destruí-la, poderiam ter conseguido com um disparo de rifle. Os humanos não têm nenhuma dificuldade para usar essas armas. Por que correr o risco de se aproximarem dela? Se a queriam morta, por que não acabaram com tudo rapidamente? Por que os ferimentos dolorosos, o ataque contra o bebê...

- Sofrimento - Gideon deduziu.

- Exatamente. Queriam que Bella sofresse antes de morrer. Assim, teriam feito Jacob sofrer. Vingança... Queriam que Jacob a encontrasse morta, e teria sido assim, se eu não houvesse ido visitá-la. Vingança contra Jacob.

- Vingança - Noah repetiu com um brilho novo no olhar.

-Ruth!

- Sim - Gideon concordou. - Isso explicaria tudo, inclusive o vasto conhecimento que os híbridos têm sobre nós.

- Ruth ... - Noah repetiu. - Ela é intratável, mas... traição?

- Ela culpa Jacob por todo o sofrimento da filha. A jovem perdeu aquele que teria sido seu parceiro Druida. Imagino que a própria Ruth tenha entrado na casa depois de Bella ter caído inconsciente. Sabia que a dor anularia os poderes da druidesa, e comandou pessoalmente o ataque para...

- Para afetar também o feto e concluir sua vingança deduziu Elijah.

- Ruth deve ter encontrado um meio de interromper a comunicação entre os pensamentos de Bella e Jacob - Gideon contou. - Por isso ele não sentiu o problema até Legna entrar em cena.

- Isso tudo não é óbvio demais? - indagou Elijah. Ruth não é estúpida. Ela sabe que chegaríamos ao fundo disso e desconfiaríamos de qualquer um que tivesse a mais sutil atitude de hostilidade contra Bella e Jacob.

- Exatamente. E agora deve estar imaginando que vamos excluí-la da lista dos suspeitos justamente por essa evidente hostilidade - disse Noah. - Mas há o ímpeto desse ataque mais recente, e isso faz nossas suspeitas contra ela se tornarem ainda mais plausíveis. Ela foi recentemente excluída do Conselho em uma votação.

- O quê? Quando isso aconteceu? - perguntou Kane.

- O Conselho votou há três dias sem a presença de Jacob e Bella. Não publicamos a decisão para poupar Ruth da humilhação.

- Devo informá-lo de que essa abdução não foi o único plano que essa mulher pretendia pôr em prática - Siena contou a Noah. - As humanas estão planejando mais uma vingança contra aqueles que presumimos ser seus Defensores. E isso, Kane, é o que me leva a crer que sua companheira não está morta. Se quisessem matá-la, já o teriam feito sem tirá-la de casa. Esse sangue é realmente incidental. Suponho que a tenham raptado. De posse de Corrine, elas passam a ter mais poder sobre vocês. Não sei o que esperam obter com isso, mas não pode ser nada de bom. Temos de resgatar Corrine para anular esse poder que elas têm agora. Só há um curso de ação a seguir. Se me permitem ajudar...

- Aceitamos de bom grado qualquer ajuda - Noah respondeu, impedindo o protesto iminente de Elijah.

- Temos de vasculhar o ambiente daquelas mulheres e tentar localizar Corrine. Porém, as únicas criaturas que podem passar despercebidas por elas são outras híbridas como Anya, eu e... Legna.

- Eu?

- Sim. Você pode iludir e alterar a percepção, brincar com a mente daquelas mulheres de forma a nos permitir amplo acesso ao que pensam.

- Se é assim, por que não posso simplesmente me teletransportar e encontrá-la eu mesma? Posso extrair imagens mentais de...

- Não. Estamos falando de um lugar composto por cavernas subterrâneas. Não sei onde ela pode estar, e é possível que seu teletransporte a ponha bem no meio de uma reunião de nigromantes. Creio que a única

maneira de encontrá-la é aproximar-se o suficiente para sentir seus pensamentos e emoções. E isso só vai acontecer se entrar pela porta da frente, digamos assim.

- Eu sentiria os pensamentos e as emoções de Corrine - Kane manifestou-se frustrado.

- Sim, mas seria óbvio demais como único homem no lugar. Anya e eu já somos conhecidas delas. Não vão suspeitar de nós enquanto ajudamos Legna a localizar sua companheira. E quando a encontrarmos, Legna nos teletransportará de volta em segurança.

- Sei que posso ocultar nossa presença e nossa fuga - Legna declarou.

- De Ruth? - Noah balançou a cabeça. - Legna, ela praticamente inventou o que é ser um Demônio da Mente fêmea. Foi a primeira e é a mais forte.

- Mas Legna não é mais um Demônio da Mente comum - explicou Gideon. - Ela está desenvolvendo poderes e habilidades. Você mesmo viu, Noah.

- Desenvolvendo... Essa é a palavra-chave. Se elas forem detectadas, perderemos não só a única vantagem que temos, como essas outras mulheres também.

- Duvido - argumentou Gideon. - Sei que estamos lidando com inimigos poderosos que não devem ser subestimados, mas jamais conheci um nigromante capaz de controlar o teletransporte de um Demônio que não está sob o controle de um pentagrama. Nem Ruth é capaz disso.

- Então, não há mais o que discutir - Legna decidiu. Vamos procurar Corrine na fortaleza dessas criaturas. Depois do resgate, poderemos pensar no próximo ataque planejado por elas.

- E se ela não estiver lá? - quis saber Kane.

- Por que não estaria? - perguntou Siena. - Elas não têm razão para suspeitar de que estamos atrás dela e conhecemos seu esconderijo.

- Está acertado, então - disse Gideon. Não gostava da idéia de Legna se expor ao perigo, mas estaria constantemente em seus pensamentos. Poderiam socorrê-la em caso de necessidade.

- Todos os membros do Conselho conhecem o rosto da irmã do rei - disse Noah.

- Vou usar meus poderes para alterar a aparência de Legna e diminuir a

chance de reconhecimento - sugeriu Gideon.

- Excelente. De quanto tempo precisam? - Siena perguntou ao médico.

- Pouco.

- Mas eu preciso de tempo para descansar - protestou Legna. - Estou esgotada.

- Não temos esse tempo - disse Kane.

- Tem razão. Duas horas, então. Com um pouco de energia de Noah e os poderes de cura de Gideon, só terei de meditar um pouco para estar pronta.

- Ofereço minha ajuda nessa empreitada não só por boa vontade, mas porque sinto que o poder dessas mulheres é perigoso para a segurança de meu povo - Siena relatou meia hora mais tarde. - O que vai fazer com as informações que trouxe sobre a traidora é problema seu, Noah. Sei que tem seu próprio sistema de justiça. Só o previno sobre a necessidade de estarmos sempre juntos nisso. Se, no futuro, decidir enviar seus espiões à fortaleza dessas mulheres, não esqueça de me informar. Meus licantropos vão desbaratar esse grupo assim que for possível, e odiaria ferir acidentalmente um Demônio guerreiro. Vivemos um momento em que é indispensável a manutenção de embaixadores. Minha corte receberá de bom grado qualquer Demônio de sua escolha.

- Só há um a quem eu poderia confiar essa missão, mas vai ter de esperar pela decisão de Magdalegna antes de ter minha palavra definitiva.

- Excelente escolha. Não sei por que não pensei nela antes. De minha parte, tenho em mente uma fêmea muito especial. O nome dela é Myriad. Será uma excelente embaixadora em sua corte. Ela é destemida, forte e confiante, e também é híbrida, o que facilita a convivência com criaturas de outras raças.

- Quando esse problema mais urgente for resolvido, mande-a até mim. A própria Legna lhe dará a resposta sobre ser embaixadora em sua corte, depois de ouvir minha sugestão. Quanto ao nosso sistema de leis, mencionado por você anteriormente, devo dizer que ele antecipa a absolvição de atos perpetrados em legítima defesa. Estou dizendo isso por que é possível que seja solicitada a participar da destruição sumária dessa traidora, caso ela ofereça perigo a você ou Legna, e deve compreender que não a acusaremos de crime algum, caso isso aconteça. Paz é importante para o seu povo e o meu, e

devemos ser sempre francos para preservá-la. Sei que hesitaria em defender-me de um licantropo hostil nesse momento, porque odiaria pôr em risco a paz conquistada com tanto sofrimento.

- Entendo o que diz, Noah, mas não antevejo batalhas como parte dessa missão. Estamos falando de um grupo muito numeroso. Não teríamos nenhuma chance de vitória em caso de confronto direto.

- Vamos estar por perto. Gideon, Elijah e eu estaremos monitorando vocês, protegendo a retaguarda em caso de necessidade.

- E nós vamos fazer tudo que for possível para evitar problemas. Vai haver um tempo para a batalha, porque, infelizmente, esse é um tema recorrente na nossa história. Se me permite falar com liberdade, Noah...

- Sim?

- Sei que está preocupado com o relacionamento de Gideon e sua irmã.

- É uma situação delicada. Gideon é respeitado e poderoso ...

- Sim, eu sei. E sempre quis saber como um Demônio de tantas habilidades foi capturado por meu pai. Agora entendo que você o enviou ao sacrifício como parte de uma missão.

- A idéia foi de Gideon, não minha. Ele era o único que poderia ter ido. Como Demônio do Corpo, ele não tem habilidade natural para a fuga, como a capacidade de teletransportar-se, por exemplo, por isso defendeu a tese de que seu pai ficaria tranqüilo o bastante para mantê-lo preso. Seu pai sabia que Gideon não poderia fugir com informações que nos teriam beneficiado, e ainda gozava da vantagem de ameaçar destruí-lo, o que nos mantinha em suas mãos.

- Meu pai foi tolo. Ele nunca se deu ao trabalho de investigar as de seu importante prisioneiro, ou saberia que Gideon podia realizar a projeção astral. Quando eu soube compreendi que vocês poderiam ter nos destruído completamente. Teria sido um genocídio, mas vocês pouparam meu povo. Foi então que comecei a mudar meu ponto de vista sobre o seu povo.

- Gideon era um veterano da arte da guerra. A prioridade dele sempre foi maneiras de evitar o conflito. Ele sempre acreditou na sua inteligência e em como se opunha à de seu pai. Sem esses importantes fatores, ele jamais teria sugerido a infiltração de um Demônio como prisioneiro, especialmente sendo ele o escolhido para a missão.

- Mesmo assim, foi um risco. Um grande perigo.

- Seu pai estava no campo de batalha. Você estava no comando da corte. Sabíamos que acabaria falando algumas vezes com seus prisioneiros. Esperávamos que, em uma dessas ocasiões, Gideon encontrasse a chance de iniciar o processo de compreensão e tolerância que nos levaria à paz.

- Os cinco anos que ele passou em nossa corte causaram impacto em ambos os lados, mas ainda me pergunto... Noah, é claro que confia em Gideon, Confia nele o suficiente para ter depositado o futuro de sua raça e da minha. Então, por que se opõe à união de Gideon com sua irmã? Por que não o quer na família?

- Não é uma questão de confiança ou vontade. Temos aqui uma situação complicada. Há elementos envolvidos, coisas que podem tornar essa união dolorosa para minha irmã.

- Entendo, A raiz de sua apreensão está no amor que sente por sua irmã. É espantoso...

- O quê?

- Cresci ouvindo histórias sobre a selvageria dos Demônios, sobre como foram bárbaros na guerra contra os Druidas e em outros confrontos, mais depois de conhecer Gideon e seu elevado padrão de moral, compreendi que nada disso era verdade. Foi sábio ao confiar aquela missão ao seu melhor súdito. Não perca de vista essa sabedoria, Noah. Não agora.

- Entendo. - Noah respirou profundamente. – Está correta, Siena. Mas, nesse momento, creio que devemos tratar dos detalhes da troca de embaixadores.

- Antes, estive considerando algo... Acho que devemos promover uma reunião social antes da troca de nossos diplomatas. Relaxados, todos começarão a integração no mesmo estilo casual que mantemos aqui.

- Excelente idéia. Proponho Beltane. Haverá um festival, casamentos e competições esportivas.

- Sim, será uma oportunidade inigualável. Talvez eu possa sugerir algumas coisas que costumamos fazer em Beltane para fazer da ocasião um evento de verdadeira aproximação.

- É claro. Por favor. Vamos discutir isso agora.

Capítulo V

Gideon aproximou-se de Legna sem fazer barulho, temendo perturbá-la com algum ruído enquanto, sentada, ela meditava profundamente. Podia sentir a ordem que ela atribuía à própria mente, a objetividade que usava para catalogar a nova infusão de poder a que estava se habituando.

Meditando como estava, ela mantinha distante tudo que fosse estranho ao foco de sua aproximação do território inimigo. Ela tinha um controle perfeito que se estendia a tudo que fazia parte de sua vida e de sua essência.

Tudo, exceto, talvez, a beleza. Melhor ainda, Gideon pensou. Agora essa beleza estava em sua casa, o lugar onde ele havia passado tantos séculos sozinho, sem nunca perceber realmente o que estava perdendo. Percebeu nesse momento, quanto a paixão que sentia crescia a cada instante, cada minuto que passavam juntos. Mesmo essa união estranha que alguns podiam chamar de isolamento, quando ela estava totalmente dedicada às próprias tarefas e ele às dele, servia de exemplo. Sim, sua tarefa nesse momento se resumia a observá-la e registrar todos os detalhes da beleza, interna e externa de Legna. Ela era dona da pele mais perfeita do mundo, luminosa mesmo nos momentos de exaustão, como agora. O cabelo cor de café era como um manto sobre suas costas, emoldurando a silhueta tentadora. Olhar para ela era suficiente para reacender a chama que o atormentava nos últimos tempos.

- Está me distraindo - ela sussurrou abrindo um olho.

- Desculpe - Gideon respondeu com um sorriso maroto. - Vou tentar me conter.

- Faça isso. - Ela riu, fechando novamente os olhos.

Ele não se afastou, mas tentou conter os pensamentos mais perturbadores. Não era fácil. Os olhos insistiam em buscá-la, sorvê-la... Percebeu uma marca encantadora no peito do pé esquerdo de Legna, e a descoberta o fez sorrir. De alguma forma, havia deixado de notar o sinal em sua meticulosa análise de cada milímetro do corpo que tanto o encantava.

- Gideon! - ela o censurou com tom brincalhão.

Ele riu, encobrindo o sorriso com uma das mãos. Legna conseguia manter os próprios pensamentos afastados dos dele, mas não conseguia ignorar as imagens mentais que ele projetava mesmo sem querer. Isso o fez

pensar em divertir-se um pouco.

Enquanto considerava as possibilidades, sentiu uma sinistra alteração no ambiente. Quieto, tentou identificar a origem da estranha sensação que experimentava. Era fria, paralisada, e continha um nível emocional profundo demais para pertencer a ele.

Legna era a única fonte possível. De repente ela abriu os olhos e o fitou, mas não parecia enxergá-lo de fato. Gideon franziu a testa, tentando penetrar nos pensamentos da parceira, mas as barreiras que cercavam sua mente e o distanciamento necessário à meditação o mantinham no escuro.

- Legna? - ele chamou com voz suave, abaixando-se para colocar-se no nível de seus olhos e atrair sua atenção.

Tinha consciência agora da sutil vibração que a cercava. Estendendo a mão, buscou analisar a química corporal para definir o que ela sentia.

Era medo. Um medo que congelava e solidificava, algo como nenhum dos dois jamais havia concebido. A adrenalina que a inundava causava o caos em seu biorritmo, tanto que Gideon não sabia por onde começar a ajudá-la a se acalmar.

- Legna? O que é isso?

- Mamãe...

Agora era ele quem se sentia tomado pelo terror. Precisava raciocinar, mas era impossível. Não tinha idéia de como ela conseguia lembrar aquele dia. No momento em que mais precisava, não tinha acesso à mente de sua amada. Tudo que podia fazer era ficar ali parado, sentindo a dolorosa opressão no peito, tomado pelo terror que emanava dela e se misturava ao dele.

Não precisava de novos níveis de conhecimento ou de mais poder para lembrar aquele dia. Para ele, tudo era claro como o mais fino e puro cristal.

O dia terrível em que, erguendo os olhos de onde estava a mãe de Legna, ele se deparara com o rosto assustado da menina de quatro anos, com os olhos aturdidos que viam o que nenhuma criança jamais deveria ver.

Ela via o corpo mutilado da mãe, e sobre ele um Demônio encharcado de sangue apertando a mulher sem vida contra o peito.

Teria sido impossível fazê-la entender que um médico está sujeito a limitações. Não havia como explicar como uma mãe linda e amada poderia terminar daquela maneira. Na época, com mais de sete séculos de vida, ele

também não conseguira entender. Aquela fora a primeira vez que Legna o vira. A lembrança do pavor no rosto infantil o perseguira pelos duzentos e cinqüenta anos seguintes. Aquele momento o mantivera afastado dela, mesmo sabendo que ela era sua metade, sua parceira pela marca.

Gideon ergueu o rosto molhado por lágrimas de pura agonia. Pedia por um milagre. Sabia que estaria destruído no momento em que ela deixasse de amá-lo, no momento em que passasse a culpá-lo por sua incompetência, pelo fracasso em salvar aquela vida.

Ouvia os soluços de Legna. Sabia que ela chorava, mas não tinha a coragem necessária para encará-la. Sentia a própria alma se rasgar, arrancada de seu corpo pouco a pouco a cada lágrima vertida daqueles olhos.

Quando ela saltou sobre seu corpo e agarrou seu pescoço, Gideon estava preparado. Mas não tentou combatê-la. Não tinha esse direito.

Ele levou um minuto para perceber que Legna o abraçava, em vez de estrangulá-lo. Entorpecido pelo choque e por uma insuperável confusão, ele não se permitia ter esperança, por isso não correspondia ao abraço. Foi também nesse momento que ele percebeu que já havia começado a crer que nunca mais voltaria a tocá-la, o que fez daquele contato uma espécie de cura milagrosa.

- Legna - Gideon murmurou com voz rouca e emocionada. - Oh, Legna! Eu sinto muito!

Ela não disse nada. Apenas soluçava como se tivesse o coração partido. Gideon não tentava contê-la. O momento de luto tardara quase três séculos a chegar, e agora era hora de vivê-lo sem reservas.

Queria fazer um milhão de perguntas a Legna, mas não era o momento para isso, nem cabia a ele a missão de esclarecer tão dolorosa situação familiar, por isso se manteve calado. Envolvendo-a com os braços, tentou confortá-la como podia com o calor do próprio corpo. Enquanto afagava os cabelos úmidos pelo esforço do pranto convulsivo, ele repetia palavras doces de amor e compreensão. Legna mantinha o rosto apoiado em seu ombro. Os soluços sufocados lembravam os gritos de dor de um animal ferido.

Quase uma hora mais tarde, totalmente esgotada pelo pranto convulsivo, Legna adormeceu soluçando. Gideon não se movia. Ainda estava no mesmo lugar, sustentando-a nos braços. Ele a deixou descansar, ignorando o próprio

conforto. Nada o faria mais confortável do que sentir o calor da mulher que amava.

Quando acordou, cerca de uma hora mais tarde, ela o fitou com ar triste e tocou-o no rosto.

- Esteve chorando - disse com a voz embargada pela emoção.

Ambos entendiam que ela não falava sobre o presente, sobre aquele instante, mas sobre o dia horrível e trágico que ficara no passado.

- Sim, meu amor - Gideon confirmou com simplicidade.

- Por que chorou por minha mãe?

- Porque ninguém devia morrer daquele jeito. Porque minha habilidade foi insuficiente. Havia sido padrinho dela, como fui para seu irmão, e destruiu-me constatar que não fui capaz de prepará-la adequadamente. Ela nem sabia se defender!

- Isso não é verdade. Meu irmão só se tornou o homem e o rei que é hoje porque você foi seu padrinho. Ninguém teria feito melhor, e sei que também foi muito bom para minha mãe.

- Eu era mais velho quando assumi a responsabilidade de ensinar Noah. Foi diferente.

- Mamãe era um Demônio do Corpo. E fêmea. As criaturas menos poderosas da nossa sociedade.

- Eu sei. Por isso ela foi escolhida pelo assassino. Ele sabia que não haveria chance de defesa. Mas se eu a houvesse treinado melhor... Se houvesse...

- Foi você que a encontrou?

- Pouco antes de você, minha querida. Tive a sensação de que me tornaria uma pedra quando me virei e a vi ali parada, olhando para mim como se eu fosse uma criatura saída diretamente do inferno.

- Você e Noah alteraram minha memória?

-Sim.

- Por que não me contou antes?

- Porque fiz uma promessa a Noah. E a cumpri enquanto foi possível, minha linda. Espero que não o culpe por isso.

- Não. Eu não ousaria. Ele me protegeu durante toda a minha vida, e

isso não é diferente. Não seria quem sou se ele não houvesse feito o que fez. Agora entendo por que ele ficou tão perturbado quando soube que estávamos marcados. Ele e Hannah suspeitaram de que isso acabaria acontecendo. E você também esperava...

- Sim. - Gideon engoliu o nó que se formava em sua garganta. - Eu não sabia o que esperar. Não sabia se seria melhor descobrir tudo antes... ou depois de fazermos amor. Tive medo de que se sentisse abusada, ou de que se afastasse de mim por pensar que...

- Gideon, não! Conheço você como conheço a mim mesma. Como pode imaginar que eu o julgaria culpado de um ato tão monstruoso? Tenho medo de qualquer coisa que possa me afastar de você.

- Já disse que não vou sair daqui. Meu lugar é a seu lado. Meu coração vive no seu, minha alma vive na sua. Amo você, Gideon. Precisa acreditar nisso, e deve acreditar também que merece o meu amor.

- Jamais serei merecedor de sentimento tão puro e nobre, mas passarei o resto dos meus dias me esforçando para isso. Amo você, Legna, como nunca amei ninguém em toda a minha vida. Você é a verdadeira fonte do meu poder, porque, sem você, sou fraco e impotente.

- Meu amor, só preciso saber uma coisa, e depois disso nunca mais voltaremos ao assunto.

- Sei o que vai perguntar. - Gideon respirou fundo. O temido momento havia chegado, e ele precisou reunir forças para revelar o que ela queria saber. - Ele, como você, foi o único Demônio a voltar de um pentagrama de intimidação. Pensamos tê-lo salvado em tempo. Quando percebemos nosso erro, quatro mulheres estavam mortas. E sua mãe era uma delas. Jacob acabou por executá-lo, mas isso não serviu de compensação. Houve um tempo em que pensei que Noah jamais se recuperaria.

- Agora entendo por que ele se tornou tão obsessivo por minha proteção nesses últimos meses. A intimidação deve ter despertado lembranças horríveis. Finalmente compreendo por que ele nunca discutiu esse assunto comigo. Ele temia que a tensão pudesse libertar o que vocês haviam represado dentro de mim. E como se não bastasse, ele foi forçado a aceitar nossa aproximação... Hannah também temia por mim.

- Eles a amam, minha querida. Muitos aqui a amam. - ele disse, beijando

o topo da cabeça de Legna e acariciando os cabelos sedosos. Havia no gesto afeto e propósito, e ele fechou os olhos e se concentrou enquanto os acariciava. Segundos depois, tomou nas mãos todo o volume de cabelos castanhos.

Legna sentiu a reação no couro cabeludo e recuou para poder observar o que ele fazia. Foi com um misto de choque e tristeza que ela viu as madeixas mais curtas, e os cabelos cortados caídos no chão em torno deles.

- Diga que pode consertar isso mais tarde - ela exigiu nervosa.

- Amor, já fiz seu cabelo crescer do nada depois de ter sido gravemente queimado. Posso consertar qualquer coisa.

- Exibido - ela respondeu aliviada, notando que a tonalidade também havia mudado. - Como mudou a cor?

- Usei uma habilidade rudimentar de química de pigmentação, só para ver como ficaria. Pronto, já tem aí novamente seu cabelo cor de café. E isso é só o começo do que posso fazer com relação à estética. Quer um espelho para acompanhar a brincadeira?

- Não, obrigada. E também não tenho nenhuma intenção de mudar, apesar dos meus olhos inchados. Se você jura que vai ficar comigo para sempre, não preciso me modificar para agradar a mais ninguém.

- Serei seu para sempre - ele afirmou sem hesitação. - E quanto aos olhos inchados, eles terão desaparecido assim que eu concluir meu trabalho.

- Lembre-me de parar se perceber que estou tocando meu rosto - Legna disse a Siena.

- Não me surpreenderia se você tivesse trazido um espelho. Nunca imaginei que Gideon fosse capaz de uma alteração tão impressionante!

- Ele disse que foi fácil. Ele sempre diz isso. Agora tenho um rosto novo.

- Escolher uma aparência asiática foi um toque de brilhantismo - Siena sussurrou, olhando para a mulher que passava por elas. - Já é a segunda vez que ela passa por nós.

- Eu percebi. Ela está um pouco nervosa, mas o nervosismo não parece ser dirigido a nós.

- Bem, desde que ela não salte sobre nós no minuto em que deixarmos o restaurante...

- Não. Não senti nenhuma hostilidade ou intenção negativa - Legna respondeu.

- Ah, lá está Anya - Siena anunciou de repente, erguendo o braço para acenar para uma jovem de aparência exótica e cabelos vermelhos. Longos, eles estavam presos em um coque bem trabalhado, mas era possível perceber que eram sustentados no lugar por um único grampo de prata, ou de um metal que parecia ser prata.

Legna notou que Siena também prendera os cabelos, e pela maneira como ela tocava repetidamente o coque apertado, não estava habituada ao estilo. Foi então que Legna compreendeu que os licantropos não se sentiam confortáveis com os cabelos presos. Um inimigo em potencial podia saber disso, e por isso as mulheres licantropo haviam adotado o penteado incômodo para desviar qualquer possível suspeita. A sensação que a situação provocava era para elas quase de estrangulamento, a julgar pela vibração que ela captava.

A rainha olhou em sua direção, aparentemente tomando consciência do que ela pensava, porque se inclinou e esclareceu algumas coisas.

- Quando vir uma de nós mudando de forma, você vai entender melhor. Também vai entender que cabelos presos, no nosso caso, denotam intenção pacífica.

Era uma afirmação enigmática, mas suficiente para aquele momento.

A mulher de natureza híbrida caminhou na direção delas, cumprimentando-as como se fossem velhas amigas, sua atitude afetuosa e entusiasmada como a de uma garota que encontra um grupo de amigas para uma noite de diversão.

- Ah, Anya! Quero que conheça Maggie. Maggie, essa é Anya - Siena apresentou, usando uma forma alterada do apelido de Legna para preservar a caracterização.

- Olá. Prontas para começar?

-Agora?

- Não temos razão para adiar mais - Siena decidiu, levantando-se rapidamente.

Legna respirou fundo e seguiu as duas licantropos, deixando-se acalmar pela confiança que elas emanavam.

Em menos de meia hora, entravam em uma boate. Não eram diferentes

da maioria das mulheres que compunham a clientela. Anya levou-as ao fundo do prédio, e as três passaram por uma porta que, fechada, reduzia o impacto da música pulsante. Ela fez um gesto alertando-as de que estavam prestes a cruzar o portal mágico instalado para filtrar aqueles que ousavam ir tão longe. Se alguma coisa saísse errada, seria agora.

Siena e Anya já haviam passado pelo portal outras vezes com sucesso. Podiam sentir sua energia e sua fonte malévola de magia negra, mas sabiam apenas que o espaço funcionava como um alarme. Não tinham idéia de que a principal função do portal era de filtro. Siena suspeitava de que homens seriam bloqueados, e Legna temia que Demônios também fizessem parte dessa lista. Especialmente agora, com a elevada probabilidade de Corrine ser prisioneira dos feiticeiros no santuário secreto.

Mas Legna sentiu que a mente de Gideon estava conectada a sua, afirmando estar no controle de seus sinais vitais. Ele estava bem perto. Kane e Elijah também estavam próximos. Seu irmão era o único que ela ainda não conseguia sentir. Só precisava confiar nos poderes de Gideon.

As três seguiram em frente, respirando fundo para controlar e disfarçar a tensão. Quando Anya suspirou aliviada no final do corredor, as outras duas a imitaram. Juntas, desceram uma escada que as levou a um espaço subterrâneo muito iluminado, aparentemente um aposento bem embaixo da boate onde haviam entrado pouco antes.

O espaço era decorado com mobília requintada, antiga, e forrado por tapetes persas. Só as paredes e o piso de coloração avermelhada deixavam perceber que estavam no subsolo. Havia elegância, conforto, requinte.

- Isso aqui é muito parecido com a casa de um licantropo - Siena comentou em voz baixa. - Vivemos em cavernas muito parecidas com estas, decoradas com a mesma riqueza que vejo por aqui.

- Não me surpreenderia se estivéssemos exatamente em uma dessas cavernas - Anya respondeu, avaliando o lugar com um olhar atento que lembrava o de um soldado se preparando para uma feroz batalha, estudando todas as saídas e a situação como um todo. - Uma moradia abandonada, deixada para trás quando a cidade foi construída lá em cima. Não é território russo, mas não seria novidade.

De repente, um cheiro horrível de putrefação as atingiu como se fosse uma muralha erigida diante delas. As três tiveram de fazer um grande esforço

para não reagir ao odor das nigromantes que as cercavam. Havia tantas delas, que mal conseguiam respirar. Tudo ali sugeria uma sociedade muito antiga, desde as flâmulas e os simbolismos decorando as paredes até o tamanho do grupo. Muito tempo havia sido necessário para atrair, reunir e conquistar tantas mulheres em torno da mesma causa.

As três se moviam pela sala, lutando contra a repugnância provocada pelo odor de putrefação. O desejo de fugir era imenso, mas Gideon se mantinha nos pensamentos de Legna, acalmando-a e fortalecendo-a para que ela fizesse o mesmo pelas outras duas.

Para as predadoras humanas, elas eram as presas, um papel ao qual não estavam habituadas e no qual, definitivamente, não se sentiam confortáveis. A sensação instintiva não era diferente da de uma raposa jogada em um covil de cães de caça.

O trio seguia em frente. Anya as apresentava a todas que ia encontrando a caminho de uma sala interna. As mulheres conversavam e se comportavam como se estivessem em uma reunião social, mas a conversa girava em torno de mortes recentes, ou de "vitórias" sobre os Nightwalkers que elas haviam encontrado. Legna não conseguia lembrar outro encontro com criaturas tão sedentas de sangue. Nunca em toda a sua vida.

Esse era um reflexo de como a magia negra envenenava a alma daquelas mulheres. Depois de tudo que aprendera sobre instinto e natureza nos últimos dias, Legna compreendia que uma caçadora só caçava de acordo com suas necessidades, e só matava pela sobrevivência e para defender-se. Ela nunca procurava confusão, e deixava os desafios por poder para os machos das espécies. Mas aquelas mulheres corrompidas matavam em nome de uma suposta autodefesa, uma mentira, e procuravam problemas com toda a energia e foco que possuíam. Era o comportamento antinatural, mutante, que tornava o odor delas tão repugnante para as criaturas que mantinham a sintonia com a natureza, como os Demônios e os licantropos.

E o odor se tornava mais insuportável com o passar do tempo. Mesmo assim elas rangiam dentes e insistiam na missão. A multidão se acomodava em cadeiras dispostas em fileiras, como em um auditório. Mentalmente, Legna preveniu Gideon, descrevendo a situação e colocando-o em acentuado estado de alerta. Se não participassem do evento, acabariam atraindo suspeitas, por

isso o trio escolheu cadeiras no fundo da sala, de forma que não houvesse ninguém atrás delas. Além disso, ali conseguiam um pouco de alívio para o terrível mau cheiro.

Havia um palco na frente da sala, uma plataforma erguida que ganhava altitude na medida em que se estendia para sua parte mais posterior. O cenário lembrava um teatro clássico com colunas e piso de mármore branco. A psicologia daquilo era clara: As pessoas do bem sempre usam branco.

Por isso Legna não se surpreendeu quando uma tríade de mulheres surgiu no palco vestindo mantos da mais pura seda branca com capuz do mesmo tecido e da mesma cor. Cada uma delas ocupou uma posição no palco. Havia direita, esquerda, direita e meio. Legna reconheceu imediatamente a tradicional Tríade, a que representava a Donzela, a Mãe, e a Velha. Futuro, Presente e Passado, respectivamente. Siena, oriunda de uma espécie que tinha um profundo respeito pela Deusa que essas figuras representavam, estava horrorizada e perplexa. Legna podia sentir a energia que emanava dela.

A posição do meio era a da Mãe. Se Ruth era uma das líderes ali, ela seria a figura central. Combinaria com o desejo de vingança pela filha destituída.

Legna tentou estudar as três mulheres no palco, mas não ousava empregar toda a força que tinha na tentativa. Sabia que todas ali eram poderosas. Havia uma nigromante no palco vinte vezes mais forte do que aquela que ela mesma destruíra em outubro. Contudo, tinha certeza de que uma delas era um Demônio. E quando elas removeram seus capuzes e começaram a falar para a plateia, Legna se concentrou na figura central

Ela levou alguns instantes para compreender que a figura da Mãe não era Ruth. Rápida, ela voltou a atenção para as outras duas figuras nas laterais do palco.

A traidora estava na posição da Donzela.

- Mary! - Legna sussurrou.

Não era a mãe, mas a própria filha! A mãe devia estar em algum lugar por ali, porque o frágil Demônio da Terra não tinha poder ou sabedoria para arquitetar vingança tão cruel. Ruth se escondia atrás da visibilidade da filha, e Legna sabia disso com a mesma certeza que tinha sobre o próprio nome de força. Mary não tinha o conhecimento da mãe. Jovem ainda, ela sabia apenas

o que a mãe decidia dizer e ensinar, e era evidente que ela dissera tudo que julgava necessário para engendrar um ódio profundo e uma incontável sede de vingança, sentimentos que se voltavam contra Jacob.

Mary nunca tivera um *siddah*, porque a mãe se recusara a escolher alguém por ocasião do nascimento da criança. Agora estava ali, um anúncio vivo e uma explicação eloqüente da necessidade da adoção de padrinhos. Ruth jamais ensinara nada à filha sobre respeito e temperamento, limitações morais ou poderes.

A Donzela era um Demônio da Terra, o mais poderoso elemento no qual uma fêmea da raça podia nascer, depois do Fogo. E ver tanto potencial desperdiçado revoltava Legna. Pior, Mary havia emprestado seu potencial a essas detestáveis criaturas humanas.

Job, pai de Mary, devia estar se revirando em sua sepultura. Felizmente, ele não vivera para testemunhar tamanha blasfêmia. A honra de toda a família seria destruída irremediavelmente. Ruth e Mary teriam de responder por seus atos. Mesmo que Ruth não estivesse participando daquilo, embora Legna tivesse quase certeza de que ela era, sim, parte da rede diabólica. Até um Demônio se tornar adulto, os pais e o padrinho eram tão responsáveis por seu comportamento quanto ele próprio. E ninguém podia ser mais responsável por isso do que Ruth. Além do mais, ela podia estar na posição da Mãe.

Na posição da Velha estava uma nigromante. Legna ia enviando todas as informações para os homens que as protegiam, juntando a elas suas constatações e deduções. Ela era a mais velha do grupo, mas não era uma idosa ou decrépita. A Mãe era a líder das caçadoras, insignificante na escuridão da noite, mortal como veneno à luz do dia. Era uma mulher em excelente forma física e bem treinada, alguém de confiança formidável.

- Logo o Demônio estará retornando ao seu território - Mary anunciou com confiança.

A afirmação a surpreendia, mas também era esperada, paradoxalmente. Jacob jamais retomaria ao local de tal afronta, buscando a própria segurança.

A informação era planejada. Noah a plantara usando Ruth como depositária e mensageira. Agora, a mesma informação era utilizada para o planejamento de um novo ataque à casa de Jacob, e o plano era revelado ao grupo. Dessa vez o inimigo pretendia levar um pequeno exército, e não perderia tempo com jogos psicológicos. A intenção era levar o próprio Defensor,

bem como sua parceira e o filho que ainda nem nascera.

Legna chegava a sentir pena daquela gente. Ruth não revelara ao grupo o que realmente os esperava. Tentar capturar um Defensor era como pegar um porco-espinho sem luvas! Não era uma tarefa impossível, mas o preço da tentativa era alto. Muito alto. Para aquelas criaturas enlouquecidas pela maldade, Jacob era só uma ferramenta do Mal, sua companheira não passava de uma meretriz escravizada, e o bebê que ainda não nascera, era uma espécie de anticristo. Mary apenas alimentava os preconceitos, acendendo nelas o fogo do próprio medo e do ódio, deixando as humanas despreparadas para o que estava por vir.

As três intrusas tiveram de esperar algum tempo até que a reunião terminasse e elas pudessem se levantar e seguir para outras áreas da caverna. Legna usava a cobertura da multidão agitada para encobrir seus sentidos aguçados e em plena atividade. As nigromantes poderiam captá-los, mas teriam muito trabalho para localizá-la, se ela e as companheiras se mantivessem em constante movimento. Mesmo assim, ela mascarava o próprio esforço com habilidade surpreendente.

Legna tentava sentir a presença de Corrine, mas supunha que as emoções da druidesa estivessem deprimidas pelo estado de inconsciência. De repente ela sentiu a força de Gideon atuando por intermédio dela, fazendo o que ela não poderia fazer. Por intermédio dela, o médico tentava identificar o rastro de um indivíduo ferido. O sangue derramado por Corrine era o sinalizador que o levaria a encontrá-la. Corrine não teria tido tempo para curar-se naturalmente, e assim, para Gideon, esse ferimento se tornou um sinalizador a ser seguido. Combinando os poderes de ambos, Legna conseguiu decidir em que direção deveriam seguir. Ela olhou para Siena, que também se mantinha em alerta constante, e a rainha cochichou alguma coisa para Anya, que caminhou até a entrada da seção da caverna onde as duas penetravam, guardando suas costas enquanto fingia uma atitude casual. Elas precisavam de tempo para localizar a exata posição de Corrine. Só o toque preventivo de Siena impediu que Legna se dirigisse sem disfarces ou rodeios ao seu objetivo. Legna não era guerreira ou espião. A licantropo sabia mais sobre essas coisas.

Gideon sentia que Legna se aproximava de várias sentinelas próximas de Corrine. Sufocando a ansiedade, ele se concentrou em alimentar o poder da

companheira, confiando na habilidade de Siena para seguir rastros. Passara cinco anos vendo a rainha dos licantropos praticar. Sabia do que ela era capaz.

- Tenho uma idéia - Siena sussurrou, movendo-se e atraindo Legna até as duas se encostarem a uma parede da caverna, longe das sentinelas. Ela soltou os cabelos e suspirou aliviada. - Sei como desviar a atenção dos Demônios.

Ela se despiu e, nua, entregou suas roupas a Legna. Depois, balançando a cabeça, pôs-se de quatro enquanto os cabelos iam se transformando em uma rica pelagem dourada que cobria todo o seu corpo.

O último espasmo transformou a linda mulher em um animal selvagem, A leoa da montanha olhou para a fêmea de Demônio que a fitava fascinada. De repente, ela se apoiou nas patas traseiras e saltou para dentro da câmara, passando pelas sentinelas com um urro de causar arrepios.

Legna entendia o aviso, Era necessária grande concentração para não ceder ao pavor que as sentinelas emanavam. As mulheres gritaram e abandonaram seus postos, passando por Legna como se hordas do inferno as perseguissem. Contendo o riso, Legna seguiu Siena. A rainha ria debochada enquanto retomava a forma humana e, sem se importar com a própria nudez, conduzia Legna para o interior da pequena câmara antes protegida, Em uma esteira de palha, cruelmente acorrentada à parede e suspensa pelos pulsos ensangüentados, Corrine pendia sem forças, o rosto escondido pela cortina de cabelos.

Legna correu a ampará-la entre os braços, examinando-a para verificar se a extensão de seus ferimentos não tornava perigoso o teletransporte. Ela havia sido duramente agredida. Havia hematomas em seu rosto e muito sangue, mas Legna sentiu Gideon atestando que ela suportaria ser teletransportada.

Legna chamou a rainha para juntar-se a elas.

- Não. Vou ficar e prosseguir com a farsa. Preciso sair pelas vias naturais, seja pela porta principal ou por uma das muitas podas escondidas nessas paredes. Assim, ninguém vai suspeitar de mim. Serei apenas a leoa.

Nesse instante, Anya entrou correndo na caverna, ofegante e muito agitada.

- Elas se aproximam!

- Vão matá-la! - Legna protestou. - Isso é suicídio, Siena!

- Antes terão de me pegar. - A rainha riu, sacudindo os cabelos e voltando à forma animal.

Legna não ficou para ver o final da transformação. Agarrando o pulso de Anya, fechou os olhos e desapareceu com um som abafado, materializando-se momentos depois no beco ao lado da boate por onde haviam entrado na caverna.

Gideon e Kane as esperavam aflitos.

- Temos de sair daqui. O jogo de Siena é perigoso. - Gideon censurou impaciente.

Legna, porém, conseguia enxergar um certo método em toda aquela loucura. As humanas suspeitariam que Corrine havia escapado enquanto elas se ocupavam da perseguição de uma leoa que entrara no esconderijo de maneira inexplicável, talvez por uma das portas ocultas mencionadas pela sábia e habilidosa rainha dos licantropos.

- Você esteve muito quieta esta noite - Noah disse para a irmã. - Imagino que esteja chocada com todo esse episódio.

Legna não respondeu, apenas observou o irmão que, sério, contornava a mesa triangular do Conselho, onde ocorrera à reunião terminada havia pouco. Como vestia calça jeans, tinha a liberdade de colocar os pés sobre a mesa e manter os tornozelos cruzados numa atitude casual, e ela parecia estar apreciando o conforto da posição pouco elegante.

Jacob e os outros já tinham retornado para casa. Gideon removera-se da sala com Kane, alegando ter de ir examinar Isabella e Corrine, certificar-se de que estavam em boas condições de saúde, mas ele sabia que Legna queria ficar sozinha com Noah por alguns minutos. E ela sentia que o irmão estava satisfeito por ela ter ficado, e odiava ter de arruinar esse contentamento, mas, o quanto antes discutissem aquela questão, melhor.

- Noah, eu lembrei.

As sobrancelhas do rei se uniram num momento de confusão. Entretanto, ao ver a expressão séria da irmã e a firmeza grave em seu olhar, ele compreendeu subitamente a que ela se referia. E quase riu alto tomado por uma repentina tensão. Havia imaginado esse dia por dois séculos e meio,

incluindo em sua imaginação até mesmo as palavras "eu lembrei", e mesmo assim o evento o pegara de surpresa.

Ele foi se sentar na cadeira mais próxima dela, afundando no estofamento como se a gravidade o atingisse mais do que a qualquer outro. Legna observou e esperou enquanto o irmão se recompunha, tentando erigir uma barreira mental, mas alcançando pouco sucesso com as emoções já tumultuadas como estavam.

- Não precisa explicar os detalhes do que aconteceu. Gideon o poupou disso. Mas achei que devia saber - ela falou.

- Eu tinha uma sensação de que isso ia acontecer Noah confessou, estendendo a mão para limpar uma mancha inexistente sobre a mesa. - Suponho que esteja pensando que eu deveria ter contado tudo antes, não é?

- Sim. Mas também entendo por que não falou.

- Sinto muito, Legna. Tinha esperanças de que nunca precisasse lembrar esse dia. Eu... fiquei aterrorizado quando percebi o que estava acontecendo entre você e Gideon. Sabia que um influxo de poder dessa magnitude abriria todo tipo de portas.

- Eu sei. E quando essa porta específica finalmente se abriu, compreendi por que você e Hannah sempre se torturaram com essa história. De qualquer maneira, fiquei feliz por não se opor a Gideon pessoalmente, mas a uma situação que o envolvia.

- Tem razão, não era Gideon o problema. E sim as possibilidades da influência dele e a certeza de que ela traria de volta essas lembranças. Espero que ele tenha estado a seu lado no momento em que as recuperou.

- Felizmente, sim, ele estava comigo. - Legna fez uma pausa prolongada para fitá-lo diretamente nos olhos. - Precisa prometer que vai parar de se esforçar tanto para me proteger. Sua rede não é infalível, e você só vai conseguir se esgotar com todo esse esforço inútil. E como sei que você quer que eu seja sua embaixadora junto da rainha dos licantropos, você precisa me pôr a par de todas as questões do reino. Seria tolice guardar segredos.

- Então, está considerando a proposta?

- Sim, estou. Mas antes terei de discuti-la com Gideon. E quero saber... Com franqueza, Noah, por que me escolheu para esse posto?

- Como já disse antes, porque confio em você. Sua lealdade e sua

mentalidade aberta são exatamente o que necessito. Você sabe que é minha melhor diplomata. Não existe escolha melhor.

- Vai ter de confiar em mim realmente, Noah. Não pode mais me proteger como antes.

- Receio que esse seja um hábito praticamente impossível de remover - ele confessou. - No entanto, prometo que vou me esforçar para isso. - Ele sorriu com um misto de orgulho e tristeza.

Legna pôs os pés no chão e se inclinou para o irmão.

- Agora, há algo que precisa fazer por mim.

- Qualquer coisa, minha querida.

- Precisa ter uma conversa com Gideon. Sim, ele está por trás de meus olhos, e sim, ele é relativamente imune aos confrontos emocionais de dois irmãos abalados. - Sorrindo, ela se levantou e o abraçou, encostando o rosto no dele. - Mas ele não merece o que você e Hannah têm lhe feito nessa última semana. Apesar do que todos parecem pensar, acredito que é importante para Gideon ter uma família, e quero que ele compartilhe da minha. Não conheço outra melhor. - Legna baixou a voz e apoiou o queixo no ombro de Noah. - E eu amo Gideon. Com todo o meu coração e com toda a minha alma. Ele tem consciência dessa profundidade, e é capaz de demonstrar sua necessidade por mim com uma profundidade que jamais imaginei ser possível. Como posso ter por ele sentimentos menos profundos?

- Eu entendo - Noah respondeu, afagando a mão dela com carinho. - Tenho sentido essa reaproximação com Gideon desde o início da noite, porque pude perceber finalmente que o amor entre vocês é especial, forte e eterno. Estou feliz por você. De verdade, irmãzinha. Ultimamente tenho sido muito egoísta. Apesar de tudo que disse sobre estar preocupado com sua segurança, tentando preservá-la do sofrimento e da dor, a verdade é que tive medo do momento em que me confrontaria com suas lembranças amargas. Esse medo foi minha real motivação para adotar a atitude de superproteção. Espero que me perdoe.

Noah se virou para encará-la, e Legna o soltou para ir sentar-se sobre a mesa ao seu lado. Cruzando os tornozelos, ela começou a balançar os pés para a frente e para trás.

- Hoje - Noah continuou falando -, alguém me lembrou o valor e a

importância de Gideon para nosso povo, e eu percebi que tenho esquecido de reconhecer tudo isso. É uma maneira muito triste e egoísta de pagar por tudo que ele tem feito a meu pedido ao longo dos séculos. - Sorrindo, ele tocou os cabelos da irmã. - Não é a mesma coisa. Não sem o cumprimento habitual.

- Ah, pare com isso! - ela protestou rindo, removendo a mecha da mão do irmão mais velho.

- Não devia estar em casa com seu marido?

- Hum, suponho que sim. Quero ter certeza de que os quartos de hóspedes serão adequadamente preparados para receber Bella e Corrine. Espero que a estadia das duas irmãs seja muito confortável. É bom saber que elas estarão fora do caminho, protegidas e inatingíveis. Ruth jamais vai pensar em ir procurá-las na distante propriedade de Gideon.

- Concordo plenamente.

Ela desceu da mesa.

- Legna, diga a meu cunhado que espero que ele saiba reconhecer e apreciar a importância do presente valioso que entregarei a ele na próxima noite de Beltane.

Legna sorriu, mas seus lábios tremeram quando lágrimas surgiram em seus olhos. Ela se inclinou para beijá-lo na testa, depois se virou, escondendo a emoção enquanto desaparecia sem causar nenhum ruído.

Os olhos prateados de Gideon cintilavam à luz da lua enquanto, atentos, varriam toda a extensão da área diante dele. Estava encolhido sobre o telhado da casa de Jacob, mesclando-se com a escuridão das sombras em torno da chaminé. Podia sentir seu poder cobrindo toda a área. Tentava sintonizar as emoções daqueles que, naquela noite, iriam até ali imbuídos das piores intenções.

Gideon tinha consciência da posição dos outros. Podia sentir a pulsação de cada um deles e o calor que emanavam. A pulsação de Jacob era mais lenta, pesada, modificada. Elijah era outra história. Famoso por sua calma em uma caçada, nesse momento ele tinha pressão e respiração alteradas. Gideon suspeitava de que a fêmea licantropo ao lado dele tinha alguma coisa a ver com essa ocorrência. Elijah sempre parecia muito incomodado perto dela. O guerreiro sabia como era lutar contra o povo que ela comandava. Trabalhar ao

lado de um inimigo recente devia ser mesmo inquietante.

De sua parte, a rainha se deliciava com o convite para participar da emboscada. Sua química corporal era estranha para Gideon, mas, depois de anos como "prisioneiro" em sua corte, conhecia o suficiente da fisiologia dos licantropos para deduzir que ela antecipava com entusiasmo a caçada, a batalha.

Lá estavam também Noah, a licantropo híbrida e, para completa surpresa de Gideon, o príncipe vampiro. Ele não fora convidado, mas, ao saber da ação, simplesmente se apresentara para colaborar. Damien era o mais estranho no grupo. Para começar, os atacantes não esperavam enfrentar outras criaturas além dos Demônios. Deviam estar preparados para superar poderosas defesas erigidas em torno das Defensoras, mas lutar contra licantropos e vampiros certamente não fazia parte da lista de expectativas do grupo. Jamais se ouvira falar em tal nível de colaboração entre Nightwalkers em todos os séculos de existência dessas raças no mesmo universo.

Legna ficou tensa. Gideon leu suas sensações e identificou batidas cardíacas. Dezenas delas. E poder. Uma medida descomunal de poder.

Fechando os olhos, ele fez uma projeção astral para prevenir os guerreiros que se mantinham escondidos em posições variadas. Depois disso, ele usou o tempo restante para preparar-se, deitando-se de bruços ao lado de Legna, que já se encontrava nessa posição. Observavam o horizonte na direção da encosta da colina, sentindo que o inimigo se aproximava pelo litoral.

O instinto de caçador de Jacob estava em alerta máximo. Ele era o primeiro na linha de defesa. Elijah era o próximo. A força atacante teria dificuldade para contornar essa barreira inicial. Mesmo que conseguissem passar pelos formidáveis guerreiros, ainda teriam Noah a enfrentar em seguida. Não havia dúvida de que teriam de pagar pela dor e pelo sofrimento que já haviam causado. Essa noite eles aprenderiam uma dura lição.

Acima de tudo, seriam forçados a compreender que Jacob odiava o simples fato de ter de estar ali. Os olhos tristes e o coração pesado da parceira estavam com ele, acompanhando toda a ação.

Os agressores surgiram no penhasco como uma onda repentina, os nigromantes brilhando da cabeça aos pés, envoltos por uma intensa luz azulada enquanto levitavam e transportavam centenas de caçadores cada um com facilidade assustadora. Mesmo no escuro, Jacob via os caçadores carre-

gando arcos e flechas preparados para o ataque. Pairava no ar o cheiro da ferrugem no ferro das flechas que, afiadíssimas, tornavam-se mortais. O velho e pesado metal era a única verdadeira fraqueza de todo Demônio. O ferro os queimava, cortava, e podia matá-los com incrível facilidade se os atingisse em alguma área vital. Indiferente da idade e do poder, todos eram vulneráveis.

Jacob praguejou em pensamento, mas não abandonou sua posição. Tentou pensar num meio de prevenir os outros, que não perceberiam como ele a presença do perigoso metal. Ele buscou estabelecer uma conexão com Siena, cuja visão noturna não tinha paralelos.

Siena sentiu a terra se mover sob sua mão e recuou assustada. O guerreiro loiro a seu lado também estava apreensivo, percebendo sua reação. Um dedo invisível riscava a terra. Ela finalmente compreendeu que os traços formavam uma palavra, um aviso enviado pelo Demônio da Terra.

- Ferro - ela sussurrou para Elijah. - Todos eles trazem ferro.

Elijah limitou-se a assentir sem dizer uma única palavra. Depois fechou os olhos por um momento, e só então pronunciou a temida palavra em voz alta. Comandando o vento, mandou o som para o alto, para o telhado. A brisa a transportou até onde o médico e sua parceira mantinham vigília. Os dois se entreolharam. Sabiam que era tarde demais para prevenir os guerreiros atrás deles. Podiam ver as mulheres flutuando pelo penhasco, aproximando-se rapidamente.

Jacob esperou tanto quanto foi possível, planejando pegar de surpresa o maior número possível delas. E a única possibilidade de surpreendê-las era esperar que todos estivessem no mesmo nível que ele, no chão. Não dispunha de tempo, sabia, pois o odor da magia negra já se aproximava com a mesma velocidade com que avançavam as nigromantes. Abaixado, ele enterrou os dedos na terra.

- Vamos lá, minha Senhora, é hora de ensinar essas aberrações a não se meterem com Seus filhos - ele sussurrou para o chão sob seus joelhos.

Com um único gesto amplo, Jacob levantou-se levando com ele uma enorme parede de terra. Toda a área tremeu com o estrondo do solo se erguendo. As forças que se aproximavam foram cobertas por uma chuva de terra, pedra e outros entulhos naturais.

Os nigromantes escaparam com grande facilidade, flutuando mais alto

e fora do alcance do desmoronamento; porém, somente a metade das caçadoras foi levada pela força magnética criada pela feitiçaria. A outra metade sucumbiu sob o peso da terra. Seguiram-se gritos de ordem e confusão generalizada. Jacob não perdeu tempo. Concentrado, alterou as torças gravitacionais na praia sob sua forma flutuante.

No mesmo instante, corpos foram arrastados para baixo pelo próprio peso, jogados com força devastadora contra as pedras.

Novamente, foram as feiticeiras que escaparam do ataque. De repente ele se sentiu atingido por violentas ondas de eletricidade. A força do ataque o arremessou para trás e para o chão, que se abriu sob o peso de seu corpo.

Elijah foi o próximo a saltar para o ar, mas, diferente de Jacob, seu corpo adquiriu a consistência do vento, e os ataques elétricos não o afetaram. Enquanto ele agitava o oceano, acrescentando ar quente e água fria em uma mistura de doses perfeitas que originou uma névoa densa, as forças opostas se viram cobertas pela neblina que desorientava e confundia.

Gideon e Legna estavam em pé sobre o telhado. Protegidos pela névoa que se espalhava rapidamente, eles viram Siena, nua, se recobrir de pêlos dourados que eram como entidades vivas se retorcendo ao vento. A bela mulher era agora uma feroz leoa da montanha.

O rugido felino ecoou na noite, provocando gritos de medo. Forças inimigas aterrissavam aos montes, cinco, dez ao mesmo tempo, perdendo a coesão. Um grito se ergueu sobre os outros. O grito de um humano impotente diante da fúria do selvagem predador.

O vampiro juntou-se à leoa, rápido e fugaz como um espectro. Seus dentes brancos e pontiagudos se faziam sentir antes que sua presença fosse percebida. As caçadoras eram apenas humanas de grande poder, por isso era seguro para ele atacá-las com toda a força de suas presas brancas.

Era o sangue negro dos nigromantes que ele não podia sorver, mas os humanos eram drenados até quase perderem a vida antes de serem abandonados pelo vampiro. Havia um certo prazer envolvido, como era sempre o caso quando ele sorvia sangue de mulheres. Em pouco tempo o grunhido se tornava um sorriso, seus olhos escuros brilhando como ônix com a energia erótica.

Ele foi atingido por algumas flechas de ferro em áreas não-vitais, mas as feridas só permitiam que trocasse seu sangue ainda mais rapidamente. Na

mesma medida em que era drenado, ele se preenchia. Era a primeira vez em séculos que sentia um pulsar dentro dele mesmo. Era o pulsar artificial do sangue fresco, forçando o suprimento existente para fora, pelos ferimentos em seu corpo, mas era suficientemente parecido com o antigo pulsar de seu coração inerte para dar a ele uma súbita euforia.

Com as tropas humanas reduzidas e enfraquecidas, os nigromantes perceberam que estavam em perigo. Alguns invocaram seus Demônios transformados, cujas emoções distorcidas atingiam Legna como golpes físicos. Temendo que ela caísse do telhado, Gideon tomou-a nos braços e saltou para o chão.

Com a terra sob seus pés, Legna recuperou-se rapidamente. Gideon soube disso, porque podia sentir a fúria dela diante das abominações que viam, e essa reação o inundava como uma onda sufocante. Sabia que estavam em dificuldade. Com Jacob preso pela força da terra e cercado pela névoa, e com Isabella em seu leito de recuperação, teriam eles mesmos de destruir aqueles transformados.

Era compreensível que estivessem perturbados por essa constatação. Essa era a batalha mais difícil que um Demônio podia ter. Gideon e Noah eram os únicos, além dos Defensores, que tinham alguma experiência nesse tipo de confronto. Mesmo assim, era uma experiência limitada e ultrapassada. Legna olhou para Noah, compreendendo que ele não poderia atacar enquanto, Jacob estivesse caído no centro do campo de batalha. O Demônio da Terra estaria tão vulnerável quanto os outros.

Ela desapareceu com um estalo e um forte deslocamento de ar antes que alguém pudesse pensar em detê-la. Ouviu o grito de Gideon em sua mente quando reapareceu na área de terra revolta que Jacob deixara para trás. Abaixada, espiou através da névoa tentando localizá-lo. Sabia que ele estava próximo, mas devia estar desacordado, porque não conseguia captar suas emoções. E como todos os outros Demônios, nesse momento ele devia estar emitindo sinais de intensa fúria e grande revolta.

De repente, alguém surgiu da névoa e quase passou por cima dela. Os olhos da caçadora humana cintilaram na escuridão, refletindo a surpresa do encontro inesperado, mas ela logo se recuperou e ergueu o arco. Legna desviou-se da flecha a tempo de evitar o golpe contra um órgão vital de seu corpo, mas caiu dominada por uma dor intensa e um calor que se espalhava depressa pela perna atingida. O grito de fúria de Gideon ecoou em sua mente, rasgando a

escuridão como um som assustador e encobrindo seu grito contido de dor. Legna, no entanto, não era a criatura frágil e delicada que todos imaginavam. Sem hesitar, ela se levantou e investiu contra a atacante, que arregalou os olhos tomados pelo pavor. A julgar por sua expressão de espanto, era de se imaginar que ela esperasse que Legna desintegrasse no ar, como acontecia com os vampiros que eram acertados no coração nos filmes da tevê e nas séries de horror.

Legna atingiu o meio do ventre da caçadora humana, desarmando-a e atirando longe o arco com as flechas enferrujadas. A caçadora caiu, e Legna se atirou sobre ela, arrancando a flecha da própria perna sem dar importância à dor da queimadura provocada pelo contato do aço em sua mão. Sem misericórdia, ela a enterrou no peito da atacante.

A fêmea humana lutava pelo ar que nunca mais encheria seu pulmão perfurado.

Legna se levantou e virou, balançando a trança que se soltava, sentindo os sons, os cheiros e as sensações da noite. Imediatamente, ela identificou a presença de Jacob bem perto dali e avançou apressada, cruzando a névoa densa. Havia outra caçadora no caminho, mas dessa vez estava preparada. Mergulhando na mente da criatura, ela causou um medo tão intenso que fez disparar o coração da humana. Incapaz de suportar a sobrecarga provocada pelo medo, seu coração parou de bater um minuto mais tarde. O medo, literalmente, a matara.

A empata caiu de joelhos ao lado de Jacob. As mãos sentiram a queda de temperatura do corpo inerte e, sem nenhuma hesitação, ela o teletransportou para longe da área de risco. Legna o deixou no sofá da sala de estar da casa dele e teletransportou-se mais uma vez, reaparecendo ao lado do irmão.

- Jacob está seguro. Vá!

Noah assentiu e imediatamente começou a sugar a energia dos inimigos, transformando-a em uma parede de fogo. Ele não se preocupava com Siena. Sentia o calor e a energia da rainha com grande facilidade e podia perceber que ela cercava a área-alvo do ataque, estando já fora dela. Damien já alçava vôo para também deixar a região de perigo.

O mundo explodiu em chamas, gritos de dor e pavor, fumaça e cheiro de carne queimada... e morte. Mas, mais uma vez, os feiticeiros escapavam. Os nigromantes começavam a aterrisar além da parede de fogo, diante de Gideon, Legna e Noah. Elijah se virou para convocar os guardas. A mestiça esperava em silêncio, atenta para seguir a indicação do Demônio.

Noah lançava meteoros de fogo contra as fêmeas corruptas. Gideon tirou a faca que levava presa à coxa e a arremessou contra uma nigromante, usando a segunda faca para cortar o pescoço de outra. Ela se encolheu instantaneamente quando, mergulhando no interior de seu corpo, ele ordenou a imediata interrupção de todas as funções vitais.

A firmeza de seus pensamentos fez parar o coração das bruxas surpreendidas e sem defesa.

Legna havia reaparecido ao lado do parceiro pouco antes da eclosão dessa nova etapa da batalha. Ela tinha consciência de uma coisa: Demônios transformados surgiam cambaleantes da escuridão, muitos deles em chamas, atravessando a parede de fogo sem senti-la. Morreriam, sem dúvida, mas seria um processo lento, e até lá eles poderiam causar grande dano e muita dor. Ela decidiu que tinha de detê-los. Se os mantivessem parados por tempo suficiente, eles seriam queimados.

Demônios transformados tinham somente dois pensamentos: liberdade e luxúria. Liberdade eles já tinham; teria de tentar a segunda opção para envolvê-los e detê-los. Usando toda a força do próprio pensamento, ela começou a projetar cenas de forte erotismo, envolvendo-os com essas imagens. Os transformados começaram a cair, rolando pelo chão e emitindo sons guturais enquanto possuíam parceiras imaginárias.

Enfraquecida pela perda de sangue e pelo esforço necessário ao ato de teletransportar Jacob e voltar, Legna só conseguia deter três ou quatro deles de cada vez, enquanto os outros investiam contra seu irmão e seu amado.

Gideon sentiu quando Legna caiu de joelhos. Ela estava fraca demais, e muito próxima da linha de confronto para ser deixada ali caída. Mas, ao mesmo tempo, tocá-la poderia perturbar sua concentração e interferir no controle que ela mantinha sobre os três Demônios transformados. Sua única escolha era seguir na batalha, protegê-la eliminando as ameaças que continuavam avançando.

Ele lutava incansável, recuperando uma faca e arremessando a outra, girando e investindo contra o inimigo com velocidade moral. Via Noah drenando a energia das mulheres, deixando-as desfalecidas e queimando-as com seus raios de fogo. Muitas conheciam encantamentos que eram como escudos de proteção, alguns ataques não surtiavam efeito.

Damien surgiu de repente da névoa e da escuridão, atacando-as pelas costas. Ele possuía a capacidade de projetar o medo antes mesmo de surgir

diante da vítima. Era um poder das trevas, da malevolência que causava inexplicavelmente o pavor da escuridão, dos monstros sob a cama, da inevitabilidade da morte. Como esse aspecto, a semente do Mal fazia parte de todo ser vivo no planeta, não havia escudo ou encantamento capaz de protegê-los do medo primitivo.

As feiticeiras perdiam a concentração com o avanço de Damien, todos os artifícios de magia negra e todos os elementos de proteção destruídos em consequência da perda desse foco. Ele agarrava as nigromantes uma a uma, o rápido e casual virar de um pescoço seguido pouco tempo depois pelo descartar de um corpo vazio, destituído de vida e energia. Para Damien, a operação não era diferente de uma faxina, da remoção de lixo inútil, e seu descaso era evidente. Muitas daquelas criaturas haviam assado seus irmãos ao sol do meio-dia pelo simples prazer de vê-los virar cinza, e por isso não mereciam sua piedade ou sua misericórdia.

Em oposição à crença mística, um vampiro não queimava imediatamente ao ser exposto ao sol. A criatura aprisionada era tostada lentamente, hora após hora, certamente gritando e clamando por misericórdia durante todo o tempo por que se prolongasse a tortura.

Gideon não sentia culpa, não enfrentava nenhum dilema moral por se livrar daquelas mulheres de maneira tão cruel. Era um destino mais misericordioso do que o que elas haviam planejado para ele e os seus, caso pudessem seguir os caminhos traçados por suas intenções. Mais misericordioso do que os planos que elas tinham para a parceira do Defensor e o bebê que ainda nem saíra de seu ventre.

De repente, uma segunda onda de terra e pedras se ergueu de sob os pés dos Demônios na linha de frente, arremessando os guerreiros para trás e colocando-os nos braços da Mãe Terra. A onda envolveu a força inimiga, empurrando-os de volta para a beirada do precipício, arremessando alguns de seus soldados para o vazio.

Houve um maciço crescimento de força, um poder que surgia de trás dos Demônios envolvidos na batalha. Reforços chegavam. Era um alívio sentir essa força renovada. Os mais poderosos de sua espécie haviam cumprido a pior parte da batalha, destruído a maior parte da força inimiga, mas isso custara a eles grandes doses de energia e saúde. Era hora de esses valentes guerreiros recuarem, abrindo espaço para os reforços que terminariam o serviço.

Jacob correu para Legna, que estava caída no solo macio e aerado que ele havia criado para ampará-la. Ele a amparou com os braços e, livrando-os do peso da gravidade, usou essa mesma força da natureza para impulsioná-los para o alto, para trás da linha de combate.

Gideon estava praticamente sufocado pela necessidade de ir atrás dela, mais sabia que Legna estaria segura com Jacob, e que sua presença ainda era necessária ali, no campo de batalha. Elijah erguia a cortina de névoa, e as nigromantes que haviam sobrevivido ao último ataque investiam contra eles mais uma vez. Elas surgiam no alto do precipício como um irado bando de aves predadoras, gritando encantamentos e feitiços enquanto enfrentavam a força dos Demônios.

Desse momento em diante, tudo foi basicamente magia e desordem, mutilação e morte. O natural contra o antinatural. O mau contra o justo. Jacob deixou Legna aos cuidados da feroz leoa da montanha, que se afastara da linha de batalha. Ela se deitou sobre um braço de Legna e começou a lambe as próprias feridas, enquanto, com os olhos dourados, assegurava ao Demônio que se encarregaria da proteção de Legna pelo tempo que fosse necessário.

Jacob voltou para o campo de batalha. Agora que recobrava todos os sentidos, cuidaria dos Demônios transformados. Sabia que a manipulação de Legna não manteria suas mentes pervertidas ocupadas por muito tempo, se é que, quase inconsciente como estava, ele ainda podia mantê-los sob seu domínio. Ele era o Defensor, e devia puni-los por seus erros e perversões, mesmo que as criaturas desviadas, oriundas de seres de sua própria raça, fossem apenas produto da terrível manipulação da magia negra. Agora eles estavam além de qualquer possibilidade de redenção, além de qualquer esperança de recuperação. A única misericórdia que poderia ter com eles seria a morte rápida.

Flechas de ferro voavam com mais precisão, agora que a névoa perdera densidade, e Demônios eram feridos e mortos. As nigromantes se atiravam à luta com fúria suicida, arrastando com elas outras caçadoras. Esse não era o pequeno exército de que ouviram falar na reunião. Noah começava a suspeitar de alguma informação errada, de dados plantados com a intenção de enganá-las e induzi-las ao erro fatal. Com tantas pessoas envolvidas, essa era sempre uma possibilidade. Suspeitava, porém, que o resgate de Corrine houvesse provocado o influxo humano adicional. O rei achava que, quando essa batalha

chegasse ao fim, a raça dos Demônios descobriria que causara um duro golpe nas fileiras das nicromantes. Nas mulheres, pelo menos. A questão que ainda permanecia era: se Mary sabia que havia sido desmascarada? E Ruth? Agora teriam de caçá-las e mandá-las para a justiça do Defensor?

Os Demônios mudaram para o combate corporal a fim de ultrapassar os escudos de magia com os quais as inimigas se defendiam contra ataques dos elementos. Foi nesse ponto que a fêmea mestiça de licantropo apareceu. Ela podia ser a mais fraca de todos ali num certo sentido, mas era uma lutadora de capacidade impressionante. Era claro que, se fosse uma licantropo pura, adotaria a forma de raposa. Ela exibia dentes afiados, pequenas garras escuras e uma velocidade que deixava vislumbrar pouco mais do que um rastro de couro preto das roupas e os longos cabelos castanhos. Quando ela parava, as vítimas começavam a cair repentinamente como peças de dominó, suas gargantas abertas por aquelas garras pequeninas, mas fatais. Ela lambia uma das garras afiadas, depois sorria e desaparecia novamente como um raio, impulsionada pelo movimento frenético.

A contagem do confronto ainda favorecia os Demônios. Eles eram lutadores mais experientes e habilidosos. A única vantagem obtida por meio de todas as guerras a que haviam sobrevivido era essa: o desenvolvimento de suas habilidades, agora usadas em defesa própria. Tudo era uma tragédia de terríveis proporções. As caçadoras acreditavam poder vencer com sua versão humana de desenvolvidas habilidades de combate, motivação cega, e dedicação total à causa cujo verdadeiro propósito elas nem conheciam. Ninguém gostava da idéia de destruir essas almas desviadas, mas seria tolice deixá-las escapar e sobreviver, pois só estariam perpetuando esse terrível descontentamento gerado pela guerra estúpida,

Humanas começavam a cair. Outras recuavam do campo de batalha. Os Demônios começavam a sentir o gosto da vitória. Como ocorria com todos os confrontos, esse também geraria ramificações. O combate havia sido encoberto, invisível aos olhos da população humana como um todo, graças ao isolamento da casa de Jacob, à neblina e às tempestades promovidas pelos Demônios do Vento. Corpos seriam enterrados e destruídos. O campo de batalha teria de volta sua natureza impecável sem uma única gota de sangue para delatar o embate daquela noite de morte e horror.

Porém, havia uma mancha que se perpetuaria na alma dos sobreviventes.

A perda de vidas humanas e de Demônios. Resultado direto da sede de vingança, nunca poderia ser compensada.

Finalmente, o combate chegou ao fim. Houve pouca cerimônia, e ainda menos comemoração. Os únicos humanos que restavam eram os mortos e feridos. Poucos haviam conseguido voltar à praia além do precipício, lá embaixo, e em poucos segundos alguns Demônios os alcançaram e fizeram prisioneiros. Gideon demonstrava uma assombrosa capacidade de espalhar pelo campo uma forte energia de êxtase, imobilizando os feridos até que Demônios do Corpo pudessem cuidar deles. Ele manteve essa enorme projeção de energia até mesmo quando se virou para procurar pela parceira.

Um Demônio adulto havia cuidado dela rapidamente, dispensando o primeiro atendimento e estancando a hemorragia proveniente do ferimento profundo. Gideon ajoelhou-se diante da figura pálida, olhando por um segundo para o animal licanthropo deitado junto dela. Ele tocou o cabelo de Legna e o rosto sujo de terra e sangue. Seu suprimento de sangue estava perigosamente reduzido, e o coração pulsava valente, tentando bombear o líquido restante, fazendo-o circular com a velocidade necessária para preservar o nível de oxigênio nas células.

Gideon tocou o ferimento na perna de Legna, sentindo a queimadura residual dos fragmentos de ferro deixados na região. O curador havia sido astuto o bastante para não tentar cicatrizar a ferida. O trabalho estava além de sua capacidade, e ele teria causado mais dano do que benefício. Podia curá-la, e já começava a remover os fragmentos de ferro com essa intenção. Ela teria as marcas da queimadura nos dois lados da coxa, mas isso era pouco importante, considerando que poderia ter morrido.

Ele fechou os olhos e dedicou-se ao processo de cura. Enquanto cicatrizava tecidos e solidificava a fratura do osso, segurava o pulso direito de Legna e realizava uma transfusão de sangue usando o dele mesmo. Também estava fraco e esgotado, por isso só podia fornecer o suficiente para assegurar a sobrevivência de sua amada.

Legna começou a recobrar a consciência, e o nome dele foi a primeira palavra a brotar de seus lábios. Gideon sorriu, envolvendo-a com um encantamento que induzia o sono profundo. Depois, ele se sentou no chão, exausto pela manutenção do campo energético, cobrindo todos os feridos que ainda não haviam sido atendidos.

Siena começou a balançar a cabeça, produzindo um ruído estridente do colar em seu pescoço. Os pêlos foram desaparecendo de seu corpo, até que, com um tremor violento, ela retomou o corpo atlético e feminino. Os cabelos longos escondiam a nudez com mais recato do que teria sido possível para um traje de banho, e a mestiça de licantropo já se aproximava de sua rainha trazendo as roupas com que a cobriria. Em menos de um minuto, Anya colocou o vestido em sua soberana, ajeitando-lhe os cabelos com reverência e amor sinceros.

Gideon não dava muita atenção ao que acontecia entre as duas, porque acompanhava atento a reação de Elijah à rainha dos licantropos. Ele tinha no rosto uma expressão tensa, perturbada, provavelmente uma resposta às lembranças das amargas batalhas travadas entre eles. Ambos eram guerreiros implacáveis; quem não os respeitava, encontrava a morte.

Elijah se aproximou ao ver Gideon balançar sob o peso da exaustão, embora o médico já estivesse sentado. O guerreiro o amparou um instante antes de Gideon cair inconsciente. Enquanto o deitava no chão, ele teve consciência dos olhos dourados que o estudavam e fitou-os diretamente.

- Sua gentileza é incomum para um guerreiro - Siena comentou.

- Você também é muito... pacífica para uma licantropo.

- Duvida de minha sinceridade, então.

- E você não duvidaria?

- Eu o consideraria um tolo se não duvidasse de mim, guerreiro. Agora, vejo-me forçada a respeitar sua inteligência superior. Sendo assim... O que acha que devo fazer com isso?

Ela se levantou e partiu sem esperar por uma resposta.

Elijah a viu afastar-se com aquele andar gracioso de felino, característica que preservava mesmo na forma humana.

Todos os Demônios mortos, menos os transformados, seriam chorados na véspera de Beltane. Haveria lágrimas e piras para queimar os corpos, e esse fogo arderia até que as fogueiras de Beltane fossem acesas. Era o ciclo da vida. Morte e renascimento. Era a natureza de Beltane, o rito da Primavera, em sua definição mais crua. Infelizmente, dessa vez o ciclo não era simulado.

Os transformados já haviam sido destruídos. No momento da morte, eles

explodiam em chamas. Jacob cuidou dos corpos dos inimigos mortos. Elijah se incumbia de organizar os prisioneiros para interrogatório. Gideon e Legna se recuperavam na casa do médico.

Como Noah já esperava, Mary e Ruth não haviam sido encontradas. Ficava furioso por pensar que a traição ocorrera diante de seus olhos. Desenrolando-se por meses. Mãe e filha tramaram contra Jacob e Isabella e reuniram um verdadeiro exército para pôr o plano em prática, tudo enquanto Ruth participava do Conselho e de suas deliberações. Pensar nisso o deixava deprimido e exausto.

Mas era anfitrião do príncipe vampiro e da rainha dos licantropos. Tinha de pôr de lado as emoções e cuidar dos preparativos da celebração que se aproximava. Pequenos contingentes dos dois povos haviam sido convidados para o festival dos Demônios, e a ocasião era única por ser a primeira reunião desse tipo na história. Esse era o único fato animador na situação de grande tristeza. Não era um mundo de paz permanente ou coisa parecida, mas já era um começo.

Quando Gideon finalmente acordou, duas noites mais tarde, ele abriu os olhos e viu Legna sentada diante do espelho, enrolada apenas em uma toalha felpuda e com os cabelos molhados. Ela despejava na palma da mão uma loção perfumada com que ele a presenteara alguns dias antes. O perfume despertara em sua mente a lembrança do cheiro de Legna, embora esse aroma jamais pudesse ser duplicado com perfeição.

Ela espalhava o creme pelos braços, hipnotizando-o com o erotismo do gesto. As mãos deslizavam pela pele macia, deixando um rastro brilhante e perfumado. Vê-la tocar o próprio corpo daquela maneira natural e sensual o inflamava.

Desejava-a como nunca. Era como se o corpo estivesse faminto, privado de sua presença única por mais tempo do que realmente estivera inconsciente, como se agora tivesse de compensar a ausência, absorvendo-a por completo.

O perfume da loção o alcançava em ondas, mas ele permaneceu quieto, observando-a. Legna desenrolou-se da toalha, afastando-a, e sentou-se completamente nua diante do espelho. Gideon sentia a parceria inexplicável entre amor e paixão. Ela era linda e desejável, gentil e sensual. Aquela criatura linda, com toda a generosidade, seria sua absolvição. A cada vez que

encontrasse prazer no corpo faminto e receptivo, ela estaria lhe dando um presente de paz e reconciliação, tocando-o com a alma, apagando o pecado com gritos suaves e mãos ávidas.

Gideon sentiu lágrimas de gratidão queimarem seus olhos e quis parar de admirá-la, ao menos o tempo necessário para se recompor. Porém, não conseguiu e simplesmente deixou que a emoção fluísse, mesclando-se com a necessidade pulsante.

Legna continuava cuidando do corpo, virando-se às vezes para examinar os traços e a pele perfeita. As mãos escorregaram sobre os seios e o ventre. Quando se virou para apoiar a perna no banco, percebeu estar sendo observada. Sorriu, inclinando a cabeça, tentando decifrar o que ele estava pensando e sentindo.

Antes que tivesse a chance de fazer isso, Gideon saiu da cama e se aproximou. Ela o olhou com curiosidade, detendo-se na manifestação evidente do desejo. O sorriso malicioso que acompanhou aquele olhar o atingiu, aumentando sua excitação. Ele levantou-a e virou-a de frente. Derramou um pouco do creme na palma da mão e se ajoelhou diante dela. Apoiou o pé delicado em sua coxa e lentamente começou a espalhar a loção pela perna, massageando-a com gentileza.

Legna suspirou. Aquele toque era um bálsamo. Passou as mãos pelos cabelos de Gideon, puxando-o até que o ouvido ficasse sob seus lábios e o beijou suavemente.

- Deixe-me terminar isso, amor. Tome um banho. Relaxe. Ainda estarei aqui quando você voltar...

Legna parou no meio da frase quando ele arrancou-a do banco e colocou-a sobre os ombros, levantando-se. Andou até o banheiro enquanto ela gritava e ria, exigindo que a pusesse no chão. Manteve a mão possessiva em suas costas ao carregá-la até a grande banheira. Colocou-a em pé e ligou a água. Ela pôs as mãos nos quadris e olhou para ele.

Legna moveu-se para o lado oposto da banheira e sentou-se na beirada chutando a água que a preenchia.

Ele a beijou, abafando a risada, mantendo a boca sobre a dela até que o humor fosse substituído pelo calor crescente. Legna pegou o sabão e passou a percorrer o corpo dele com as mãos e logo o banhava com avidez, nunca

abandonando sua boca. Deixou de lado o sabão pouco depois, pressionando os seios contra o peito másculo e enchendo a mão de xampu para fazer movimentos lentos e sensuais no cabelo dele. Enquanto a incrível sensação daquele toque enviava ondas de prazer ao corpo todo, ele ensaboava-lhe as costas e ombros, deslizando as mãos e tomando o seio.

Legna ronronou de prazer contra sua boca e gentilmente inclinou a cabeça dele para enxaguar os cabelos, sendo o tempo todo tocada de maneira excitante. Assim que terminou, Gideon conduziu suas mãos de novo para baixo da água enquanto recapturava os lábios que nunca se cansaria de beijar.

Trocaram carícias quentes e escorregadias em meio a ruídos de prazer. Legna se afastou um pouco, perturbando-o com a súbita distância. Tentou agarrá-la, sem sucesso, até perceber que ela se virava de costas, voltando para seus braços e conduzindo as mãos até os seios, aninhando-os com um som de encorajamento. Ele beijou-a na nuca, fazendo-a estremecer. Colocou uma das mãos em seu pescoço para impedi-la de flutuar para longe dele, enquanto com a outra aproximou seu quadril, trazendo-a para mais perto até que estivesse dentro dela.

O corpo de Legna se arqueou quando ele deu início à erótica invasão, o sabão permitindo que deslizassem de forma estimulante um contra o outro. Ele a puxava sobre si ao mesmo tempo em que arremetia contra ela, penetrando profundamente aquele paraíso feminino que tanto amava.

Legna sorriu de olhos fechados quando ele estremeceu gemendo, sentindo-o mover com facilidade. Era diferente e muito bom. Sem a boca para desviar a atenção, ele observava os movimentos de suas costas ao se mexer sobre ele. Estava completamente concentrado naquela sensação, na estranha e maravilhosa mudança de temperatura entre ela e a água, na fricção crescente entre eles conforme os lubrificantes naturais do corpo eram lavados, substituídos e lavados novamente.

Ela se fechava com tanta força ao redor dele que Gideon mal conseguia enxergar, envolvido na criação daqueles sons de prazer que ele amava escutar. Prestes a atingir o ápice, ele agarrou-a pelos quadris e forçou-a a ficar imóvel enquanto respirava com força e cerrava os dentes, tentando recuperar o controle sobre o corpo que deveria dominar completamente.

Era surpreendente e maravilhoso o que ela provocava. Legna contraiu o corpo ao redor dele até extrair a imprecação que ele soltava em momentos de

aborrecimento máximo. Gideon puxou-a para mais perto.

- Não se mexa...

- Mas eu não quero que você pare - ela disse, apertando os músculos internos para excitá-lo mais ainda.

Antes que ele terminasse de praguejar, ela se viu fora da banheira, sendo empurrada sobre as mãos e os joelhos no carpete branco. Seus quadris foram puxados para trás em direção a ele, o que uniu seus corpos de novo em um só movimento.

Gideon agia mais como animal do que homem, movendo-se com ímpeto e firmeza, alcançando lugares que Legna não sabia ter. Ela gemia e gritava, estimulando-o. Sentiu as unhas dele em sua pele e as investidas primitivas contra seu corpo. Gideon gemeu e arremeteu mais uma vez, com o início de um longo e baixo rugido.

O som aumentava conforme atingiam picos alternados de prazer. Legna foi a primeira a atingir o êxtase, o grito selvagem abafado pelo dele quando explodiu dentro dela. Atirou a cabeça para trás, urrando uma manifestação de contentamento. Ela pertencia a ele. Se algum outro ousasse tocá-la ou tirá-la dele, pagaria o preço para o animal que havia atrás do homem.

A noite de Beltane era fria, mas iluminada por uma brilhante lua cheia. O fogo avermelhava o horizonte. As piras dos mortos haviam ardido na noite anterior, e agora os vivos depositavam flores sobre as cinzas, dizendo o último adeus. Havia perdido sete homens e duas mulheres, nada que pudesse ser comparado às perdas do inimigo, mas tudo para uma sociedade que valorizava cada um de seus membros.

Esses seres do mundo antigo, Demônios ou vampiros, conheceram os tempos das sociedades matriarcais e da adoração, o que muitos hoje chamam de paganismo ou bruxaria. Esses seres nunca duvidariam do poder das fêmeas. A triste batalha havia sido uma lamentável declaração de por que não deveriam duvidar. As fêmeas de Demônio perdidas haviam perecido, protegendo os companheiros, como a ela fora ensinado de geração em geração.

- ... e com o companheiro guardando suas costas você saberá que nenhuma força poderá jamais atingi-lo sem antes passar por seu coração e sua alma - Noah proclamou com voz firme de forma que todos os que se uniam em

casamento naquela noite pudessem ouvi-lo.

Ele mesmo nunca havia realizado a cerimônia anual, mas agora olhava para a mão da irmã caçula, para os dedos que, ornados por fitas, seguravam os de seu companheiro. Olhava para as mãos dos Defensores que haviam sido arrancados dos braços um do outro durante a cerimônia do ano anterior. E olhava para as mãos de Kane e Corrine, ambos adorados familiares dos Defensores, indivíduos que haviam conhecido grande sofrimento por cumprirem sua missão na sociedade. Devia muito a esses três casais, e estava feliz por ser capaz de uni-los por laços duradouros que seriam a representação de seu amor.

Havia mais quatro casais, e todos mantinham a cabeça baixa pela honra de serem casados pelo grande rei dos Demônios. Nas sombras dançantes das fogueiras havia Demônios, vampiros e licantropos, todos assistindo à cerimônia com grande interesse.

Noah ergueu as mãos.

- Todos vocês são amados por seus companheiros, por seu rei, pelo generoso mundo e por todos os elementos que a Natureza nos dá. Nenhum de vocês jamais deverá conhecer o descontentamento de um lar solitário de um coração vazio, porque para sempre serão plenos dessas fontes de amor. A cerimônia desta noite é a perpetuação da vida e de seu ciclo. Vocês serão recipientes dessa continuação. Serão os guardiões do futuro. As testemunhas atrás de vocês os mantêm comprometidos com essa promessa, e vocês se manterão comprometidos um com o outro. Essa semana, vivemos grande tristeza e dolorosas perdas. Mas tudo desaparece sob a luz do fogo que ilumina seus caminhos esta noite. Aqui, nela... - Noah apontou para Isabella. - Está nosso futuro. Tragam-nos a mim, todos vocês, quando eles chegarem, e os amarei como amo vocês. Agora, estão unidos para sempre.

As testemunhas soltaram seus amigos e recuaram, afastando-se dos casais.

- Virem-se, e encostem suas costas nas do companheiro. Será assim para sempre, até o fim de suas vidas.

Mãos unidas por laços foram erguidas no ar enquanto os casais se viravam, costas com costas.

A multidão aplaudiu e os recém-casados riram, virando-se mais uma

vez, agora para o beijo que selaria a união.

A tradição mandava que alguém tentasse afastar o casal. Quem conseguisse a proeza de separar os noivos e romper suas fitas, teria o privilégio de sentar-se ao lado do casal no banquete de celebração. O campo mergulhou no divertido caos de casais e convidados, homens puxando homens, mulheres puxando mulheres.

Jacob agarrou a esposa, já totalmente curada, e flutuou para escapar das mãos estendidas. Gritos de protestos se ergueram do grupo. Gideon e Legna não foram molestados. A reputação do médico exercia forte efeito sobre o sistema nervoso de quem tentava se aproximar.

Ele estava beijando a noiva quando sentiu alguém bater em seu ombro. Era Damien. O vampiro o encarava com uma sobancelha erguida. Legna ria, enquanto seu marido lançava um olhar ameaçador para o príncipe. Mas o sorriso de Legna durou pouco, só até a cúmplice de Damien entrar em ação. Siena a segurou pelo ombro e sorriu. Sua expressão era a de um felino contente.

Legna não conseguiu conter o riso ao se dar conta da brilhante manobra da rainha.

- Sua... sua...

- Cuidado com o que vai dizer, embaixadora. Sua atitude não é muito diplomática.

- E esse seu comentário pode significar uma guerra. - Legna devolveu a provocação bem-humorada.

- Eu não me contentaria com menos - Siena declarou.

Legna e Gideon suspiraram e trocaram um olhar de resignação. Marido e mulher se abraçaram, firmando os pés no chão. Legna sentiu braços fortes enlaçarem sua cintura. Gideon sentiu as mãos determinadas de Damien em seus ombros.

- Querido? - Legna perguntou.

- Sim - ele disse.

-Sim?

- Definitivamente sim.

O vampiro e a licantropo puxaram, mas se descobriram segurando apenas o ar.

Os dois caíram no chão, olhando aturdidos para as fitas que flutuavam e iam caindo em torno deles

- Oh, veja, eles venceram - Legna comentou de onde ela e Gideon assistiam à cena, alguns metros distantes do local.

- É verdade - confirmou Gideon. - Bem, alegrem-se, amigos. Estaremos esperando os dois para o jantar. Parabéns pela vitória.

O casal desapareceu, deixando para trás a realeza vitoriosa, mas, ainda assim, indignada.

Epílogo

- Minha linda, por que esse tapete está molhado?

Legna olhou para o tapete em questão, assumindo uma expressão curiosa como se nunca o houvesse visto antes.

- Temos um tapete aqui?

- Havíamos combinado que você não praticaria dentro de casa sua habilidade de estender arcos de água. E que barulho é esse?

- Tudo bem, confesso que sou culpada pela água, mas foi um engano. Juro. Mas... barulho? Não sei do que está falando.

- Não está ouvindo? Está me atormentando há dias! É como um tilintar que está sempre se repetindo.

- Bem, parece que depois de um milênio, você finalmente ficou senil. Escute, esta casa foi construída por licantropos. É mais uma caverna do que uma casa. Deve haver algum animal de pequeno porte escondido por aí, e certamente o encontrarei quando puder me dedicar realmente à decoração. Não estou ouvindo nada, mas vou procurar pela origem do tal ruído. Satisfeito?

- Magdalegna, juro que nunca mais vou deixar você ir visitar aquela druidesa novamente.

-Ah, pare com isso. Você não pode me intimidar. E pare de gritar comigo. Seu humor tem estado horrível ultimamente.

- Eu não estaria tão irritado se pudesse identificar que barulho é esse.

Legna aproximou-se do marido com as duas mãos às costas, como se

escondesse alguma coisa.

- O que tem aí? - Gideon perguntou desconfiado.

- Lembra-se de quando cortei o cabelo, há algumas semanas? Você queria saber por que...

- E você disse que não diria nada, porque não queria estragar uma certa surpresa. Decidiu pôr fim ao mistério?

- Se não parar de me interrogar, não vou dizer nada nem mostrar o que tenho aqui.

- Já parei. O que é?

Ela exibiu uma caixa amarrada por uma fita. Gideon a aceitou com um sorriso pálido, hesitante.

- Não me lembro da última vez em que recebi um presente.

- Abra-o, então.

- O que é?

- O que parece ser?

Ele pegou o círculo de trama delicada e complexa, inspecionando-o com atenção. O colar fora feito com as mechas do cabelo de sua companheira. No centro havia um pingente oval de prata com uma inscrição em letras minúsculas.

- O que diz aqui?

- É o código de ética dos médicos. - Ela pôs o colar no pescoço do marido.
- Sabia que ficaria perfeito em você.

- Não consigo imaginar como isto foi feito!

- Só posso dizer que foi um processo muito demorado. Mas queria lhe dar um presente que fosse um pouco de mim e um pouco de você.

- Como nós mesmos. Um pouco de cada um de nós. Para sempre.

- Exatamente. É o símbolo perfeito do nosso amor.

- Muito obrigado, meu amor. Mas...

-Mas?

- Se quer mesmo provar seu amor por mim, ajude-me a descobrir o que é esse barulho.

- Tudo bem. De onde ele vem?

- De algum lugar por aqui.

- Sempre no mesmo lugar?

- Não. Nem sempre. Vai pensar que estou maluco mesmo, mas juro que o barulho me persegue. Não pode mesmo ouvir? É como um aparelho de medição programado para funcionar em alta velocidade.

Gideon andava pela sala examinando todos os cantos e superfícies.

- A última pessoa que viveu aqui devia gostar de música e deixou um desses aparelhos funcionando. Ah! Está ouvindo?

- Não. Mas posso ouvir o som nos seus pensamentos. O que... ?

Gideon andava e andava, e se virava de um lado para o outro, seguindo o som, até aproximar-se da esposa.

- É você! Por isso o som me segue. Está usando um relógio?

- Um Demônio de relógio? Nunca ouvi tamanho absurdo.

- Então... Legna! Como pude ser tão idiota? É o bebê!

-Bebê?

- Nosso bebê! Estou ouvindo as batidas do coração dele!

- Então... Estou grávida?

- Certamente! Minha esposa está grávida! Nunca pensei que viveria esse momento!

- Oh, Gideon! Venha, temos de contar a Noah... e Hannah! E Siena e...

Ela ainda recitava nomes quando os teletransportou para fora do castelo.

Fim.